

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROFISSIONALIZANTE EM ADMINISTRAÇÃO

**APOSENTADORIA: PRÊMIO OU CASTIGO?
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.**

VALESCA MOREIRA FREAZA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. FÁTIMA CRISTINA TRINDADE BACELLAR

Rio de Janeiro, 04 de maio de 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**“APOSENTADORIA: PRÊMIO OU CASTIGO?
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.”**

VALESCA MOREIRA FREAZA

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Profissionalizante em
Administração como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre em
Administração.

Área de Concentração: Comportamento do
Consumidor / Marketing

ORIENTADOR: PROF^a. DR^a. FÁTIMA CRISTINA TRINDADE BACELLAR

Rio de Janeiro, 04 de maio de 2010.

**“APOSENTADORIA : PRÊMIO OU CASTIGO?
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO .”**

VALESCA MOREIRA FREAZA

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Profissionalizante em
Administração como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre em
Administração.
Área de Concentração: Comportamento do
Consumidor / Marketing

Avaliação:

BANCA EXAMINADORA:

Professora DR^a FÁTIMA CRISTINA TRINDADE BACELLAR (Orientadora)
Instituição: IBMEC-RJ

Professor DR^a FLÁVIA CAVAZOTTE
Instituição: IBMEC-RJ

Professora DR^a LETICIA MOREIRA CASOTTI
Instituição: COPPEAD – UFRJ

Rio de Janeiro, 04 de maio de 2010.

158.1
F849

Freaza, Valesca Moreira da Silva.

Aposentadoria: prêmio ou castigo? Um estudo exploratório / Valesca Moreira da Silva Freaza - Rio de Janeiro: Faculdades Ibmecc, 2010.

Dissertação de Mestrado Profissionalizante apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração das Faculdades Ibmecc, como requisito parcial necessário para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de concentração: Administração geral.

1. Sucesso, auto-realização, etc.. 2. Comportamento do consumidor. 3. Trabalho. 4. Marketing. 4. Aposentadoria – Aspectos psicológicos.

DEDICATÓRIA

Ao Flávio, meu querido, pelos bons momentos que já passamos e que ainda passaremos juntos.

*“Bem mais que o tempo que nós vivemos,
ficou para trás também o que nos juntou”
(Samuel Rosa e Nando Reis)*

À Bia que, com alegria e ingenuidade, me ensina que a vida pode ser simples e que a distância é um mero detalhe.

*“Para estar junto não é preciso estar
perto. E sim, do lado de dentro.”
(Leonardo da Vinci)*

Ao Fernando, para quem a aposentadoria seria realmente um prêmio. Que ele acabou não tendo tempo de receber.

*“A vida é o que acontece enquanto estamos
ocupados fazendo outros planos.”
(John Lennon)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e primeira professora, Angela, por tudo o que sempre fez por mim. E, principalmente, por ter me ensinado a ler e depois a gostar de ler.

Para meus irmãos e amigos, Vanessa e Phillippe, as palavras são totalmente desnecessárias. Mesmo longe, sinto a sua presença, a sua companhia.

Um carinho especial para Fátima e Ana, pela cumplicidade na vida e pelas tantas horas que passamos, dividindo alegrias, tristezas, prêmios e castigos. Todos os dias!

Obrigada a todos os entrevistados que participaram desse projeto, à Prof. Cristina Bacellar e aos amigos do IBMEC que me deram o prazer de sua companhia em nossos bate-papos, cafês, encontros, etc, etc. Que seja eterno enquanto dure!

E, finalmente, como acredito que todos têm um anjo da guarda, não posso deixar de agradecer ao meu, que me protegeu durante a sua vida e continua fazendo isso depois dela, meu avô Osmar.

RESUMO

A forma como se encara a aposentadoria pode variar de um indivíduo para outro, dependendo das relações que se constroem ao longo da vida e da trajetória de cada um. Assim, a aposentadoria pode ser vista ora como um prêmio, ora como um castigo. O objetivo do presente trabalho, de caráter exploratório e natureza qualitativa, é levantar o que está por trás dos indivíduos nas diferentes fases da vida pessoal e da vida profissional, não se restringindo aos aspectos financeiros ou meramente técnicos relacionados à aposentadoria. Para tanto, construiu-se uma análise, à luz do modelo de comportamento do consumidor, considerando os fatores culturais, sociais, pessoais e psicológicos que contribuem para a formação das atitudes frente à preparação para a aposentadoria. Foram também considerados os aspectos relativos ao trabalho e à relação que os indivíduos desenvolvem com ele, ao longo da vida.

Palavras Chave: aposentadoria, trabalho, comportamentos, atitudes.

ABSTRACT

The way retirement is faced varies from one individual to another depending on the relationships built over their lives and pathways they have taken. As a consequence, retirement can be seen either as a reward or a punishment. The purpose of this exploratory study of qualitative nature is to examine what is behind individuals' motivations at different stages of their personal and professional life cycles, without being restricted by purely technical or financial aspects related to retirement. With this in mind, we have designed a study, based on the consumer behavior model, considering cultural, social, personal and psychological aspects contributing to the development of attitudes towards retirement planning. Also considered were those aspects related to labor and the relationship individuals develop with it throughout life.

Keywords: retirement, labor, life cycle, behavior, attitudes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fases temporais e profissionais dos indivíduos	46
Figura 2 – Aposentadoria: prêmio ou castigo?	65

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IASERJ	Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Velhice x Aposentadoria	28
Quadro 2 – Os entrevistados e suas idades e profissões.....	41
Quadro 3 – Significado do trabalho	57
Quadro 4 – Planejamento para a aposentadoria	62
Quadro 5 – Aposentadoria é velhice?.....	73

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	APRESENTAÇÃO E RELEVÂNCIA DO TEMA	1
1.2	PERGUNTA DE PESQUISA	4
1.3	OBJETIVO	4
1.4	DELIMITAÇÃO	4
1.5	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1	MODELO DE COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR APLICADO À IDEIA DA APOSENTADORIA	7
2.1.1	Fatores culturais	7
a)	Cultura e consumo	7
b)	Traços gerais da cultura brasileira	8
c)	Cultura brasileira e aposentadoria	9
2.1.2	Fatores Sociais	10
a)	A influência dos grupos de referência	10
b)	A influência da classe social	12
c)	A importância dos grupos e das classes sociais para a aposentadoria	12
2.1.3	Fatores pessoais	13
a)	Autoimagem	14
b)	Fases de vida dos indivíduos	15
b.1)	A juventude	17
b.2)	A idade adulta e a maturidade	20
b.3)	A velhice	24
b.3.1)	Velhice e aposentadoria	27
2.1.4	Fatores psicológicos	31
a)	Aprendizado, expectativas e atitudes	31
b)	O papel do aprendizado e das atitudes na aposentadoria	32
2.2	TRABALHO E APOSENTADORIA	34

3	METODOLOGIA DE PESQUISA	37
3.1	APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA	37
3.1.1	Classificação da pesquisa	37
3.2	PROCEDIMENTOS DE CAMPO	40
3.2.1	Perfil dos entrevistados	40
3.2.2	Coleta de dados	41
3.2.3	Tratamento dos dados	43
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
4.1	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	45
4.1.1	O começo da carreira: formação, início e ascensão profissionais	47
4.1.1.1	Estudo, faculdade e os primeiros trabalhos	47
4.1.1.2	Os desafios para se estabelecer no mundo competitivo	49
a)	Reconhecimento e valorização profissionais	49
b)	Estabilidade, sem pressão	50
c)	Satisfação pessoal e profissional	51
d)	Recompensa financeira	51
4.1.2	Maturidade profissional	52
4.1.3	Preparando o caminho para a aposentadoria	56
4.1.3.1	Vendo os outros: o “eu” no espelho	58
a)	Tristes heranças	59
b)	Maus exemplos	60
c)	Bons exemplos	60
4.1.3.2	A habilidade para fazer (ou não) planos	62
4.1.3.3	Dois tipos de preparação: financeira e emocional	63
4.1.4	As expectativas sobre a aposentadoria	64
4.1.4.1	Aposentadoria: prêmio ou castigo?	66
a)	Ócio ou tempo livre: “o tempo pode ficar grande demais?”	67
b)	Acomodar-se com a “perda da capacidade” ou ter criatividade para “contribuir de outras formas para a sociedade”	68
c)	Os relacionamentos e a perda do poder	69
d)	Preocupação financeira, a questão do poder aquisitivo	70
e)	Aposentadoria é sinônimo de velhice?	72
f)	Morte e degradação ou liberdade?	74
4.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	76

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
5.1	CONCLUSÃO	80
5.2	LIMITAÇÃO DA PESQUISA	81
5.3	SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	82
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
	APÊNDICE A	89
	APÊNDICE B	90

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta o tema e a sua relevância. Os objetivos e as delimitações do estudo vêm a seguir.

1.1 APRESENTAÇÃO E RELEVÂNCIA DO TEMA

Depois de anos trabalho intenso, o curso natural da vida deveria culminar com a aposentadoria. No entanto, principalmente em um país como o Brasil, nem sempre é isso que acontece. Cada vez mais, novos caminhos vêm surgindo à frente dos trabalhadores, antes que eles possam saber qual é o momento ideal para diminuir o ritmo, sem que isso seja um rompimento abrupto e doloroso.

A contagem regressiva para a aposentadoria vem sendo cada vez mais adiada por inúmeros motivos. Em muitos casos, as pessoas chegam até a se aposentar oficialmente, pelo INSS. No entanto, se entendermos o conceito de aposentadoria como a saída definitiva do mercado de trabalho, o que se observa é a vontade de escrever um novo capítulo na história profissional, como revela Rogar (2008). Pensemos em alguns fatores que podem ter contribuído para esta mudança de comportamento.

Em primeiro lugar, o perfil da população brasileira sofreu drásticas alterações, em um espaço de tempo relativamente curto para os padrões históricos. No Brasil do início do século XX a expectativa de vida ao nascimento era de 33,7 anos. Entre 1940 e 1980 esse número aumentou de 45,5 anos para 62,6 anos. Em 2004 o indicador aponta para os 71,7 anos, passando em seguida para 72,7 anos em 2007 (IBGE, 2008). Assim, como relatam Araújo et al. (2008), as tendências de envelhecimento e escolaridade da população brasileira atingem decisivamente a

institucionalidade da Previdência Social. Tanto assim, que os aposentados, segundo Simões (2003), são hoje “a maior categoria do país”.

E hoje, não é só em tamanho que este grupo demonstra a sua relevância. É como se o “velhinho aposentado” de outros tempos desse lugar a um “adulto juvenil”, termos sugeridos por Morin (1997) *apud* Faria (2006). Simões (2003), em sua pesquisa, nos revela também uma reformulação dos estereótipos da velhice. A imagem, antes relacionada à apatia e à caduquice, enfatiza agora o discernimento. O “velho que só pensa em comer, dormir, reclamar e dar palpite” e que era um peso para filhos ou parentes mais jovens, contrapõe-se a uma possível condição de provedor da família. Assim, passam a ser vistos como atores importantes no cenário nacional, impressionando positivamente os executivos de marketing, que visam constantemente novos nichos de mercado com poder de compra.

Neste contexto, alguns conceitos importantes precisam ser tratados em conjunto e, principalmente, os que relacionam aposentadoria e envelhecimento. Para Vries (2003, p. 183), “é comum ouvirmos que envelhecer significa abrir mão de algumas coisas”. Podemos dizer o mesmo da aposentadoria. Cedo ou tarde é necessário romper as barreiras com um mundo, que foi seu durante tanto tempo. Se o novo mundo que se apresenta com a aposentadoria vai significar uma experiência positiva ou negativa, um prêmio ou um castigo, depende de cada um. O desligamento pode ser devastador. Ou não, dependendo de como se encaram a vida e as novas possibilidades. Dependendo de como a preparação para a aposentadoria foi feita ao longo dos anos.

Assim também, Lins de Barros (2006, p.109) refere-se à aposentadoria: “como um ritual de passagem para um novo momento da vida, cuja nova função, a princípio, seria uma não-função, ou o ócio”. Alguns estudos ao final da década de 70, ainda associavam a aposentadoria à velhice e a um conjunto de imagens negativas e estigmatizantes, como a perda dos espaços de sociabilidade, constituídos a partir do mundo do trabalho, da falência da saúde e da força física e mental. A aposentadoria era vista então como a morte social.

No entanto, a existência cada vez maior de uma comunidade de aposentados demonstrando saúde e independência financeira mudou a expectativa em relação à velhice. Para Debert (1999), no lugar do recolhimento, da decadência física e da perda de papéis sociais, a aposentadoria surge como o tempo de uma nova sociabilidade, de cuidados com o corpo e a

saúde, de novas conquistas, de realização de antigos sonhos e de renovação da identidade. O surgimento dessa nova fase da vida caracteriza o que tem sido chamado de a invenção da Terceira Idade - uma nova etapa no processo de envelhecimento, que também pode ser traduzida pelos termos *velhice positiva*, *bem sucedida* ou *ativa*.

A relevância deste tema está justamente na junção de todos estes aspectos, por vezes, até contraditórios entre si. Um processo de aposentadoria pode representar um castigo, com implicações negativas, se associado à perda de *status*, de reconhecimento, de renda. Se representar o envelhecimento físico e o estresse emocional.

E por outro lado, pode representar um prêmio, se aliado a novas perspectivas, à busca de novos caminhos profissionais que proporcionarão um maior poder de compra para se consumir os prazeres da boa vida. Se aliado ao pensamento do não fazer nada consciente, do ócio criativo.

Daí constata-se oportunidades nas mais variadas atividades, como por exemplo, nos campos da Previdência Complementar, do lazer e dos esportes. Isso sem falar nos questionamentos sobre a necessidade de elaboração de políticas públicas mais específicas para tratar essa nova realidade. “Os idosos começam a constituir, afinal, uma questão”, Simões (2003, p.224). Seja por suscitarem a discussão do que fazer com tão abundante população inativa e de como sustentá-la sem pressionar demasiadamente o Estado e quem ainda trabalha. Seja pelo leque de oportunidades que se abrem em termos de consumo, como já foi citado anteriormente.

Reflexões sobre a aposentadoria se fazem cada vez mais necessárias, sobretudo no que diz respeito à utilização do tempo do trabalho e do lazer e do que é possível fazer para viver com mais qualidade. Embora de grande relevância, até onde foi possível apurar, não há tantos trabalhos que tratam sobre o tema, pois como já foi mencionado, são questões que surgem com as recentes mudanças pelas quais vem passando a sociedade brasileira.

Daí a motivação desta pesquisa em levantar algumas dessas questões, contribuindo de alguma forma para a discussão do tema.

1.2 PERGUNTA DE PESQUISA

A aposentadoria é o tema central desta Dissertação. Não se espera, entretanto, abordá-la de uma forma exclusivamente técnica, tentando entender os cálculos para um benefício de aposentadoria adequado ou que regras estão ou foram vigentes em determinadas épocas.

O que se pretende é um estudo sobre comportamento, enxergando o que está por trás dos indivíduos em diferentes fases da vida pessoal e profissional.

Diante disso, a pergunta de pesquisa que se propõe é: como os profissionais se preparam para a aposentadoria e como a definem?

1.3 OBJETIVO

O estudo pretende explorar de que forma profissionais de nível superior, que ainda estão no mercado de trabalho, encaram a transição para a aposentadoria: como a definem e quais as suas expectativas para esta etapa posterior ao ciclo profissional.

1.4 DELIMITAÇÃO

Como o estudo se propõe a explorar de que forma profissionais de nível superior, que ainda estão no mercado de trabalho, encaram a transição para a aposentadoria, não consideraremos aqui as perspectivas de pessoas já aposentadas. O estudo tampouco tem a pretensão de propor um projeto específico para a aposentadoria. Pretende-se basicamente entender o que as pessoas pensam a respeito desse momento profissional.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O projeto de pesquisa será organizado da seguinte forma:

O capítulo 1 traz uma breve introdução sobre o tema, explicando porque o tema aposentadoria vem ganhando relevância no cenário brasileiro.

No capítulo 2, a revisão teórica é apresentada a partir dos temas relevantes para este projeto, baseando-se no modelo de comportamento do consumidor. Desta forma, são apontadas algumas reflexões sobre a cultura. A seguir, destacam-se os fatores sociais e os fatores pessoais, onde nos concentramos nas questões relativas ao tempo de vida dos indivíduos. E, finalmente, apresentam-se os aspectos psicológicos, em especial o papel das atitudes. Um segundo bloco teórico tratará das questões relativas ao trabalho e à aposentadoria.

A metodologia de pesquisa vem logo a seguir, no capítulo 3. Aqui, são identificadas as características da pesquisa e do campo realizado.

No capítulo 4, são apresentados os resultados da pesquisa de campo e uma discussão sobre estes resultados.

Por fim, no capítulo 5, seguem as conclusões desta Dissertação, indicando as limitações da pesquisa, assim como sugestões para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo em questão pretende realizar um estudo exploratório sobre a transição para a aposentadoria, considerando as expectativas do próprio indivíduo.

Para responder à pergunta de pesquisa sugerida no item 1.2, o ponto de partida do levantamento teórico foi o comportamento desses indivíduos como consumidores. É importante notar que não precisamos nos restringir à ideia de que compramos somente produtos físicos. O campo do comportamento do consumidor estuda como as pessoas selecionam, compram, usam e descartam não só produtos – artigos físicos – ou serviços, mas também ideias ou experiências. As pessoas, muitas vezes, podem se comportar de uma maneira ou dizer uma determinada coisa e agir em outro momento de forma completamente diferente. Muitas vezes não temos consciência de nossas motivações mais profundas, além de recebermos influências de diferentes fontes a todo momento. (KOTLER, 2000, p.182)

Nesta pesquisa, a ideia a ser consumida é a aposentadoria. Assim, para entender essas questões, à luz do modelo de comportamento do consumidor, foram considerados os seguintes fatores: culturais, sociais, pessoais e psicológicos.

Além disso, após essa discussão, apontamos referências relativas aos temas centrais desta pesquisa: trabalho e aposentadoria.

Todos esses fatores influenciam os indivíduos. Passemos então, nos itens seguintes, à discussão detalhada de cada um deles.

2.1 MODELO DE COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR APLICADO À IDEIA DA APOSENTADORIA

2.1.1 Fatores Culturais

A preparação que as pessoas fazem, ou deixam de fazer, para a sua aposentadoria pode ser o reflexo de uma cultura. O brasileiro projeta o seu futuro ou prioriza o dia de hoje? O seu comportamento é de resignação, aceitando o que se apresenta ou são feitos grandes esforços para alterar o curso da vida? As tentativas para responder a essas questões serão abordadas a seguir, com base na literatura.

a) Cultura e consumo

A cultura é a “personalidade de uma sociedade”. É a “lente através da qual as pessoas enxergam os produtos”. (SOLOMON, 2008, p.562)

Muitos autores, como McCracken (1986), também assumem que a cultura nos envolve e é capaz de condicionar os nossos comportamentos, não só como consumidores mas, sobretudo, como indivíduos. Sendo assim, a cultura determina as prioridades dos consumidores, dos indivíduos, para quem além de bens de consumo, há ideias, motivações, objetivos.

Assim também afirma Hawkins et al. (2007, p.31). A cultura é “um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, as artes, as leis, a moral, os costumes e quaisquer outros hábitos e capacidades adquiridos pelos seres humanos, como participantes da sociedade”. A cultura não seria apenas um resumo de nossas próprias preferências, mas teria o poder de exercer a influência sobre o modo como tomamos nossas decisões. Falando em termos de valores culturais, surgem os conceitos de satisfação adiada ou satisfação imediata que revelam se as pessoas são estimuladas a economizar para o futuro ou se preferem “viver o agora”.

Esses conceitos de planejamento financeiro imediato ou de futuro muito contribuirão para o estudo da aposentadoria. Mas, além disso, também é preciso observar como a cultura brasileira influencia os hábitos dos indivíduos a respeito do tema, o que será abordado a seguir.

b) Traços gerais da cultura brasileira

Durante séculos, o Brasil foi uma colônia de Portugal, a quem devia obedecer e cujas regras e leis devia seguir, sem questionamentos. Essa época colonial deixou marcas e heranças profundas, que podem ser sentidas até os dias de hoje e muito contribuíram para a formação da identidade brasileira.

Um exemplo é a escravidão que durou mais de três séculos no país. Tanto tempo contribuiu, segundo Da Matta (1999), para formar a ideia de que no Brasil, trabalho é sinônimo de castigo, um pensamento que remete aos anos escravocratas. Já em outros países, como os EUA, o trabalho leva à salvação.

A escravidão acabou há mais de um século, o Brasil evoluiu, mas se tornou um país de opostos, segundo o mesmo autor. Da Matta (1999) sugere a ideia de dois “Brasis”: o “brasil”, com “b” minúsculo, explorado, atrasado, fadado à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Um país distante das modernidades do Primeiro Mundo. E um outro “Brasil”, como “B” maiúsculo, capaz de progredir, um país rico, com memória, que carrega consigo uma história. Podemos então comparar o Brasil a uma via de mão dupla. De um lado, um país moderno, o país do futuro. De outro, um lugar ultrapassado, antigo e pobre, devido à má distribuição da renda.

Essa ambiguidade é também a forma como por vezes os brasileiros se comportam frente às instituições. Rocha (1996) reforça que os dilemas brasileiros traduzem uma convivência de contrários e que a alternância entre realidades simbólicas, valorativas e éticas é que acaba, predominantemente, governando as práticas cotidianas.

Além dos contrastes e da ambiguidade, uma outra característica histórica da identidade brasileira é a propensão à informalidade. Nesse sentido, Holanda (2008) define o brasileiro como um homem cordial, sendo cordial não um sinônimo de um homem gentil. O termo cordialidade vem de coração, algo capaz de mover os sujeitos pela emoção no lugar da razão. O homem cordial então, não vê distinção entre o privado e o público. Para este autor, o “jeitinho” brasileiro surgiu desse modo de agir driblando normas e convenções sociais. Algo presente desde os primórdios da construção do país e da personalidade brasileira.

O “jeitinho” também sugere não uma negação às regras formais. Segundo Schwarcz (1995), o “jeitinho” remete a conceitos como flexibilidade, facilidade de adaptação. Para a autora, a identidade brasileira muito tem a ver com a sua origem miscigenada, pois foi construída a partir da diversidade, das misturas, das diferenças. E, por isso, ela pode ser por vezes inovadora, por vezes resignada.

No item seguinte, falaremos sobre como essas características da identidade brasileira influenciam o comportamento frente à aposentadoria.

c) Cultura brasileira e aposentadoria

Como apresentado no item anterior, muito da identidade brasileira é consequência de sua herança colonial. Holanda (2008) relembra um dito da época colonial: “aos inimigos, as leis; aos amigos, tudo”. Isso pode explicar porque a informalidade era no Brasil – e ainda é – uma forma de se preservar o indivíduo. O povo brasileiro teria sido formado sob a concepção de aceitar a vida como ela é, sem imaginar grandes expectativas e sem a cultura de preparar-se para o dia de amanhã, como a preparação para a aposentadoria sugere, a priori.

Assim, percebe-se como os valores culturais também influenciam a formação dos conceitos gerais e pessoais acerca da aposentadoria. Como veremos ao longo do estudo, o planejamento é um fator considerado fundamental quando se pretende alcançar um futuro mais tranquilo, com a manutenção do padrão e da qualidade de vida. Lins de Barros (2006, p.127) nos diz que:

As pessoas têm o trabalho e a vida profissional como uma das áreas fundamentais de sua identidade. Além disso, a liberdade e a autossuficiência individual são valores a serem seguidos.

O único problema é que no Brasil, planejar-se para o futuro nem sempre é uma tarefa simples. O país contabiliza diversos planos econômicos mal-sucedidos ao longo da história, episódios de corrupção e uma grande instabilidade econômica que não favorece a formação de poupanças individuais.

Outros fatores também são de grande relevância para o entendimento do comportamento dos consumidores, no tocante à aposentadoria, como os fatores sociais. Sobre eles falaremos a seguir.

2.1.2 Fatores Sociais

Os grupos, a família e as classes sociais são importantes construtos na formação das atitudes. Se priorizar o planejamento futuro como um item importante, o indivíduo tenderá a seguir esse modelo de comportamento, preparando-se de alguma forma. Isto porque um indivíduo realiza escolhas geralmente compartilhadas com pessoas pelas quais sente estima ou empatia. Portanto, novas ideias e atitudes passam pela aprovação das pessoas de um grupo de referência (MALDONATO, 2004).

a) A influência dos grupos de referência

As pessoas não constroem sozinhas as suas histórias. Charlot (2000) afirma que o sujeito é um ser humano aberto ao mundo, é portador de desejos e é movido por eles. Por estar em relação com outros seres humanos, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e que se encontra inserido em relações sociais compostas pelas suas próprias histórias, relacionadas às dos outros indivíduos. Para esse autor, a essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim fora, no mundo das relações sociais. Assim, dizer que a essência humana é antes de tudo social é o mesmo que afirmar que o homem se constitui na relação com o outro.

Essas questões podem ser analisadas, à luz da Teoria das Representações Sociais que explica os fenômenos do homem a partir de uma perspectiva coletiva, sem perder de vista a individualidade (MOSCOVICI, 1988). Assim, o olhar é voltado tanto para a influência dos contextos sociais sobre os indivíduos como para a participação destes na construção de sua realidade social. Para Menandro et al. (2003), as representações sociais são uma forma de conhecimento social que nos permite interpretar e pensar os acontecimentos da vida cotidiana, a partir do senso comum, de nossas experiências e dos modelos de pensamento que recebemos e transmitimos em nossa sociedade.

De uma forma geral, as pessoas sabem que pertencem a grupos. No entanto, para Briley et al.(2002), na maioria das vezes, não é fácil ter a consciência dos efeitos dos sentimentos desses grupos em suas próprias decisões. Solomon (2008, p.400) revela ainda que “o desejo que algumas pessoas têm de se adequar ou de se identificar com indivíduos ou grupos desejáveis é a primeira motivação para muitas de suas atividades”.

O fato é que cada um adquire os valores do grupo ou da sociedade em que está inserido. Para Macêdo (2002), o processo de aculturação se encarrega de transmitir ao sujeito os valores, as crenças, os mitos presentes na cultura de um determinado grupo. E essa cultura internalizada influenciará o sujeito em suas relações sociais, podendo ser modificada a partir de suas experiências em diversos grupos, ao longo do tempo.

Podemos pensar então que, ao longo de sua trajetória de vida, as pessoas carregam consigo heranças do seu passado inerentes à sua formação e às características que receberam dos vários grupos aos quais pertenceram. Entre esses grupos, destaca-se a família.

Ferrari et al.(1994) afirmam que a família desempenha um papel decisivo na educação formal e informal. Em seu espaço são absorvidos valores éticos e humanitários, aprofundam-se laços de solidariedade e são observados os valores culturais. Nela, trocam-se experiências, encontra-se abrigo e espaço para o desenvolvimento e é em torno dela que se promovem as discussões sobre o futuro e a vida de cada um.

A família também está no limiar de mudanças importantes, sobretudo no leque das transformações econômico-sociais e demográficas pelas quais um indivíduo passa ao longo de sua vida. Além disso, os indivíduos são mobilizados tanto moral quanto financeiramente em torno dela. Por isso, a família articula as diferentes trajetórias de vida de seus membros, fazendo com que tais trajetórias interajam entre si (GOLDANI, 1994). Por isso, para Guerreiro et al. (2005), a família permanece como a principal referência para a projeção de vivências e identidades dos indivíduos.

Além dos grupos de referência, a classe social também pode influenciar as atitudes dos indivíduos, conforme veremos.

b) A influência da classe social

Martineau (1958) afirma que não é exatamente a renda que indica os comportamentos dos indivíduos. A classe social a qual pertencem pode proporcionar uma dimensão muito maior sobre suas preferências e hábitos.

Mattoso (2005, p.01) também concorda que as classes não se definem a partir do nível de renda ou da origem dos rendimentos. A autora também afirma que as camadas sociais podem se expressar por “estilos de vida” e que, por isso, as preferências e gostos não seriam governados por padrões sociais fixos.

O conceito de classes sociais é bastante controverso. Os estudiosos do comportamento do consumidor geralmente reconhecem que os valores, motivações e o processo de decisão de compra de produtos variam de uma classe para outra.

Assim, se o pensamento de uma classe pressupor uma determinada atitude, os seus membros tenderão a agir de forma semelhante.

Conseqüentemente, assim como no caso dos grupos de referência, as classes sociais também podem ter um papel decisivo no comportamento dos indivíduos frente à aposentadoria. No item seguinte, destacamos a interação entre esses dois elementos.

c) A importância dos grupos e das classes sociais para a aposentadoria

A aposentadoria remete à necessidade de preparação, tanto financeira quanto psicológica. Como vimos, os grupos e as classes sociais podem ter um papel determinante neste processo.

Primeiro, considerando meramente o aspecto financeiro, o desejo de manter um padrão de vida no futuro depois dos anos de trabalho, muito tem a ver com a necessidade de autoproteção, mas também como o fato de deixar outras pessoas amparadas. Ou seja, pessoas que pertencem aos mesmos grupos.

Um outro fator, agora psicológico, é que a perda de poder levar muitas vezes à não aceitação pelos seus outros pares. Quando a pessoa se vê destituída de seus papéis tradicionais, sabe que terá que conquistar um novo espaço. Para Stucchi (2003, p.41):

A perda do poder, o *status* como trabalhador refletem preocupações dos ‘aposentáveis’. Cada pessoa, em sua área, detém algum poder, por mínimo que seja. E depois se vê destituído de tudo isso e tem que reconquistar um outro espaço na sociedade, na família. Uma pessoa que tem cargo gerencial, por exemplo, tem uma série de responsabilidades que em casa não têm o menor valor. Lá, ele não é doutor de ninguém, não é senhor de ninguém, não abona falta de ninguém, os filhos vão e entram à hora que querem.

É como afirma Vries (2003, p.183): “a perspectiva de ter que se tornar alguém na multidão é assustadora”. A aposentadoria representa esse medo do desconhecido, a incerteza de ficar frente a um mundo novo, deixando para trás um mundo que até então era estabilizado, controlado. Só se entende realmente a aposentadoria quando chega o momento de passar por ela.

Nesse sentido, nada mais conveniente do que fazer teias de reconhecimento, a partir de pessoas próximas da família ou das experiências dos grupos ao quais se pertence. Quando a situação ainda não foi vivida, não há informações dentro da própria perspectiva. É como se fosse possível obter leituras da própria identidade, “detectando sinais emitidos pelos outros”. Isso é o que Solomon (2008, p.179) denomina “o eu do espelho”. Ou seja, “ver-se no papel do outro”.

Como vimos, fatores sociais são determinantes para o comportamento dos indivíduos. Assim como também os fatores pessoais e psicológicos, que serão abordados nos itens a seguir.

2.1.3 Fatores Pessoais

A reflexão sobre o comportamento dos indivíduos frente à aposentadoria começa com a definição que cada um faz de si mesmo, a sua autoimagem. Um outro aspecto também determinante e de grande relevância para este trabalho é o conceito de fases de vida dos indivíduos.

a) Autoimagem

Um conceito primordial para o entendimento deste trabalho é o de autoimagem. Ou seja, “a totalidade dos pensamentos e sentimentos de um indivíduo em relação a si mesmo”. (HAWKINS et al.,2007, p.228). A autoimagem real é como as pessoas se percebem. É ela que define quem pessoa realmente é no âmbito pessoal e familiar e é também composta pelas atitudes que toma para si própria.

Além da autoimagem real, definida acima, temos ainda a social e a ideal. A autoimagem social se encarrega de como a pessoa é vista ou como gostaria de ser vista pelos outros. Ela é predominante nos papéis que cada um representa em sua atuação na carreira e na vida profissional. O modo como o indivíduo vivenciará a aposentadoria pode ser compreendido a partir da relação que o indivíduo estabeleceu, ao longo de sua vida, entre o papel profissional e o tempo livre. Além disso, o trabalho é a principal atividade do homem, visto que norteia e é integrante de sua identidade (RODRIGUES et al., 2005).

Finalmente, a autoimagem ideal define quem a pessoa gostaria de ser. Em linhas gerais, como alguém se imagina, a sua personalidade, as suas memórias e as suas emoções contribuem para as atitudes a serem tomadas no futuro.

Desta forma, a busca pelo sucesso e pela aquisição de bens materiais também pode ajudar a construir a definição que um indivíduo faz de si mesmo. Para Jolibert et al. (1997), os conceitos, os valores, as motivações e as metas pessoais foram considerados como ponto de partida para a análise sobre a vida privada: uma pessoa que reúna tais conceitos seria então movida pelo desejo de sucesso profissional, social e pessoal. Na opinião de outros autores, como Hawkins et al. (2007, p.229), trata-se do eu estendido, onde “as pessoas definem a si mesmas por meio de suas posses. Assim, algumas posses são parte integral de sua autoidentidade”.

E se por definição considerarmos que as pessoas são o que possuem, ao perder as suas posses, essa pessoa também perde um pouco de si mesma. Principalmente, quando os indivíduos são tão intimamente relacionados ao seu trabalho e às suas atividades profissionais, pois o que acaba ficando de lado é a sua própria essência.

Paralelamente ao conceito de autoimagem, igualmente importantes são os conceitos relacionados às fases de vida dos indivíduos. No item seguinte essas questões serão abordadas.

b) Fases de vida dos indivíduos

Não parece ser fácil definir a idade a qual se pertence. Vejamos o que diz Motta (2003, p.225), em seu estudo sobre a idade cronológica dos indivíduos.

As sociedades em determinados momentos históricos atribuem um significado específico às etapas do curso de vida dos indivíduos: infância, juventude, maturidade, velhice. Também estabelecem as funções e atribuições preferenciais de cada grupo de idade na divisão do trabalho e dos papéis na família. Essas atribuições são em boa parte arbitrárias, porque nem sempre se firmam numa materialidade ou uma cronologia de base biológica quanto às reais aptidões e possibilidades, e sim em relações construídas num tempo social essencialmente dinâmico, mutável.

Da mesma forma, Melucci (1997) afirma que uma sequência temporal não é necessariamente uma evolução linear, na qual ocorra a substituição das fases primitivas pelas fases mais maduras, de tal forma a cancelar as experiências precedentes. O autor defende a ideia de que os fenômenos evolutivos presentes nas mudanças dos ciclos vitais são fatos que dizem respeito a cada momento da existência, fazendo das mudanças ou transformações uma característica estável da vida do indivíduo.

Sendo então difícil determinar a fase da vida pela qual se está passando, mais ainda deve ser a tarefa de identificar os papéis que é preciso desempenhar em cada fase. Para Solomon (2008, p.104), “o aprendizado é um processo contínuo. O nosso conhecimento sobre o mundo é revisto constantemente, enquanto somos expostos a novos estímulos que nos permitem modificar nosso comportamento posteriormente”. Sendo assim, o autor também afirma que à medida que envelhecemos, nossas necessidades e preferências mudam, geralmente de maneira semelhante à de outras pessoas com a mesma faixa etária. Além disso, Solomon (2008, p.548), baseado em relatos de pesquisadores de mercado que estudam os consumidores, lembra que as pessoas se vêem com 10 a 15 anos menos do que realmente têm. O que nos remete à sabedoria popular de que a idade é mais um estado mental do que físico. “A perspectiva mental e o nível de atividade de uma pessoa têm muito mais a ver com sua

longevidade e qualidade de vida do que a idade cronológica, o número real de anos vividos”. Trata-se da idade percebida, ou seja, a idade que a pessoa sente ter em relação à sua idade cronológica. Nesse sentido, Peralva (1997, p.15) também acredita que “as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento biopsíquico dos indivíduos, não são um fenômeno puramente natural, mas social e histórico”.

Embora concordemos com os autores acima citados, Motta (2003), Solomon (2008) e Peralva (1997), de que a idade é muito mais um estado psicológico do que uma precisão etária da vida, há algumas classificações oficiais para delimitar cada uma das fases da vida. E são essas que tomaremos como base para organizar o escopo do trabalho. É interessante observar que tais classificações diferem um pouco, segundo o Instituto ou a Lei que os organizou.

Segundo dados pesquisados no site do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2008), a classificação etária da população brasileira seria subdividida da seguinte forma: crianças: de 0 a 14 anos; adolescentes: de 15 a 19 anos; jovens: de 15 a 24 anos (confundindo-se um pouco com a faixa anterior); adultos: de 25 a 59 anos e idosos: a partir de 60 anos de idade.

O Estatuto do Idoso, disponível em BRASIL (2009), é destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente, segundo a mesma fonte, considera como criança, para os efeitos da Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

O primeiro Estatuto da Juventude no Brasil foi apresentado em SÃO PAULO (2009). Este Projeto busca a criação de uma Lei para assegurar os direitos das pessoas entre 15 e 29 anos de idade. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD – 2007, IBGE (2009b), também adotou este novo recorte etário. Antes, geralmente era tomada por “jovem” a população na faixa etária entre 15 e 24 anos. A ampliação desta faixa para os 29 anos não é uma singularidade brasileira, configurando-se, na verdade, numa tendência geral dos países que buscam instituir políticas públicas de juventude. Há duas justificativas para tal mudança: a maior expectativa de vida da população em geral e a maior dificuldade desta geração em ganhar autonomia em função das mudanças no mundo do trabalho.

Até onde foi possível apurar, não foi encontrada nenhuma Lei, Projeto ou Instituto que definisse com precisão a idade adulta. Com base nas classificações apresentadas acima, por dedução, consideraremos que essa faixa etária esteja compreendida entre os 30 e 59 anos de idade.

O entendimento sobre as fases da vida em termos etários é necessário para o estudo sobre aposentadoria, pois o cerne da questão está no indivíduo, em como ele se autodefine e faz as suas escolhas de vida, em cada momento de sua história. Como nos revela Lins de Barros (2006), a noção de um indivíduo consciente de si é básica para a construção de um projeto, pois memória e projeto de vida são noções relacionadas. Segundo a autora, o tempo da biografia de cada indivíduo é como uma trajetória e, ao mesmo tempo, uma história que o engloba e que ele mesmo constrói.

Nos itens seguintes, tentaremos compreender como os indivíduos fazem algumas dessas construções nas diferentes fases da vida. A infância e a adolescência foram omitidas pois, quando relacionadas ao trabalho, refletem uma trajetória diferente da que pretendemos abordar. Elas deveriam ser um tempo de estudo e de preparação para o adulto que se formará no futuro.

Consideraremos então o modelo juventude, maturidade ou idade adulta e, finalmente, velhice. Tal modelo é considerado por alguns autores como o ciclo de vida ternário, no qual o percurso etário é organizado em três tempos sucessivos, com funções distintas: a juventude se forma, a idade adulta trabalha e a velhice tem direito ao repouso (GUILLEMARD, 1995).

b.1) A juventude.

"Em nossas loucas tentativas, renunciamos ao que somos pelo que esperamos ser."
William Shakespeare, em "Sonho de uma noite de verão"

A juventude é considerada uma fase de muitas mudanças para o indivíduo. Nessa idade, muitos reflexos da adolescência ainda podem ser sentidos pois, segundo Solomon (2008), ainda há muita incerteza quanto ao eu e a necessidade de se pertencer a um grupo. A identidade ainda está em formação e, sendo assim, as necessidades estão de certa maneira relacionadas à experimentação, à associação, à independência, à responsabilidade e à

aprovação dos outros. Müxel (1997) afirma que a juventude cristaliza as condições da aceitabilidade, a partir de alguns pressupostos de sua própria identidade: a inocência da mocidade, a força das motivações, a exigência de suas expectativas e aspirações.

Para Melucci (1997), a juventude não é somente uma condição biológica, mas uma definição cultural, simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem a característica juvenil, tornando provisórias as decisões profissionais e existenciais. Por isso, nesta fase há ainda uma forte influência de alguns atributos tradicionais da adolescência – incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança – que se deslocam para essa fase, permanecendo na personalidade dos indivíduos.

O jovem então seria não somente um, mas vários sujeitos, cada um com a sua especificidade. Por isso, para Dayrell (2003), a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma.

Por abranger tamanha diversidade de conceitos, será possível delimitar o período que compreende o início e o fim da juventude? A questão parece não ter uma resposta simples e direta, pois há muitas maneiras de se classificar e entender o conceito de juventude. Tal entendimento pode ser feito por vias psicológicas, sociais, antropológicas, geográficas, religiosas e muitas outras.

Pensando em termos oficiais e considerando o caso brasileiro, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – 2007, do IBGE (2009b), classifica como jovens aqueles brasileiros com idade entre 15 e 29 anos e os “apelida” da seguinte forma: de 15 a 17 anos, jovens adolescentes. De 18 a 24, jovens-jovens. E, finalmente, de 25 a 29, jovens adultos.

Será possível seguir tão precisamente esse corte, de forma racional, quando se pretende explorar o tema relacionado à juventude? De uma forma geral, a opinião de diversos autores é que não. Não se pode pensar tão cartesianamente quando se pretende observar as fases de vida dos indivíduos. Sobretudo, no caso da juventude, quando os conflitos existenciais parecem ser ainda maiores.

Melucci et al. (1992) consideram que a vida segue um curso temporal, cuja maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades, o que não tem uma idade precisa para

acontecer. O início da juventude seria então marcado por sinais corporais e psicológicos, mais especificamente, pelo momento em que se adquire a capacidade de procriar. Além disso, haveria outros indícios, como a necessidade de desligamento da proteção da família, o surgimento das responsabilidades, a busca pela independência e pela autossuficiência.

Para Martins et al. (2005), os jovens vêm ganhando espaço de acordo com os diferentes papéis que desempenham na sociedade, onde são caracterizados amplamente por sua diversidade. E, além disso, pela forma como administram com criatividade a transição para a vida adulta, diante de um cenário social e econômico marcado por incertezas e riscos. Um outro aspecto relacionado à juventude, segundo essas autoras, é a forte relação dessa fase da vida com o risco e a emoção. Assim, na busca de realizações e sucesso, o jovem é visto como mais exposto aos perigos e mais disposto a enfrentá-los. Trata-se da cultura do risco, onde a experimentação dos limites e a destrutividade são aspectos significativos.

No artigo de Dayrell (2003), também se observa a abordagem que trata o jovem como sujeito social. Para o autor, a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. As transformações físicas e psicológicas pelas quais um indivíduo passa, numa determinada faixa etária, variam de acordo com cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e ainda segundo as diferentes classes sociais, culturais e regiões geográficas, dentre outros aspectos. Assim, construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com a vida adulta.

Um outro conceito também frequentemente atribuído à juventude é o de transitoriedade, segundo o qual somente na vida futura, adulta, as ações do presente ganharão sentido. Assim, em nome do futuro, o jovem estaria sempre em busca de novos projetos, como o diploma, o término do curso, a promoção, como se o seu presente não tivesse espaço para o que é bom e válido. Por isso, aos jovens é permitido o erro, o ensaio. Sendo a juventude um tempo de experimentações, é também um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, pela liberdade e pela expressão de comportamentos exóticos (LECCARDI, 1991).

Kehl (2007) afirma que, por ser a juventude um estado de espírito, um sinal de saúde e de disposição, um perfil do consumidor, uma fatia do mercado em que todos querem se incluir, ela vem ganhando mais prestígio nos últimos anos. Até bem pouco tempo, segundo a autora, a cultura que prevalecia era a de que homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtiva e reprodutiva da vida do que quando ainda habitavam “o limbo entre a infância e a vida adulta chamado de juventude”.

Transformação, sujeito social, transição, diversidade. Tudo isso, além de outras coisas, é o que a juventude representa. E, na opinião de Godoy (2007), o que ela carrega de melhor é justamente a utopia da mudança. E não o símbolo do consumo exacerbado. Para o autor, a juventude significa uma revolução permanente, que não lamenta o passado e se empenha numa constante renovação.

Daí também ser tão fundamental compreendê-la, o que contribuirá para o objetivo central deste trabalho de pesquisa, que é a aposentadoria em seus mais diferentes aspectos. Considerando, embora não de forma estanque, que uma pessoa supostamente seria jovem até os 29 anos, será que os caminhos profissionais já estão totalmente definidos com o limiar dessa idade? E depois de tantas reviravoltas no currículo profissional, quantas outras ainda surgirão e influenciarão os planos para o futuro? Pode até ser que eles já tenham alguma relevância. Mas, nessa fase da vida, a prioridade parece ser mesmo o curto prazo, o viver agora, o presente. De qualquer maneira, o indivíduo que aqui se forma influenciará diretamente o adulto maduro em sua plenitude profissional e, conseqüentemente, o idoso que um dia tomará o lugar desses outros e que, se espera, tenha direito ao seu repouso merecido.

b.2) A idade adulta e a maturidade.

“A personalidade se desenvolve no decorrer da vida. (...) De início não sabemos o que está contido em nós, que feitos sublimes ou que crimes, que espécie de bem ou mal. Somente o outono revela o que a primavera produziu, e somente a tarde manifesta o que a manhã iniciou”.
Jung (2002)

O tempo tem direção e o seu significado só se torna inteligível a partir de um ponto final, o fim da história. A própria ideia de um curso da história deriva de um modelo de tempo que pressupõe uma orientação para um fim: progresso, revolução, riqueza das nações ou a salvação da humanidade (um tempo linear que se move em direção a um fim é a última herança dessacralizada de um tempo cristão). Existe então uma unidade e uma orientação

linear do tempo; e o que ocorre nele, o que o indivíduo experimenta, adquire sentido em relação ao ponto final: todas as passagens intermediárias, como a idade adulta, são medidas em relação ao final do tempo (MELUCCI, 1997).

Como já constatamos anteriormente neste trabalho, a definição das faixas etárias para cada fase de vida de um indivíduo não é uma tarefa simples. Não se pode fazê-lo exclusivamente de uma forma técnica, pois aspectos emocionais e psicológicos estão envolvidos nessas questões. Dessa forma, apresentaremos a seguir a classificação oficial do que seria a idade adulta no Brasil, segundo dados do IBGE (2009a), e ainda faremos um apanhado de outras fontes que a caracterizam à luz desses outros aspectos, mais abstratos.

Tomando como base a evolução cronológica, a idade adulta no Brasil, ou maturidade, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD – 2007, disponível em IBGE (2009b), está representada por 72,2 milhões de indivíduos entre 30 e 59 anos de idade, número que equivale a 37,8% da população brasileira. Em comparação com a juventude e a velhice, a idade adulta é a mais numerosa no país. Anteriormente, em outras PNADs, o início desta fase dava-se aos 25 anos de idade. Mas, no Brasil e em outros países do mundo vêm ocorrendo fenômenos que “atrasam” a saída da etapa anterior, a juventude. Exemplos destes fenômenos são: a maior expectativa de vida da população e a maior dificuldade dos jovens em ganhar autonomia em função das mudanças no mundo do trabalho.

Segundo Guerreiro et al. (2005), em um contexto de risco, como o brasileiro, os pais apóiam os filhos mesmo na vida adulta, dando origem a novas solidariedades e dependências. Assim, os filhos muitas vezes acabam permanecendo em suas casas até uma idade mais avançada, o que gera uma situação de ‘semi-dependência’ e altera as condições da família tradicional. Daí hoje, pela classificação brasileira, um indivíduo ser considerado adulto tendo cinco anos a mais do que em outros tempos.

Para Paixão et al. (2005), ao contrário do que define a classificação acima, da PNAD – 2007, o início da idade adulta varia de pessoa para pessoa e a passagem bem-sucedida para esta fase depende da resolução satisfatória das crises da infância e da adolescência. Os autores dividem a idade adulta em três períodos, sem pontuar uma idade cronológica para cada um deles: idade adulta inicial ou jovem; idade adulta média e idade adulta tardia. Para tais autores, é na idade

adulta que os indivíduos alcançam a plena maturidade, assim como o potencial para a sua própria satisfação pessoal.

Klering (2006) afirma também que a idade adulta pode se constituir no período mais longo da existência de um indivíduo. Sendo assim, não é uma fase estática, mas uma etapa de mudanças contínuas.

Aspectos relacionados às mudanças e transições, tanto individuais como sociais, na idade adulta são destacados por Levinson (1974). Muito embora, ele também acredite que haja espaço para momentos mais estáveis. Para o autor, a vida adulta é marcada por períodos de estabilidade e transição. Aos períodos de transição, sucedem-se momentos em que o próprio indivíduo passa por transformações, na forma em como vê a si próprio e o mundo. Exemplos desses períodos de transição são o casamento, o nascimento dos filhos, o divórcio. Assim, para o autor, a vida é constituída pela alternância entre essas estruturas ditas estáveis e os momentos de transição.

Weathersby (1978) e Mc Clusky (1986) também consideram que as diversas fases da vida são marcadas por acontecimentos como os que já foram exemplificados acima (casamento, etc). Para os autores, na vida adulta, o indivíduo precisa assumir novas tarefas, tais como: o entendimento de como ser adulto, a procura pela estabilidade e pela segurança, o confronto com a mortalidade. O surgimento de novos papéis e tarefas é, muitas vezes, gerador de conflitos para os indivíduos. Para Smith (1993), tais acontecimentos permitem aos adultos explorar os seus significados e valores pessoais a fim de torná-los mais congruentes com a realidade.

Guerreiro et al. (2005) lembram que, durante um longo período, a transição para a vida adulta correspondeu ao momento em que os jovens abandonavam a sua família de origem e casavam, constituindo uma nova família. Hoje, no entanto, a transição familiar tende a prolongar-se, a ficar mais complexa e a diversificar-se, gerando uma pluralidade de situações e trajetórias.

Para Riverin-Simard (1984), durante a vida, os adultos vivem fases de grandes questionamentos, o que reflete um constante dinamismo. Pensando em termos da vida profissional, a autora a divide em três momentos. Entre os 20 e 35 anos de idade, o indivíduo

entra no mercado de trabalho e constata que há uma grande distância entre o aprendizado acadêmico e a prática profissional. Dos 35 aos 50 anos, chega um momento de reflexão acerca do próprio percurso profissional, o que ajudaria a definir o próprio caminho pessoal. A partir dos 50 anos, o adulto começa a criar condições para que a sua retirada do mercado de trabalho seja favorável.

Clímax, auge, experiência podem caracterizar a idade adulta e a maturidade. No entanto, quando se restringe a esses construtos, perde-se a noção de que essa fase da vida é também um processo. E, sobretudo, uma época ainda de indefinições e incertezas, à semelhança da juventude. A diferença é que aqui, sendo adulto, o ser humano tem, geralmente, uma maior consciência sobre si mesmo e a noção de que está em seu melhor momento, em sua plenitude. Assim, lida melhor com o vai e vem da vida. Ou pelo menos dele se espera que lide melhor com as incertezas.

É assim que a compreensão do ser humano é fundamental para o nosso estudo sobre a aposentadoria. Cada uma das fases da vida dá as suas contribuições para um indivíduo que está sempre em construção. Todas essas características que reunimos ao longo da vida contribuirão para a construção do que nos tornaremos no futuro. A vida que levamos fará diferença na preparação desse caminho.

Na idade adulta, a maturidade é resultado da experiência adquirida. Maturidade esta que nem todos alcançam. Para Allport (1961) existe o conceito da “extensão do sentido do eu” ou “extensão do *self*”, ou seja a capacidade de sair de si próprio, alargando a fronteira do seu eu para os outros. Assim, o indivíduo maduro deve também se preocupar com os outros. Na personalidade madura, a vida não deve estar relacionada somente a necessidades imediatas, mas a uma ampla variedade de atividades. A extensão do *self* envolve projeção para o futuro, planejamento, perspectiva.

Podemos fazer uma analogia com a Biologia: se todo ser vivo nasce, cresce, se reproduz e morre, a idade adulta é a fase de reprodução. Em nosso caso, não só a reprodução da espécie, mas também de ideias, ideais, de conhecimento. É sobretudo um momento para se fazer planos e para a criação de uma autodefinição, que será fundamental para a vida que se pretenderá levar no futuro, quando o padrão das atividades se transformará. Isto ocorrerá na velhice e na aposentadoria, fases em que a satisfação pessoal, o prazer e a realização de

sonhos adiados em outras etapas da vida podem ou não ser consolidados, dependendo de como um indivíduo viveu em outros períodos, Debert (1999).

A vida adulta é uma etapa para o desenvolvimento pleno, para o ápice, em termos pessoais e profissionais. Não que esses objetivos não sejam perseguidos em outras fases da vida. Mas é aqui que as oportunidades de crescimento são mais factíveis. A juventude é uma época de preparação e a velhice deveria ser um tempo para se colher os frutos de uma trajetória bem-sucedida.

b.3) A velhice

“O sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana .”
Beauvoir (2008), em “ A Velhice”

Vries (2003) lembra que antes dos 30, as pessoas se acham imortais. Depois dos 40, isso começa a mudar. Com a idade avançando e a forma física em declínio, as pessoas tendem a pensar na vida mais como o tempo que lhes resta do que como o tempo que vai do nascimento à morte. Mas não importa como definimos a nós mesmos: se mais jovens do que realmente somos, se mais velhos do que parecemos ser. O fato é que cada história tem começo, meio e fim. Esse é o nosso tempo humano.

Ao longo deste trabalho, já tivemos a oportunidade de observar as passagens intermediárias: a juventude e a vida adulta. Agora, considerando que o curso natural da vida seja respeitado, passemos à fase final do ciclo de vida: a velhice. Como sempre, mais uma vez, a exemplo do que ocorreu na descrição das outras fases da vida no decorrer deste trabalho, é muito difícil e até superficial delimitar uma fase sem a análise de um contexto periférico mais profundo. Seguindo o padrão já adotado, recorreremos à classificação oficial declarada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – 2007, IBGE (2009b), segundo a qual a velhice começa aos 60 anos de idade.

No entanto, mais uma vez a história se repete e encontramos outras evidências de que há diferentes limites etários para marcar o início dessa fase, que variam muito de acordo com quem a classifica, o que Motta (2003) nos ajuda a constatar. “É difícil definir velhice, inclusive como delimitação referida ao biológico, por sua inseparabilidade do social. A

Medicina, as instituições de uma forma geral, ensaiam estabelecer um limite numérico sempre a começar dos 55 a 65 anos para caracterizar a terceira idade e a velhice”.

Beauvoir (2008, p.13) correlaciona a velhice à capacidade de produção. A realidade que ela contesta é a de que toda a economia é baseada no lucro. E sendo assim, o material humano só interessa enquanto produz. “Depois é jogado fora. Tudo que ultrapassa 55 anos deve ser descartado como refugo”.

Debert (1999) não define faixas etárias baseadas no tempo cronológico, mas introduz o conceito de etapas intermediárias do envelhecimento, entre a vida adulta e a velhice. Segundo a autora, essas etapas seriam a "meia-idade", a "terceira idade" e a "aposentadoria ativa". Cada um desses termos indicaria assim estágios propícios para a satisfação pessoal, o prazer, a realização de sonhos adiados em outras etapas da vida.

Considerações etárias à parte, qual seria a melhor forma para analisar a velhice? À luz de aspectos biológicos, econômicos ou socioculturais? Parece que a combinação de vários desses fatores é que chega mais perto da compreensão real.

A velhice, segundo Caldas (1997), não é somente um fato biológico, mas é também um fato cultural. Isto porque, em geral, ela é associada à perda de poder, à revogação de alguns direitos após certo número de anos. Os limites da velhice variam em termos da complexidade fisiológica, psicológica e social. A autora ainda faz os seguintes questionamentos: “quando uma pessoa se torna velha? Uma pessoa é tão velha quanto as suas artérias, seu cérebro, seu coração, seu moral ou sua situação civil? Ou é a maneira pela qual outras pessoas passam a encarar certas características que as classifica como velhas?”

Com relação aos aspectos econômicos, Caldas (1997) também observa que a velhice difere de acordo com o contexto social em que vive o indivíduo. Assim, “não existe uma velhice, mas uma velhice masculina e outra feminina; uma dos ricos, outra dos pobres; uma do intelectual, outra do funcionário burocrático” e assim por diante.

Assim, não existe uma velhice padrão e nem tampouco a velhice acontece por inteiro, de uma hora para outra. Motta (2003) reforça que o envelhecimento não é um processo homogêneo, mesmo em cada indivíduo. Há partes do corpo que se conservam mais jovens ou sãs do que

outras. “A velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações, nem diante de todos os projetos”.

No entanto, a sociedade contemporânea, sobretudo a ocidental, ainda tem dificuldade para lidar com o fim da vida. Principalmente porque a velhice lembra finitude. Por isso, Lins de Barros (2006) acredita que a mesma sociedade tenha elegido a juventude como modelo. E entendendo-a assim, a juventude passa a ser um modo específico de representação de si, um padrão de comportamento e de expressão das emoções que deve ser seguido. Seu verdadeiro significado, que seria o da representação de uma das fases da vida, fica esvaziado, relegado ao segundo plano.

Lins de Barros (2006) também vê a juventude positiva como um contraste à velhice, como uma referência de vida que deve ser estendida a todas as faixas etárias. Só que a velhice estigmatizada, por outro lado, não desaparece de nossa realidade por completo. Ela é apenas constantemente adiada para outro tempo da vida.

Beauvoir (2008) afirma que a sociedade formula uma série de clichês em relação à velhice, baseados no fato de que, quando se considera o homem idoso um objeto da ciência, da história e da sociedade, ele é descrito pelo outro e não por ele próprio. Para a autora, o estatuto da velhice é imposto ao homem pela sociedade à qual pertence.

A passagem do tempo é inexorável. Mas não se pode encarar a velhice como um fardo. Passar pelas idades tem que ser um projeto de vida. E para isso, a busca constante de novos objetivos é necessária. Os objetivos dão sentido à vida, dão a ela uma direção. É preciso conservar na velhice paixões fortes o bastante para que se continue avançando (BEAUVOIR, 1976).

b.3.1) Velhice e aposentadoria

“O verdadeiro envelhecimento começa não quando chegamos a uma certa idade, mas sim quando os arrependimentos tomam o lugar dos sonhos, quando abandonamos nossos ideais”.

Vries (2003)

Embora haja uma ideia difundida socialmente de que não cabe aos velhos ter planos para o futuro, há pesquisas que evidenciam que a velhice não impede a elaboração de projetos. Para Lins de Barros (2006), ao contrário, a própria percepção da velhice pode tornar possível a formulação e a execução de um projeto de vida.

Quando pensamos em velhice associada à aposentadoria, podemos remeter ao conceito de reprivatização da velhice, anunciado por Debert (1999), que responsabiliza o indivíduo por seu próprio cuidado e bem-estar. Isto porque envelhecer bem é um empreendimento de longo prazo, tanto no âmbito individual como no âmbito da sociedade. O surgimento dessas questões caracteriza também o que a própria autora chamou de “a invenção da Terceira Idade – uma nova etapa no processo de envelhecimento, que também pode ser traduzida por termos como “velhice positiva, bem sucedida ou ativa”.

Outras questões novas surgem a cada dia, pois o tema é inesgotável uma vez que os idosos crescem em importância na sociedade. Entre esses novos desafios, Néri (2007) destaca: o aumento da esperança de vida aos 60 anos; a feminização do envelhecimento; a pobreza, o baixo nível educacional e a exclusão social dos idosos; o aumento da necessidade de serviços de assistência à saúde e de educação permanente a idosos; a crescente necessidade de apoio às famílias e a outras instituições sociais que os amparam e o imperativo de lidar com os preconceitos dos governantes, gestores de políticas públicas, geriatras e gerontólogos.

Vejamos então a opinião de diferentes autores, ao relacionar o binômio velhice x aposentadoria.

Quadro 1 – Velhice x Aposentadoria

Autores	Velhice x Aposentadoria
Faria (2006)	A aposentadoria é uma das <u>fronteiras entre maturidade e velhice</u> . A <u>exclusão do indivíduo do sistema produtivo</u> devido à aposentadoria, além de ser um <u>direito, constitui também uma penalidade</u> , um <u>castigo</u> imposto em consequência do <u>avanço da idade</u> . É como se os homens, à imagem das máquinas, ficassem obsoletos e por isso fossem descartados.
Debert (1996)	A aposentadoria deixa de ser um marco a indicar a passagem para a velhice ou uma forma de garantir a subsistência daqueles que, por causa da idade, não estão mais em condições de realizar um trabalho produtivo.
Debert (1999)	Há uma relação indissociável entre o fim do trabalho assalariado e o último estágio da vida.
Lins de Barros (2006)	Na década de 70, a aposentadoria ainda associada à velhice e a um conjunto de imagens negativas e estigmatizantes, como a perda dos espaços de sociabilidade, constituídos a partir do mundo do trabalho, a falência da saúde e da força física e mental. A aposentadoria se configura como a morte social. Hoje, a aposentadoria é um ritual de passagem para um novo momento da vida. Uma função, a princípio, de não-função, de ócio.
Vries (2003)	Ninguém pode evitar o envelhecimento. No entanto, as pessoas podem tentar optar por envelhecer de forma produtiva. Deveriam existir preparações para a aposentadoria, onde as pessoas fossem alertadas sobre os ajustes que precisam fazer em suas vidas quando iniciam a contagem regressiva para a aposentadoria.
Rodrigues et al. (2005)	A aposentadoria é uma fase que provoca mudanças e pode gerar ansiedades no indivíduo, considerando-se sua história na relação com o grupo social ao qual pertence. Sua <u>identidade</u> , como pessoa e como ser social, <u>pode ficar ameaçada</u> . É, ainda, um período de enfrentamento de outra questão: a de ser considerado velho.
França (2002)	A insegurança causada pela <u>perda de status</u> , do ambiente, do convívio com os colegas de trabalho e mesmo do prazer de algumas atividades inerentes à função desempenhada levam o indivíduo a <u>retirar-se não só das atividades produtivas, mas também do fluxo coletivo da existência</u> . A associação da aposentadoria com o envelhecimento acaba trazendo à tona uma série de preconceitos. Entretanto, mesmo que a preparação para a aposentadoria signifique planejar o envelhecimento, não será também uma oportunidade de <u>reflexão</u> , da busca do que realmente somos, do que gostamos e de <u>como queremos envelhecer?</u>

Fonte: elaborado e grifado pela autora, a partir de Faria (2006); Debert (1996); Debert (1999); Lins de Barros (2006); Vries (2003); Rodrigues et al. (2005) e França (2002).

O cerne de todas essas questões – aposentadoria, velhice, reprivatização da velhice – parece estar mesmo no indivíduo, em como ele se autodefine e faz escolhas na vida. Os termos

sublinhados na tabela acima exprimem e resumem a existência dessas fronteiras entre a maturidade e a velhice, proporcionadas pelo advento da aposentadoria. A noção de tempo é relacionada à de identidade, revelando ao indivíduo o que ele era e o que se tornará. Sendo assim, questiona-o quanto ao seu novo posicionamento de vida. Sobre o que terá que fazer para encarar bem o novo mundo que se apresenta.

Como nos revela Lins de Barros (2006), “a noção de um indivíduo consciente de si é básica para a construção de um projeto”. E ainda: “memória e projeto de vida são noções relacionadas. O tempo da biografia de cada indivíduo é como uma trajetória e, ao mesmo tempo, uma história que o engloba e que ele mesmo constrói”. Assim, se as memórias de vida e do trabalho forem boas, elas influenciarão benéficamente a aposentadoria. Mas, se ao contrário, elas forem ruins, as memórias ganharão conotação de fracasso e comprometerão a busca de um novo lugar social, ressaltando somente as características negativas da velhice.

Para Rodrigues et al. (2005), “a aposentadoria é uma fase que provoca mudanças e pode gerar ansiedades no indivíduo, considerando a sua história na relação com o grupo social ao qual pertence. Sua identidade, como pessoa e como ser social, pode ficar ameaçada”. Por isso, a aposentadoria não representa então somente uma nova etapa, mas uma transformação dos significados de identidade que um indivíduo forma sobre si mesmo.

Medo do tédio, da solidão, da instabilidade financeira. Todos esses aspectos emanam nessa fase de transição. Alguns podem enfrentar tais medos, bem como a ruptura com o trabalho formal de maneira saudável. Porém, muitos outros não sabem lidar com tantas mudanças no curso da vida.

Os aspectos emocionais citados acima, sobre o medo de encarar uma nova etapa da vida, sujeita a doenças e à solidão, podem acometer qualquer aposentado de qualquer classe social. Sobretudo no Brasil, onde a desigualdade social ainda é muito grande. Assim, na aposentadoria temos tanto os miseráveis como os bem de vida financeiramente, da qual faria parte o novo perfil da terceira idade. Para Lins de Barros (2006), temos, de um lado, “as desigualdades sociais se expressam no enorme contingente de velhos que vivem na pobreza e, portanto, são impedidos de aderir aos elementos que compõem o novo perfil da terceira idade. Do outro, um novo perfil que abrange o consumo de novas tecnologias e o estilo de vida que assumiu uma imagem homogênea de juventude associada à beleza, à força e à vitalidade”.

Assim, no lugar da reclusão, da decadência e da perda de papéis sociais, há espaço para que a aposentadoria seja encarada como o tempo de uma nova sociabilidade, de cuidados com o corpo e a saúde, de novas conquistas, de realização de antigos sonhos e de renovação da identidade.

Dependendo de como as pessoas se definem, encaram os seus desafios e sentem a necessidade de se prepararem ao longo dos anos, “a Aposentadoria pode vir a ser o resultado de um planejamento estratégico da vida. Ela marcará o início de uma outra vida na qual, será possível reencontrar-se consigo mesmo, após uma avaliação do passado em prol de um futuro melhor”, Faria (2006).

Mas se, ao contrário, ela for encarada somente como a saída do mercado de trabalho e a entrada no mundo doméstico, o indivíduo ver-se-á frente a conflitos derivados dessa passagem. Isto porque, como afirma Stucchi (2003), “cada pessoa, em sua área, detém algum poder, por mínimo que seja. E depois que se vê destituído de tudo isso, tem que reconquistar um outro espaço na sociedade, na família”.

Ao se aposentar, as pessoas vêm-se privadas de coisas que consideram essenciais: identificação com uma instituição, influência sobre as pessoas, afirmação de sua importância como pessoa e de seu papel junto aos outros. Assim, percebemos uma constante ansiedade relacionada ao novo papel na sociedade. Para Vries (2003), “a perspectiva de ter que se tornar alguém na multidão é assustadora”.

Rodrigues et al. (2005) acreditam que se a velhice for tratada como categoria social, mais fácil será a tarefa do aposentado, no sentido de reconstruir a sua identidade pessoal, através da interiorização de novos papéis e da busca de novos objetivos de vida. Nesse processo de redefinição da vida, o aposentado tem que encarar o estigma de ser inativo na sociedade e repensar tal situação, estabelecendo novos pontos de referência.

Assim, tudo nos leva a crer que o modo como cada um vivenciará a sua aposentadoria está intimamente relacionado ao modo como viveu a própria vida, no que diz respeito à combinação dos aspectos profissionais e pessoais. Se a pessoa soube diversificar seus interesses, tudo indica que também saberá fazê-lo na aposentadoria, mesmo que isso possa

levar um certo tempo. Ao preencher a vida com novas atividades, o rompimento com o trabalho não precisa corresponder necessariamente ao fim da vida.

Assim, é importante desde cedo ter em mente que é preciso planejar-se com antecedência. Não só em termos econômicos mas, sobretudo, emocionais. A aposentadoria e a velhice podem parecer distantes, mas um dia elas chegam para todos. Como os idosos têm pouca visibilidade social, acabam sendo permanentemente “esquecidos” na sociedade. Os jovens aprendem, os adultos produzem e os idosos ficam sem um papel tão definido. Por isso, comumente, a eles se associa a degradação, a decomposição.

Ter boas lembranças do trabalho é sempre bom. Mas ter boas lembranças da vida é o que permite um desligamento tranquilo, para que se possa curtir os prazeres de uma nova fase existencial.

2.1.4 Fatores Psicológicos

Já falamos sobre os fatores culturais, sociais e pessoais que afetam o comportamento do consumidor. Para finalizar, passemos agora aos fatores psicológicos que também influenciam as escolhas dos indivíduos.

a) Aprendizado, expectativas e atitudes.

O aprendizado é um processo contínuo. O nosso conhecimento sobre o mundo é revisto constantemente, enquanto somos expostos a novos estímulos que nos permitem modificar nosso comportamento posteriormente (SOLOMON, 2008).

Após conhecer algo novo através do aprendizado, os indivíduos sentem, ou não, a predisposição para o consumo. Sua prioridade será a satisfação imediata, na qual o sentimento é o do “viver o agora”, ou a satisfação adiada que revela se as pessoas são estimuladas a economizar para o futuro?

Algo muito forte precisa motivar as pessoas à ação, ou seja, ao consumo. Esse forte componente é a emoção, capaz de gerar expectativas para o futuro. Para Parasuraman et al.

(1988) *apud* Teas (1993), expectativas são desejos ou necessidades dos consumidores. O que eles sentem sobre o que deve ser oferecido, em detrimento ao que será oferecido efetivamente.

Só depois do conhecer e do sentir vem o fazer, que impulsiona a uma determinada ação. E esses três componentes em conjunto levam à atitude, “uma predisposição adquirida para reagir de modo favorável ou desfavorável em relação a determinado objeto. É o modo como alguém pensa, sente e age em relação a algum aspecto do ambiente” (HAWKINS et al.,2007, p.200).

Para Kotler (2000, p.197), “as pessoas têm atitudes em relação a quase tudo: religião, política, roupa, música, comida”. O autor acredita que as atitudes dificilmente mudam, elas economizam energia e reflexão. As atitudes estabelecem um padrão coerente que levam as pessoas a se comportarem de uma ou outra maneira. Assim como as atitudes, vejamos como os fatores psicológicos se relacionam ao tema central desta pesquisa, a aposentadoria.

b) O papel do aprendizado e das atitudes na aposentadoria.

Ao pensarmos na preparação para a aposentadoria, o aprendizado que nos interessa é o cognitivo, ou seja, aquele que considera os indivíduos como solucionadores de problemas, a partir de regras e conceitos abstratos que adquirem com a observação de outros indivíduos. Trata-se de um aprendizado indireto, onde as pessoas ajustam os seus comportamentos, em função dos comportamentos dos outros, o “eu no espelho” (SOLOMON, 2008).

Para se aposentarem se uma forma consciente, sem que a saída do mercado de trabalho seja um motivo para a degradação pessoal, as pessoas primeiro têm que entender o que são, tanto no ambiente pessoal como no profissional (autoimagem), para depois se motivarem e tomarem atitudes sobre o seu futuro. Mas o fazer, ou seja, tomar uma atitude nesse caso nem sempre é tão simples.

Por isso, as atitudes tomadas para si mesmo são fundamentais. Isso porque, a aposentadoria não começa quando chega a hora de parar de trabalhar. O processo é muito anterior e inicia quando cada um enxerga a necessidade de se planejar, tanto financeiramente como emocionalmente. Mas dependendo de como as pessoas se definem, encaram seus desafios e

sentem a necessidade de se preparar ao longo dos anos, tomar atitudes nesse caso nem sempre é tão simples.

Se a atitude é favorável à preparação, “a aposentadoria pode vir a ser o resultado de um planejamento estratégico da vida, de certas tomadas de decisão que dizem respeito a investir agora recursos financeiros para o futuro, comprando garantias contra os riscos que ele representa”, (FARIA, 2006, p.100). Mas se, ao contrário, a atitude for de acomodação, a falta de planejamento será, como definem Rodrigues et al. (2005), causadora de angústia e solidão, pois a realização pessoal fica sempre como um esboço de projeto para ser concretizado após a aposentadoria e, quando esta chega, as pessoas sentem-se surpresas e desencantadas por não saberem gerenciar criativamente e com prazer a existência sem uma ocupação profissional.

Um futuro tranquilo significa não só a manutenção do padrão e da qualidade de vida, mas também o equilíbrio psicológico. Para atingir essas metas, é necessário planejar-se ao longo dos anos. Para Faria (2006), a necessidade de manutenção do padrão de vida é “como uma ordem que orienta as práticas de consumo, essenciais à manutenção da sensação de segurança”. E, ao mesmo tempo, Rodrigues et al. (2005) afirmam que “a aposentadoria, por representar a ruptura com o papel profissional formal, ao invés de ser vivenciada como um repouso merecido, pode ser uma situação ameaçadora do equilíbrio psicológico.”

Conclui-se então que planejamento, no caso da aposentadoria, seria mais do que acumular dinheiro. Seria também a necessidade de uma preparação psicológica. E tomar as atitudes para ambos os lados, tanto o racional quanto o emocional dependem do quanto cada um se conhece e sente a necessidade da ação.

Agora, após a abordagem dos componentes presentes no modelo de comportamento do consumidor, passemos a um segundo bloco teórico onde levantamos questões relacionadas ao trabalho e à aposentadoria, conceitos essenciais para esta pesquisa.

2.2 TRABALHO E APOSENTADORIA

Na sociedade moderna, dedicamos boa parte de nosso tempo ao trabalho. Hoje, o trabalho é a principal atividade do homem, visto que o norteia e é integrante de sua identidade.

Mas nem sempre a história evoluiu dessa forma. Assim, afirma Botton (2005, p.97).

Nas sociedades tradicionais, o *status* elevado pode ter sido difícil de adquirir, mas era também difícil de perder. Era tão complicado deixar de ser nobre quanto, de forma mais sombria, deixar de ser trabalhador. O que importava era a identidade da pessoa ao nascer, em vez de qualquer coisa que possa ter realizado na vida pelo exercício de suas aptidões. O que importava era quem era a pessoa, raramente o que a pessoa fez.

Para Weber (2001), a inversão no curso da história começou com o advento da Reforma Protestante, que propunha uma religião mais espiritualizada, diferente do que se tinha até então. Ao contrário das doutrinas católicas, o protestantismo, segundo o autor, não considera que as boas ações do sujeito possam influir em sua salvação. A salvação estaria garantida por Deus, independentemente do comportamento do sujeito. No protestantismo, desta forma, há uma legião de predestinados, de escolhidos, que teriam direito à salvação. E como não se poderia saber quem são os “escolhidos por Deus”, criou-se uma nova ética, a do trabalho. Isto porque, se o indivíduo prospera, contribui para a glória divina. Então, por isso, deve estar entre os “escolhidos”. A riqueza então seria sinal de salvação, de prosperidade, de trabalho, e esse sinal seria marcado pelo que se fosse capaz de acumular e não de gastar. Resumindo, a ética protestante pregava que o trabalho foi feito para facilitar a acumulação de bens. O que, segundo Weber (2001) teria sido um dos primórdios do capitalismo, ou seja, o materialismo teria sido o responsável pelo desenvolvimento econômico. O pensamento, até então coletivo na religião católica, dá lugar ao individualismo.

Esse pensamento aos poucos passou a dominar a cultura moderna, que pretendia livrar-se tanto dos privilégios quanto das restrições herdadas, a fim de tornar a posição social cada vez mais dependente da realização individual, sobretudo a realização financeira. Tanto é assim que:

O *status* hoje em dia raras vezes depende de uma identidade inalterável transmitida de geração a gerações; ele se apóia no desempenho da pessoa dentro de uma economia que se movimenta de modo rápido e implacável (BOTTON, 2005, p.97)

O trabalho então não é somente uma forma de ganhar dinheiro. Ele está associado a status, à identidade de cada um, à distancia da morte (BOTTON, 2009). Neste contexto, a aposentadoria, por representar a ruptura com o papel profissional formal, ao invés de ser vivenciada como um repouso merecido, passa ser uma situação ameaçadora do equilíbrio psicológico.

Rodrigues et al. (2005) ainda destacam que há nuances e diferenças na significação e modos de enfrentamento da aposentadoria, considerando-se a classe econômica e demais fatores culturais e sociais a que estão submetidos os trabalhadores.

Assim, o que existe hoje é um amplo debate sobre a idade ideal para deixar o mundo da produção e sobre como sobreviver sem um trabalho remunerado. A aposentadoria aparece hoje como um problema social de grande complexidade, que envolve diversas instituições: o Estado, a família, as empresas, o indivíduo. Podemos então dizer que, para muitos, a aposentadoria é um período da vida associado à idade avançada e à saída do mercado de trabalho. Não somente pelas questões financeiras envolvidas mas, sobretudo, pela carga emocional atribuída ao trabalho como parte indissociável do próprio indivíduo.

As sociedades colocaram o trabalho numa posição central. A nossa é a primeira a sugerir que ele pode ser algo mais do que uma punição ou uma penitência. A escolha de nossas profissões carrega a definição de nossa identidade, chegando ao ponto de não perguntarmos a novos conhecidos de onde eles vêm ou quem são seus pais, mas o que eles fazem, na suposição de que o caminho para uma existência significativa deve sempre passar pelos portões de um emprego remunerado (BOTTON, 2009, p.106).

Lins de Barros (2006) também concorda que as pessoas têm o trabalho e a vida profissional como uma das áreas fundamentais de sua identidade. A liberdade e a autossuficiência individual são valores a serem seguidos por toda a vida e não alcançados apenas na velhice. É mesmo difícil desassociar a profissão da personalidade, mesmo chegando à conclusão de que as atividades profissionais não podem definir por completo qualquer pessoa que seja. Talvez porque passemos a maior parte da vida trabalhando, muitas vezes priorizando a carreira em

detrimento de atividades pessoais e do convívio com a família. Ou talvez porque seja mesmo difícil definir a si mesmo.

Assim, a falta de trabalho que a aposentadoria pode gerar é um desequilíbrio que se torna difícil de imaginar e de projetar para si mesmo. Desta forma, por vezes, o indivíduo aposentado é visto como um improdutivo, como aquele que não serve mais para o trabalho ou para a convivência. Para Peixoto (2003), a aposentadoria, apesar de ser um direito reconhecido e muitas vezes desejado, simboliza a perda de um papel social fundamental – o de indivíduo produtivo – passando a ser sintoma social de envelhecimento.

Uma possível solução para se chegar a um equilíbrio poderia ser o cultivo de outros interesses além do trabalho. Quem não começa a pensar nessas questões desde cedo, terá mais dificuldades para saber o que fazer, ao se aposentar. É o que também acredita França (2002): “muitos acreditam que com a aposentadoria os relacionamentos podem diminuir, principalmente aqueles que cultivam amizades num único lugar: o ambiente do trabalho. As pessoas se aproximam mais pelos interesses que tenham. E o trabalho é um dos mais fortes pontos em comum.”

O modo como o indivíduo vivenciará a aposentadoria pode ser compreendido a partir da relação que o indivíduo estabeleceu, ao longo de sua vida, entre o papel profissional e o tempo livre, sendo que este, quando o sujeito se aposenta, pode ser direcionado para o crescimento individual ou apenas encarado como um tempo vazio e, possivelmente, um espaço para a ociosidade (RODRIGUES et al., 2005).

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, detalharemos os aspectos teóricos que embasam o tipo de pesquisa escolhido para essa Dissertação. A seguir, passaremos ao procedimento de campo que sustentará a pesquisa sobre aposentadoria.

3.1 APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA

Neste item, apresentamos a classificação da pesquisa que será do tipo exploratória, com abordagem qualitativa.

3.1.1 Classificação da pesquisa

Para analisar a aposentadoria e reunir conceitos sobre as suas significações e os processos transitórios para se chegar a ela, foi realizada uma pesquisa exploratória, a partir da abordagem qualitativa. Isto porque no contexto deste objeto de pesquisa, não se conheciam suficientemente fatores que influenciavam o comportamento dos indivíduos-alvo. Na abordagem qualitativa, não são feitas generalizações para o universo em estudo. Mas sim observados os aspectos psicológicos, motivações e obstáculos que impulsionam ou impedem a adoção de alguns comportamentos. Como afirmam Aaker et al. (1999), o propósito da pesquisa qualitativa é descobrir o que o consumidor tem em mente.

Segundo Selltitz et al. (1959, p.51), a pesquisa exploratória é um tipo de pesquisa científica que formula uma questão e, partir dela, propõe uma investigação mais precisa, além do desenvolvimento de hipóteses. Para os autores, a pesquisa exploratória também tem outras funções, tais como: aumentar a familiaridade do pesquisador com o fenômeno que deseja investigar; elucidar conceitos; estabelecer prioridades para pesquisas futuras e reunir

informações práticas para realizar pesquisas em condições sociais reais. Por tudo isso, a pesquisa exploratória é a mais recomendada para a análise de problemas ainda pouco conhecidos, pois explora as novas dimensões dos fenômenos, dando significado a questões mais amplas.

A seguir, Selltitz et al. (1959, p.53) também recomendam alguns métodos para a análise exploratória. Métodos que, segundo os autores, podem minimizar uma eventual postura ingênua, por parte do investigador, ou ainda evitar que a pesquisa fique à mercê de componentes empíricos, pouco ou nada científicos, como a sorte ou o azar do pesquisador. Os autores também afirmam que um ou mais métodos podem ser utilizados, o ideal é a combinação deles.

Tais métodos incluem: (1) a revisão bibliográfica de fenômenos semelhantes, previamente analisados; (2) a seleção correta de entrevistados. Devem ser pessoas com alguma experiência relacionada ao objeto pesquisado, que possam contribuir para o estudo; e (3) a análise de exemplos que ajudem a compreensão do problema de pesquisa.

Percebemos então que a pesquisa exploratória é caracterizada pela versatilidade no que diz respeito aos métodos, uma vez que não são empregados procedimentos formais de pesquisa. Nela, o pesquisador formula um problema ou procura defini-lo com maior precisão, identificando cursos alternativos de ação, desenvolvendo hipóteses. Em nossa pesquisa, o estudo exploratório pretende aprofundar as questões relacionadas à aposentadoria, seus significados para as pessoas em diferentes fases de suas vidas e os processos transitórios de preparação para se chegar até ela.

A abordagem utilizada nessa pesquisa exploratória sobre aposentadoria foi a qualitativa, que compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e codificar os componentes de um sistema complexo de significados. Essas técnicas têm por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, reduzindo a distância entre o entrevistador e o entrevistado, entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação (VAN MAANEN, 1979). Para este mesmo autor, nesse tipo de abordagem a interpretação dos dados não se distancia da interpretação de fenômenos simples, observados no dia a dia. E exemplifica: para não atravessarmos uma rua, basta que vejamos a aproximação de um caminhão. Não é necessário saber seu peso exato, a velocidade a que corre ou de onde vem.

Basta que entendamos que o caminhão é um símbolo de velocidade e força. Assim também em pesquisa, há problemas e situações cuja análise pode ser feita sem a quantificação de certos detalhes, delimitação precisa do tempo em que ocorreram, lugar causas, procedência dos agentes. Tais detalhes, em certos casos, podem ter pouca utilidade, se comparados ao conhecimento do fenômeno em si (VAN MAANEN, 1979).

Para Flick (2004), a abordagem qualitativa atende a necessidades mais indutivas. Ou seja, ao invés de partir de teorias já existentes para testá-las em campo, a meta é desenvolver novas teorias. As conclusões então são restritas e não podem ser generalizadas, pois o objetivo principal do trabalho é refletir com o leitor e não aplicar métodos estatísticos de análise (MATTOS, 2006).

E como não se pretende chegar a dados estatísticos ou numéricos para contabilizar pessoas ou opiniões, os dados na abordagem qualitativa são obtidos a partir de um número relativamente pequeno de respondentes. Na abordagem quantitativa, ao contrário, um grande número de respondentes é demandado, uma vez que os dados são analisados estatisticamente. Segundo Mattos (2005), muitos problemas e fenômenos relacionais escapam ao pesquisador quando expressos em números e estatísticas.

Flick (2004) também nos lembra que na pesquisa qualitativa, números dão lugar aos textos. Enquanto na pesquisa quantitativa, eles são os personagens principais, na qualitativa o texto é o protagonista. O texto é a base tanto para a interpretação dos dados, como para a comunicação das descobertas. Flick (2004) aponta ainda que, nesse caso, os dados podem ser verbais ou visuais (fruto da observação atenta do entrevistador), sendo transformados em texto por gravação e transcrição.

Para Sauerbronn et al. (2008), transformar a proposta metodológica em instrumento de pesquisa envolve alguns desafios para os pesquisadores. O primeiro está relacionado à sua própria preparação e a familiaridade com o tema e a metodologia. Segundo os autores, todos os pesquisadores têm suas convicções sobre o mundo e sobre as relações de pesquisa e não devem necessariamente abandoná-las.

Sobre isto, Flick (2004) afirma ainda que aos pesquisadores não cabe a neutralidade. Eles são parte da pesquisa e a partir de suas compreensões poderão surgir novos momentos críticos

para a observação dos indivíduos. Daí, a sua importância nas abordagens qualitativas, onde, segundo o mesmo autor, o entrevistador busca um contato mais próximo com o entrevistado. As reflexões do pesquisador, bem como suas impressões e sentimentos são parte dos dados e da interpretação dos resultados.

No entanto, cabe destacar que essa troca mais intensa entre o entrevistador e o entrevistado deve obedecer a certos padrões científicos, para garantir a validade da pesquisa (GOODE et al., 1979). O objetivo de um pesquisador em uma entrevista científica não deve ser o de tornar-se amigo do entrevistado. O pesquisador, ao contrário, deve ser capaz de decifrar os clichês ou contradições do informante, sendo um interlocutor crítico e inteligente, que não expressa seus próprios pontos de vista para o entrevistado. O foco da pesquisa deve ser o ponto de vista do respondente e tal foco não deve ser influenciado. Por isso, Goode et al. (1979) ainda afirmam que o entrevistador deve desviar a atenção de si mesmo, fazendo com o informante se concentre no que é realmente importante.

3.2 PROCEDIMENTOS DE CAMPO

Os procedimentos adotados no campo, bem como o perfil dos entrevistados e como os dados foram coletados e tratados são temas que serão explicados a seguir.

3.2.1 Perfil dos entrevistados

Na abordagem qualitativa, ao contrário do que comumente ocorre na quantitativa, os entrevistados não são selecionados aleatoriamente. Nesse caso, o processo de seleção tem uma grande relevância, pois os entrevistados devem ser pessoas que possam contribuir sobre o tema em estudo (FLICK, 2004).

Segundo Selltiz et al. (1959), os entrevistados devem ser selecionados em função de sua experiência prévia ou da vivência no fenômeno em estudo. Nessa pesquisa sobre aposentadoria, é nesse último caso que se enquadram os possíveis entrevistados. Além disso, Selltiz et al. (1959) também ressaltam a importância da habilidade de comunicação dos escolhidos, pois é necessário que os entrevistados possam oferecer as contribuições desejadas pelo pesquisador.

Os nove entrevistados abordados nesta pesquisa são adultos entre 38 e 55 anos, sendo quatro homens e cinco mulheres. São profissionais ainda atuantes do mercado de trabalho, pertencentes à classe social A, de acordo com o Critério Brasil, e que desempenham funções gerenciais em suas empresas. Por razões de anonimato, os entrevistados tiveram seus nomes reais substituídos por pseudônimos. A seguir, listamos suas idades e profissões:

Quadro 2 – Os entrevistados e suas idades e profissões.

OSMAR	<ul style="list-style-type: none">• 55 anos; Consultor; 40 anos de trabalho
TADEU	<ul style="list-style-type: none">• 46 anos; Administrador de Empresas; 26 anos de trabalho
NAIR	<ul style="list-style-type: none">• 52 anos; Médica e Professora; 32 anos de trabalho
ANDREA	<ul style="list-style-type: none">• 53 anos; Atuária; 33 anos de trabalho
FELIPE	<ul style="list-style-type: none">• 38 anos; Economista; 18 anos de trabalho
MAURICIO	<ul style="list-style-type: none">• 51 anos; Cirurgião-Dentista; 36 anos de trabalho
ROBERTA	<ul style="list-style-type: none">• 43 anos; Enfermeira; 20 anos de trabalho
FERNANDA	<ul style="list-style-type: none">• 51 anos; Engenheira; 28 anos de trabalho
JUSSARA	<ul style="list-style-type: none">• 46 anos; Administradora de Empresas; 26 anos de trabalho

Fonte: elaborado pela autora, com base nos relatos dos entrevistados.

3.2.2. Coleta de dados.

A coleta dos dados para este estudo sobre aposentadoria deu-se por meio de entrevistas pessoais em profundidade. Este método se caracteriza por seu caráter individual, em oposição às entrevistas em grupo. As entrevistas foram conduzidas de forma não-estruturada, onde coube ao entrevistado decidir-se pela forma de construir a sua própria resposta (MATTOS, 2005). Para este mesmo autor, as entrevistas não-estruturadas servem para pesquisas voltadas para o desenvolvimento de conceitos, o esclarecimento de situações, atitudes e comportamentos, ou o enriquecimento do significado humano deles.

Em entrevistas não-estruturadas, as questões não limitam as respostas mas fornecem uma estrutura de referência para elas. Nesse caso, a tarefa do entrevistador é encorajar o respondente a falar bastante sobre um determinado conjunto de tópicos (COOPER et al., 2003).

Segundo Malhotra (2006), a coleta de dados não-estruturada é baseada em pequenas amostras, cuja finalidade é promover uma compreensão inicial de um determinado problema de pesquisa. Isto porque o objetivo dos estudos exploratórios é buscar entender as razões e as motivações subentendidas para determinadas atitudes e comportamentos das pessoas.

Segundo Cooper et al. (2003), uma entrevista pessoal é uma conversação bidirecional iniciada por um entrevistador para obter informações de um respondente. Nesse processo, o entrevistador deve controlar o assunto e o modelo de discussão. Para os autores, se a entrevista for bem conduzida, constitui-se em uma excelente técnica para a coleta de dados.

A entrevista em profundidade costuma ser utilizada para o estudo de percepções, atitudes, motivações, atingindo o seu objetivo na medida em que as respostas são espontâneas. Se for bem-sucedida, costuma revelar valores que expressam o contexto social e pessoal de crenças e sentimentos (SELLTIZ et al., 1959). Isto porque, normalmente, esse tipo de entrevista encoraja os entrevistados a compartilhar o máximo possível de informações em um ambiente sem constrangimento. O entrevistador deve usar um mínimo de sugestões e questões de orientação (COOPER et al., 2003). Seu objetivo é guiar o entrevistado por entre os assuntos que precisam ser abordados.

Assim, em se tratando de uma pesquisa qualitativa, não há questionário. Isto porque, como afirmam Aaker et al. (1999), algumas vezes pode não ser possível ou desejável obter as informações dos respondentes pelos métodos formais e totalmente estruturados.

Desta forma, o instrumento utilizado é um roteiro não-estruturado ou semi-estruturado que serve para guiar a entrevista. A seqüência das perguntas não é fixa, podendo variar de acordo com a lógica de cada entrevistado. Tal roteiro semi-estruturado é extremamente útil para se obter diferentes opiniões sobre um dado assunto. Dada a riqueza de informações possíveis, dificilmente elas seriam capturadas por meio de um questionário estruturado. Neste tipo de entrevista, o pesquisador procura cobrir uma lista específica de assuntos. O momento, as palavras exatas e o tempo alocado para cada uma das questões fica a critério do pesquisador que ganha, com esta estrutura aberta, a oportunidade para explorar fatos ou atitudes inesperados (AAKER et al., 1999).

O papel do pesquisador é então primordial nesse processo. Entrevistas que seguem um roteiro não estruturado ou semi-estruturado dependem muito da sua habilidade. Flick (2004) ressalta que o pesquisador deve estar bem consciente da questão principal da pesquisa, ou seja, da pergunta geradora. As questões que vier a formular devem ser claras e suficientes para serem respondidas de forma a facilitar a interpretação dos dados coletados.

Goode et al. (1979) ressaltam também que o entrevistador deve assegurar-se, a cada resposta recebida, que a compreendeu e que esta é realmente uma resposta à questão, exigindo uma verificação mais profunda, caso seja necessário. Frequentemente, pode ser necessário que o entrevistador reconstitua a situação abordada na pergunta, levando o entrevistado a reviver experiências prévias.

Com base nos pressupostos expostos acima, elaboramos um roteiro que serviu como base para guiar as entrevistas pessoais e individuais em profundidade. O roteiro completo encontra-se no Apêndice A.

A coleta dos dados ocorreu no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. As nove entrevistas tiveram, ao todo, aproximadamente 5 horas de duração: a mais longa durou 36 minutos e a mais curta, 25 minutos. As transcrições totalizaram 130 páginas e originaram 1.655 códigos que subsidiaram a análise dos dados. A totalidade dos códigos está disposta no Apêndice B.

3.2.3 Tratamento dos dados.

Neste item, detalhamos como foi o registro das entrevistas pessoais e a interpretação dos dados coletados.

As entrevistas foram gravadas, tornando a documentação dos dados independente da memória dos envolvidos. Ficou registrado o que realmente ocorreu, de forma meticulosa. (FLICK, 2004).

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para geração de dados em textos. As transcrições foram exatas, contendo também observações do entrevistador quanto a gestuais e outras expressões, além da fala do entrevistado. A identidade dos entrevistados foi preservada.

Após a transcrição, os dados foram codificados. Segundo Flick (2004), a codificação teórica é um processo de abstração em que os dados são fragmentados, conceitualizados, agrupados e reintegrados. Foram também propostas famílias de temas para reunir as informações semelhantes.

Segundo Bradley (1993), o processo de se manter a confiabilidade e a validação dos resultados em estudos qualitativos não é uma tarefa muito simples. A autora recomenda o uso de quatro critérios para atenuar possíveis inconsistências: conferir a credibilidade do material investigado, zelar pela fidelidade no processo de transcrição que antecede à análise, considerar os elementos que compõem o contexto e assegurar a possibilidade de se confirmar os dados pesquisados. Kirk et al. (1986) também consideram que percorrer integralmente todas as fases do processo de pesquisa é imprescindível para que não se perca a confiabilidade da pesquisa: coleta de dados, análise e documentação.

A análise dos dados foi feita a partir de uma interpretação hermenêutica, procurando enxergar por trás do significado real de cada depoimento, não se atendo ao significado puro e simples das palavras e considerando o conjunto dos fatos expostos, de todas as circunstâncias. (THOMPSON, 1997). Sob a perspectiva hermenêutica, a interpretação é um processo de improvisação, no qual o pesquisador desenha, a partir de seu próprio conhecimento prévio experiências pessoais, e cria *insights* para a informação textual. O autor afirma que a análise realizada desta forma estimula as pessoas a pensarem por elas próprias, em função de suas próprias narrativas mais amplas, sua autoidentidade e o pano de fundo de seus históricos significados culturais.

Os resultados codificados foram consolidados e disponibilizados no Apêndice B da Dissertação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa de campo e a análise das entrevistas. Em seguida, tais resultados serão confrontados com a teoria explicitada na revisão de literatura. Por uma questão de preservação da privacidade dos entrevistados, todos os nomes apresentados são pseudônimos e as empresas ou instituições em que trabalham foram omitidos.

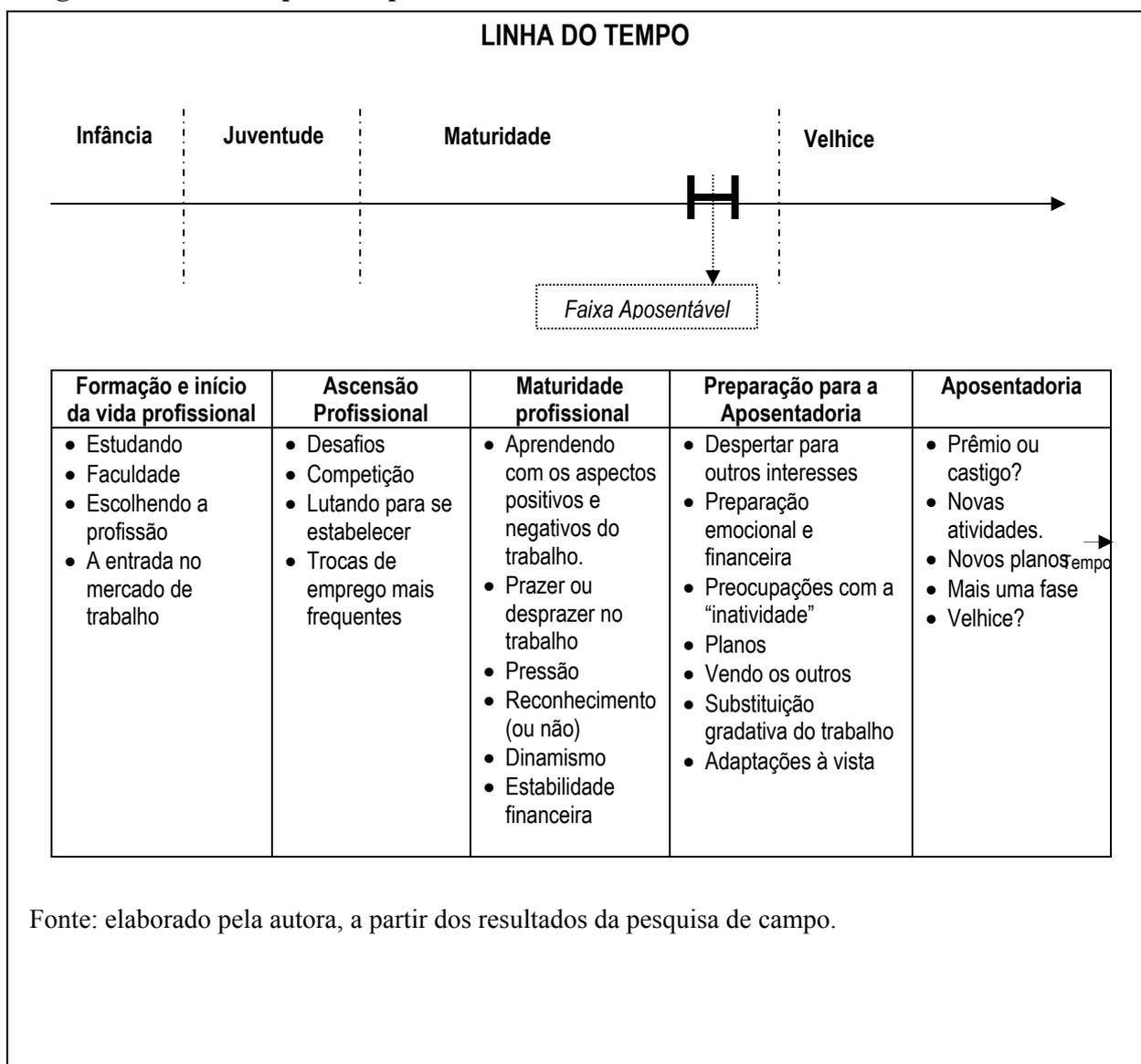
4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Para os entrevistados abordados neste estudo, as atitudes com relação à aposentadoria são construídas ao longo da vida. Nessas trajetórias, constatamos que o mais importante é o caminho e não propriamente a chegada. Ou seja, as atitudes formam-se em paralelo à própria construção do indivíduo ao longo dos anos, considerando também o que ele conquistou nas diferentes fases de sua carreira.

Assim, a linha do tempo do indivíduo está representada na Figura 1, onde também são listadas as diferentes fases profissionais. Infância, juventude, maturidade são fases pelas quais todos que chegam à velhice passam. Essa trajetória é uma reta, de fácil representação. No entanto, o mesmo não se pode dizer dos estágios profissionais, que foram apenas listados. O dinamismo do trabalho e as exigências cada vez maiores em termos de preparação tornam mais difícil a tarefa de precisar o tempo e o ritmo em que as pessoas se formam, iniciam suas atividades, prosperam, chegam à maturidade profissional e, finalmente, se preparam para desacelerar. Assim, não foi possível ilustrar uma representação padrão que atendesse à trajetória de todas as pessoas. Esse caminho não é estático, todos estão sujeitos a idas e vindas em suas carreiras.

O momento exato da aposentadoria formal também é difícil de representar, o que nos levou a imaginar uma “faixa aposentável”. Essa faixa corresponde ao período em que as pessoas podem vir a requerer o seu benefício junto ao INSS, interrompendo assim a vida laborativa ou recomeçando uma nova. Esses anos normalmente ocorrem na Maturidade.

Figura 1 –Fases temporais e profissionais dos indivíduos



Observemos então nos itens seguintes, a partir dos relatos dos entrevistados e das representações acima propostas, o que foi possível entender de suas trajetórias e de suas percepções sobre esse “admirável mundo novo” da aposentadoria.

4.1.1 O começo da carreira: formação, início e ascensão profissionais.

"Eu vivi uma vida que foi cheia. E mais, muito mais que isso, eu fiz do meu jeito. (...) Eu encarei tudo e continuei de pé. E fiz do meu jeito."
Claude François / Jacques Revaux / Paul Anka, em "My Way"

4.1.1.1 Estudo, faculdade e os primeiros trabalhos.

O trabalho é uma necessidade humana. Não só o trabalho como a razão do nosso sustento diário, mas o trabalho enquanto uma atividade produtiva qualquer. Enquanto um estimulador da mente, um desafio à intelectualidade. Uma razão para sair à rua e interagir com as outras pessoas.

A vida de todo mundo é ter uma atividade, uma produção qualquer, (...) alguma coisa que gere um trabalho. Alguma coisa que te faça buscar um elo com a natureza original. No mundo ninguém tinha estoques (...) O homem tinha que produzir pra se alimentar, e no dia seguinte de novo, e de novo, e de novo.... Eu acho que isso é uma natureza que a gente não pode mudar totalmente (Osmar).

Eu acho que o trabalho dignifica o homem. Eu acho que o homem sem trabalho se sente inútil, se sente inválido, não tem o retorno financeiro, emocional, moral. Independente do trabalho que seja, ele te dá esse retorno se você faz com prazer, acreditando no que você está fazendo. (Jussara)

Sobretudo na sociedade atual, somos cobrados a ter trabalho. Mas para descobrir que trabalho desempenhar e como fazê-lo de uma forma próspera, uma longa preparação é necessária. Preparação esta que começa ainda no Colegial, quando supostamente escolhemos a carreira que seguiremos. Mas, sendo essa uma decisão muito definitiva para a vida, é claro que por vezes é necessário alterar esse percurso e começar de novo, escolher uma nova profissão. Ou novos empregos, dependendo da situação.

A escolha da profissão pode ter implícita certa carga emocional, como é o caso de Tadeu.

Tem muito a ver com a questão do sentimentalismo também. Eu perdi meu pai com 15 anos, então ele era muito presente na minha vida, ele era aposentado, estava sempre ali quando criança, ele me ajudava nos exercícios, me arguia na tabuada. Ele fez Administração, então ele era muito organizado, acabou que eu fiz também.

Enquanto isso, para outros, a entrada no mercado de trabalho é mais relacionada a questões econômicas. No início, podemos desempenhar atividades que têm como objetivo suprir necessidades financeiras do momento. O ingresso na profissão definitiva só ocorre algum tempo e, em alguns casos, muitas atividades depois.

Eu comecei a trabalhar cedo, com 16 anos e sempre tive retorno no meu trabalho, então sempre foi gratificante. (...) Eu fui representante comercial, fiz uma porção de coisas na vida até ser cirurgião-dentista. (Maurício)

Na minha família eu sou a única pessoa que terminou a faculdade e trabalha numa área mais..., porque o resto são todos professores, que eu também já fui. (...) Já estava decidido (QUE TROCARIA DE PROFISSÃO). Eu fiz um Normal porque tinha que fazer um 2º Grau e também já é um curso que te dá uma habilitação para você conseguir um emprego. E eu consegui logo porque teve concurso assim que eu me formei. Então eu já fiz a faculdade (DE ATUÁRIA) trabalhando. Se eu não conseguisse emprego na minha profissão, pelo menos eu já tinha um garantido. Mas assim, foi o tempo de acabar a faculdade e eu já sabia que eu não queria aquilo, quer dizer, foi uma pontezinha mesmo, por enquanto eu estou aqui, está bom, mas assim que eu tive chance eu saí. (Andréa)

Há também aqueles que se “desencantam” logo nos primeiros anos de trabalho. Alguns têm coragem de alterar o curso de suas trajetórias, como Fernanda.

Eu só conheço uma amiga que é engenheira química que nem eu, mas não fez nenhuma especialização, ela trabalhou o tempo todo com isso e ela se aposentou e ficou muito triste. Ela está aposentada, mas está muito triste, porque a vida dela não foi pra nada, ela nunca teve uma satisfação como eu tenho com o meu trabalho. Ela fala que me admira por isso, porque eu saí de um emprego público e fui para uma empresa privada. Trabalhava no Instituto do Açúcar e do Alcool, na parte de engenharia química. Ele nem existe mais, esse órgão foi extinto, era muita corrupção, era horrível. Então fiz mestrado em administração de empresas, aí eu fiz pesquisa de mercado e gostei muito de pesquisa de mercado, eu sempre gostei. Então eu falei: chega! Não vou mais trabalhar nisso não.

Mudanças intencionais, mudanças alheias à vontade, ausência de mudanças significativas. Seja lá qual for a trajetória de nossas carreiras, é natural que todos passemos por uma série de inquietações e incertezas. E todas essas características contribuem para formar os profissionais que nos tornaremos.

Mas passados os anos iniciais de inquietação com relação ao que fazer e onde fazer, acumulamos mais e mais experiências e a carreira começa a galgar espaços maiores. Passamos então, a seguir, ao período de ascensão.

4.1.1.2 Os desafios para se estabelecer no mundo competitivo.

"Ascensão e queda são dois lados da mesma moeda."
Humberto Gessinger, em "A Revolta dos Dândis II"

Nesta fase de ascensão profissional, já se tem mais consciência do próprio posicionamento no ambiente de trabalho. Aqui, surgem os primeiros grandes desafios. Consciente da competição diária, o profissional toma decisões fundamentais para o curso de sua carreira. As possibilidades de caminhos a serem seguidos ficam mais claras e os indivíduos traçam objetivos concretos para atingir suas metas futuras.

Isso fica evidente também nos discursos de nossos entrevistados, a partir dos quais podemos identificar alguns objetivos principais.

a) Reconhecimento e valorização profissionais.

Osmar pretendia ser General. Não alterou em nada o curso inicial de sua carreira, deixou-se levar pelos caminhos de uma instituição hierarquizada e com estruturas bem definidas, pois seu grande objetivo era o reconhecimento, o cargo mais elevado. Para ele, "tudo aconteceu como foi previsto". Teve oportunidades para deixar o Exército e ganhar salários maiores. Mas, "nasci para ser soldado e queria isso até o fim. Esse era o plano".

Mauricio também sempre teve o perfil de líder. Para ele:

A Odontologia, tem características muito próprias, uma delas é de trazer o isolamento do profissional. O profissional de odontologia está acostumado a trabalhar sozinho ou no máximo com uma pessoa ajudando, dentro de quatro paredes, então ele começa a perder o contato com as pessoas que estão do outro lado. E eu procuro fazer diferente, eu procuro viver o meu dia de trabalho. Mas quando eu saio do meu trabalho, eu procuro viver em locais onde tenham pessoas que a gente possa tornar essa convivência mais agradável do que ficar sozinho o dia todo.

O seu caminho não foi tão precisamente planejado, como no caso de Osmar: "as coisas foram acontecendo". Mas, para evitar o "isolamento" inerente ao seu trabalho, aos poucos foi se envolvendo em associações, entidades, reuniões com outros colegas de profissão. Tudo isso levou a um reconhecimento no futuro.

Como médica Nair sempre trabalhou muito, sobretudo nos primeiros anos. Tinha quatro empregos ao mesmo tempo. “Trabalhava de domingo a domingo porque tinha aquela coisa da formação do edifício”. Para chegar ao dia em que tivesse “a consciência de ter contribuído para a sociedade”, sabia que precisaria se esforçar muito, reciclar-se, não parar de estudar. Por isso também emendou Mestrado e Doutorado e foi dar aulas. Acha que o contato com a juventude renova: “dar aulas é uma coisa que te dá vida”.

b) Estabilidade, sem pressão.

Andréa também sempre trabalhou muito. Logo após o término da Faculdade, largou o Magistério e começou a trabalhar em uma Consultoria, onde “era muito explorada e o serviço era maçante”. Segundo ela, nesse tipo de empresa, o trabalho é muito e o tempo de aprendizado é pouco, pois há muitas atividades operacionais. Assim, “não precisava ter ficado lá onze anos. Poderia ter aprendido tudo em três ou quatro”. Pensando nisso, e vendo que a sua progressão não aconteceria no ritmo que desejava, foi para uma empresa em que havia muito trabalho, mas a pressão era muito menor.

Situações semelhantes foram vividas por Tadeu e Jussara. Os dois começaram em Bancos. Ele, quase como *office-boy*. Mas logo percebeu que o lugar não combinava consigo e por isso se recolocou em “uma empresa em que o ritmo era mais leve”.

Eu acho que há lugares onde as cobranças são maiores do que a que nós temos, mas eu trabalho para mim. Primeiro é aquela questão: eu não vivo para trabalhar, eu trabalho para viver. Muito embora, já que eu trabalho para viver, eu procuro fazer bem o que eu faço.

Assim, fazendo bem o seu trabalho, teve a chance de uma ascensão mais rápida do que a maioria das pessoas no mesmo local.

Jussara começou muito cedo, aos 18 anos de idade. Aos 23, foi para a empresa em que está até hoje: “um emprego que me deu estabilidade, tranquilidade e segurança para criar meus filhos e realizar meus sonhos enquanto adulta”. Teve vários cargos, trabalhou em diferentes áreas e, assim como Tadeu, também chegou a um cargo gerencial que proporcionou estabilidade sem uma pressão abusiva.

c) Satisfação pessoal e profissional.

Se eu achar que eu aquilo é só um emprego, melhor eu voltar pra casa. Não tem mais graça. E não tem mais graça mesmo. Se a gente começa a achar que o trabalho é obrigação, que a gente só vai lá pra ganhar dinheiro, por obrigação de se superar... Agora, se a gente sente dor, se a gente se chateia, mas no fundo, se aquilo traz satisfação, a gente vai em frente. Mas se tudo começar a ser só chatice, não vale mais a pena. (Osmar)

A opinião de Osmar também é a de outros entrevistados. Para eles, é fundamental a satisfação no trabalho. Mas o trabalho também tem que levar à satisfação pessoal. Esses anseios também podem levar a mudanças, como as que Roberta enfrentou várias vezes em sua ascensão profissional.

Já aconteceu várias vezes de eu abandonar alguns empregos por não estar gostando, não é uma coisa sofrida para mim. Mas também não sou camicase - todos os empregos que eu larguei, eu larguei porque eu já tinha outro não em vista, mais certo. Eu sou enfermeira e é uma profissão que me permite ter dois ou mais empregos. Então todos os empregos que eu larguei, e não foram poucos, eu já tinha outro que eu ia conseguir me sustentar. E só com um, eu não tenho a necessidade de ter dois ou três como vários colegas de profissão para ter um salário maior, eu não tenho necessidade disso. Mas também não fico presa, se eu não estou a fim, eu não tinha dificuldade para largar.

Fernanda também adotou essa postura, o que acabou sendo fundamental para o seu crescimento na carreira.

Eu acho que poucas pessoas têm essa satisfação (...) Eu sai de um emprego público, fui para uma empresa privada. Pedi demissão e fui para a (NOME DA EMPRESA) na área de pesquisa, que eu já gostava muito e nunca mais parei. Eu tive a coragem de largar e fazer outra coisa, Ainda bem, porque eu ia ganhar pouco, eu acho que eu não teria construído metade do que eu construí.

d) Recompensa financeira.

Felipe fez estágio em vários lugares, até que ingressou como *trainee* no Banco em que trabalha até hoje. A partir daí teve progressos rápidos, sempre na mesma empresa. Sua ascensão profissional foi marcada por muita movimentação entre diferentes setores: “é como se tivesse trabalhado em várias empresas, pois teve a oportunidade de fazer muitos trabalhos diferentes”.

Logo chegou à Gerência, o que o possibilitou ganhar acima da média, comparando com colegas de Faculdade, de idade próxima à sua.

E se “o papel do trabalho é prover o sustento”, como afirma Tadeu, “um trabalho que te oferece uma boa remuneração traz facilidades que antes você não tinha”, como também nos relewa Roberta. Ela ainda completa:

Eu sou uma pessoa que trabalha porque precisa. Então eu não tinha como viver sem o trabalho, já que eu preciso de dinheiro. A remuneração do meu trabalho me proporciona fazer coisas que eu gosto de fazer, essa é a parte melhor do meu trabalho.

Planos são concretizados, outros são de longo prazo e ficam em curso durante toda a vida e alguns se desviam completamente do projeto inicial. Adiante, veremos como os entrevistados passam pela maturidade profissional, se preparam para a aposentadoria e o que pensam dela.

4.1.2 Maturidade profissional.

"Navegar é preciso. Viver não é preciso."
Fernando Pessoa

Precisão não é o termo mais apropriado para definir uma trajetória profissional. Há o período de formação, de descobrimento da profissão, de ascensão. Tudo parece evoluir de uma forma constante? Nem sempre é assim que acontece. Nem sempre é possível identificar em que momento ocorre o ápice profissional. Pode ser que tenhamos um desempenho crescente, porém lento. De outra forma, pode ser que cheguemos rápido ao ápice e soframos algum tipo de revés que nos leve a estágios anteriores, que nos faça voltar passos atrás, que altere a curva crescente de nossas carreiras.

Os relatos sugerem que os planos feitos no passado nem sempre se realizam da forma como os entrevistados imaginaram, para pior ou para melhor. Circunstâncias diversas alteram o curso de cada vida.

Tenho satisfação, consciência daquilo que eu exerci como militar. Achei sempre que foi uma boa casa, em termos de preparo, de vida. E eu sempre achei que ia frutificar e realmente frutificou. Eu acho que do ponto de vista profissional, as coisas aconteceram melhor do que eu esperava. Exceto... eu ainda diria aí que eu entrei para o Exército para ser General, né? Não fui General, mas isso não me incomoda, porque fui eu que medi tudo isso. Eu que não deixei acontecer. Eu avaliei que na época não era mais o caso e eu também comecei a ser impulsionado para outros desafios. Ser General, durante muito tempo, era um objetivo que até interferiu na minha vida ao longo do tempo. Eu tive chances ao longo do caminho de ter esse desvio de desafios. De melhoria financeira e

tudo. Mas que nem me passaram pela cabeça porque eu tinha um objetivo que era ser um soldado pra sempre, de seguir a carreira até o seu fim. (Osmar)

Osmar queria para si um caminho reto, sem muitos desvios em seu curso. No entanto, com o passar do tempo, percebeu que não dava mais tanta importância como antes para ter subordinados: “para ser o mandão, o maior”. Primeiro, esforçava-se para mandar nos outros. Com o tempo, passou a querer igualar-se aos outros e a evitar o destaque. Assim, como militar, a maturidade profissional não foi o que imaginava. Mas, em compensação, descobriu outra profissão e passou a ser bem-sucedido em uma consultoria, fora do Exército, o que nunca antes havia previsto na juventude.

Mauricio, por sua vez, nunca teve planos muito definidos. Apenas foi deixando as coisas acontecerem.

Eu não costumo fazer muitos planos não, meus planos são normalmente curtos, eu faço planos mais imediatos do que em longo prazo. Um plano curto é mais fácil de alcançar. Você fez um plano, alcançou, então busca outros. Porque se você faz um plano muito longo e no caminho você tem alguma dificuldade, não que você não vá alcançar, mas às vezes você desanima de continuar. Se você realiza um a cada período, você consegue realizar mais planos.

A maturidade profissional é o momento que vive agora e não se deu somente dentro de seus consultórios com a atividade de cirurgião-dentista. Envolvido com associações de classe, com representações de seus colegas de profissão, chegou ao posto de liderança da Odontologia em seu estado, exercendo atividades políticas em grande parte de seu tempo.

Você começa a fazer as coisas e se você gosta, você se dedica e aquilo vai se tornando mais fácil de ser feito. As coisas são ruins de serem feitas quando elas se tornam obrigatórias, quando você tem obrigação de fazer, de dar resultados. Com prazer, o resultado aparece e é satisfatório. Mais importante do que a profissão é a satisfação com aquilo que você está fazendo. (...) Por exemplo, agora eu não estou trabalhando, mas eu estou satisfeito com a função que eu estou exercendo, então eu acho que isso é uma satisfação.

Para Nair, o plano sempre foi o de trabalhar muito, de ter vários empregos, atuar de várias formas em diferentes lugares, para contribuir da melhor forma para a sociedade. Até hoje, é assim que encara a sua profissão. Quando se desprende de uma atividade, logo arruma outra para ocupar o tempo que ficou livre. Essa nova atividade pode até ser mais tranquila, sem tantas exigências de horário, mas sempre há algo inusitado para fazer.

Uma época, tive quatro empregos: dois plantões por semana, um plantão na quarta-feira na emergência, durante vinte e cinco anos e, durante dez anos, plantão na maternidade do IASERJ aos domingos. Quando eu fui fazer mestrado, saí do IASERJ. Aí fiquei só no Pedro Ernesto. Mas o mestrado era um emprego também. Não sei, eu acho que tudo vai por conta do amor do que você faz. Via pouco os meus filhos, mas sempre dava atenção a eles. Às vezes as pessoas dizem assim: não dá tempo! Isso depende muito. Se você está fazendo com prazer, você consegue administrar tudo, até quatro empregos... Fui também para a sala de aula. Já estou há vinte e cinco anos como professora. Eu poderia ter me aposentado, mas eu ainda me sinto bem disposta. Só não quis fazer pós-doc porque não ia acrescentar nada financeiramente e ia dar muito trabalho. Já cheguei a entrar em centro cirúrgico todos os dias. Isso é um trabalho pesado, que exige muito de você fisicamente. Já cheguei a fazer 18 partos por ano. E à medida que você vai ficando mais velho, você vai selecionando e qualificando mais. Então hoje eu estou mais na parte de ensino, de pesquisa. Eu entro no centro cirúrgico só de vez em quando, quando eu quero, quando é um caso me interessa.

Andréa, atuária, fugiu da pressão das Consultorias, pois achava que era muito explorada e não evoluía com o trabalho, muito operacional. Foi para uma empresa em que a pressão supostamente era menor, apesar de o trabalho ser intenso. Avalia que não ficou satisfeita pois apesar de ter um reconhecimento individual, a sua profissão não é igualmente valorizada na instituição.

Porque por mais que o individual seja bom, você esbarra no reconhecimento profissional de uma maneira geral e você também fica sem meios de evoluir. Então eu acho que a carreira não é boa aqui na (NOME DA EMPRESA). Aqui, a gente vai perder gente muito boa, o pessoal vai embora porque ninguém vê perspectiva, o pior é isso.

Para ela, a maturidade profissional de sua carreira foi boa em termos de valorização do seu trabalho individual, mas não em termos de remuneração. Sente-se inferiorizada com relação a colegas de faculdade que, ao longo da carreira, conquistaram salários e cargos mais elevados.

Tadeu e Jussara ficaram mais felizes com a decisão, tomada há anos atrás, de mudar de empresa. Para ambos, a maturidade profissional se deu quando eles atingiram cargos gerenciais, depois de percorrerem uma longa hierarquia. “Comandar uma equipe de quatro pessoas e viajar muito” é motivo de orgulho para Jussara. Ela também diz que adora dar palestras, atender clientes, participar de reuniões.

Para Tadeu, uma função gerencial tem seus prós e contras. Ele acha que já foi mais inflexível e intransigente. Com a maturidade, aprendeu muitas coisas e hoje é mais tolerante:

Eu me cobro muito e cobro as pessoas também (...) Ao mesmo tempo em que você tem um cargo gerencial, você tem esse comprometimento, é uma responsabilidade que às vezes pesa pra caramba. Porque as pessoas têm diferentes berços, diferentes culturas,

diferentes reações. Então por um lado isso também é estressante, eu acho que eu não sentiria falta disso, dessa coisa do “poder”, de ter algum “poder”.

Para alguns entrevistados, a maturidade profissional está relacionada à questão financeira, apesar de envolver outros componentes.

Fernanda, que deixou um emprego público e foi para a iniciativa privada, não se arrepende nem um pouco de sua decisão. Além de ter tido uma compensação financeira muito boa, ela interage com pessoas bem mais jovens do que ela em seu trabalho, o que ela afirma gostar muito. Além disso, no mercado em que atua, é uma pessoa reconhecidamente experiente, o que faz com ela tenha um grande reconhecimento por parte dos clientes e das empresas com que lida diariamente. Tudo isso não é motivo para acomodação. Fernanda estuda muito, procura sempre se atualizar, buscando as novidades desse mercado, onde hoje há muita pressão. E, a sua experiência é um elemento diferenciador para lidar com essa pressão que o mercado e os clientes impõem.

A admissão em um concurso público é o marco apontado por Roberta como a sua maturidade profissional. Antes disso, ela conta que teve vários empregos diferentes e que trocava de um para outro sempre que estava insatisfeita. Mas a aprovação no concurso também aconteceu por acaso.

Na verdade as coisas acontecem na minha vida muito por acaso, eu não tenho que brigar muito por nada, lutar muito por nada, planejar muito nada. Por exemplo, fiz um concurso público, soube hoje da inscrição, se passar, passei; se não passar, não passei. Eu não fico almejando aquele concurso público e vou estudar meses, anos para conseguir aquilo, nunca aconteceu esse tipo de coisa na minha vida. (...) Eu não tenho nenhuma meta de mudança, mas eu também não me fecho às oportunidades.

Para Roberta o trabalho está totalmente relacionado à necessidade de remuneração. Ainda afirma que se não precisasse de dinheiro não trabalharia e que aceitaria reduções em sua renda, se isso implicasse em redução de carga horária. E, ao passar no concurso, ela atingiu uma estabilidade financeira melhor, que lhe proporciona mais condições para fazer as coisas que realmente gosta, como viajar, aproveitar o tempo livre.

A necessidade de prazer no tempo livre e o fato de admitir que o trabalho é apenas uma necessidade financeira não diminuem a qualidade e o empenho na execução das atividades profissionais.

Eu sou uma pessoa perfeccionista e tenho certeza de que eu faria bem qualquer coisa que eu fizesse. Se eu fosse faxineira ou se eu fosse gerente, qualquer coisa que eu fizesse, eu faria da melhor forma possível. Mas falando do momento atual, eu tenho comparação com outros profissionais que fazem a mesma atividade do que eu e fica evidente a qualidade do meu trabalho e eu tenho um feedback sempre positivo das pessoas que trabalham comigo ou que vêem meu trabalho em algum momento, ainda que não trabalhem comigo.

Para finalizar esse item, escolhemos a reflexão de Felipe, que aos 38 anos, parecer ser o entrevistado mais enfático para falar sobre essa fase. O que ele mesmo tem consciência, já que é um dos mais enfáticos a afirmar que “está em seu melhor momento”. Apesar da “pressão absurda, faz o que gosta e nem se imagina fazendo outra coisa”. Ele enumera os pontos positivos da sua atividade e, em alguns casos, aponta justificativas para itens que outros entrevistados possivelmente considerariam negativos:

- O convívio com outros profissionais que também estão no auge, o que explica a competição agressiva.
- O fato de ganhar bem, acima da média do mercado e de outros colegas de profissão, o que considera uma compensação pelo *stress* diário que enfrenta.
- O gerenciamento de contas importantes o que dá oportunidade para conhecer empresários de vários ramos, com vivências diferentes.
- O contato diário com clientes que leva a conversas inteligentes, a ter criatividade para buscar soluções inovadoras.
- As avaliações positivas que recebe dos seus superiores.
- A possibilidade de crescimento futuro que vislumbra dentro de sua empresa.

A seguir, vejamos o que estes profissionais que estão ou que já passaram pela fase de maturidade profissional de suas carreiras pensam sobre a aposentadoria. Primeiro, em termos de preparação e, finalmente, sobre o que ela representa, se é que já representa algo, para suas vidas.

4.1.3 Preparando o caminho para a aposentadoria.

“O paroxítono, cujo equivalente literal em latim é o penúltimo, caracteriza em prosódia a última sílaba. O paroxismo seria, portanto, o penúltimo momento, ou seja, não o do fim, mas aquele precisamente antes do fim, precisamente antes que não exista mais nada a dizer”.

Baudrillard (1997), em O Paroxista Indiferente

Ao perguntarmos aos entrevistados qual o significado do trabalho, as definições não fogem muito ao lugar comum.

Quadro 3 – Significado do trabalho

▪ Jussara:	“O trabalho dignifica o homem. O homem sem trabalho se sente inútil, se sente inválido, não tem o retorno financeiro, emocional, moral. ”
▪ Maurício:	“Trabalho é você poder ser útil.”
▪ Tadeu:	“O papel do trabalho é prover o sustento.”
▪ Felipe:	“É mais uma etapa da sua vida.”
▪ Osmar:	“É a coisa mais importante na vida das pessoas, é estimulante. O ócio não tem explicação.”
▪ Andréa:	“É você fazer bem aquilo que se propõe a fazer.”
▪ Nair:	“É uma coisa prazerosa, sempre foi uma terapia para mim.”
▪ Fernanda:	“Tem que ter uma atividade. Eu gosto muito do meu trabalho, sou apaixonada. Procuro me atualizar, perguntar, questionar.”
▪ Roberta:	“É uma atividade absolutamente dispensável, eu só trabalho porque eu preciso. Então tem que pagar o suficiente para que a pessoa viva do jeito que gosta, frequente os lugares que gosta e que permita viajar”.

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos relatos dos entrevistados.

O trabalho é encarado como algo essencial, tanto em termos emocionais – “é prazeroso”; “estimulante”; “uma terapia” – quanto em termos mais relacionados à esfera prática – “retorno financeiro”; “trabalho porque preciso”.

Mas de uma forma geral, os entrevistados consideram boa a sua relação com o trabalho. Mesmo para Roberta, que considera a atividade bastante relacionada à boa remuneração, o trabalho é o meio através do qual ela consegue atingir seus objetivos.

Ao mesmo tempo, os entrevistados também entendem que nem sempre a trajetória profissional é ideal, da forma como gostariam que fosse. Muitas vezes há altos e baixos que proporcionam alegrias, satisfações, mas também desencanto e descontentamento. A relação com o trabalho é sim uma relação de amor, mas também de ódio em muitos momentos.

O trabalho reúne todos os elementos da sua vida: tem momentos de felicidade, de tristeza, de raiva, de amor. (Felipe)

Sendo algo assim tão presente em nossas emoções e tão intimamente relacionado à nossa própria personalidade, que impacto o rompimento com o trabalho causa em nossas vidas? Estamos preparados para esse momento? Para essa ruptura? Para afinal encarar a aposentadoria?

A preparação para a aposentadoria não é um fenômeno pontual, que começa com a iminente chegada da própria aposentadoria. Trata-se de um processo que acontece ao longo da trajetória profissional, muitas vezes, sem que se tenha consciência disso. Pensar no futuro remete diretamente ao presente, passando pela relação que as pessoas têm com o seu trabalho e o que pensam sobre a passagem do tempo, a maturidade, a velhice.

Até para os entrevistados mais otimistas, a aposentadoria parece ser uma fase de incertezas, com preocupações nos campos financeiro e emocional. Com preocupações acerca das perspectivas que se pode ter a partir do momento em que a rotina não for mais a mesma de quando se trabalha formalmente.

Portanto, a preparação para a aposentadoria precisa levar em consideração muitos aspectos. Alguns deles, foi possível identificar a partir do relato dos entrevistados nessa pesquisa.

4.1.3.1 Vendo os outros: “o eu” no espelho.

Não é a aposentadoria que frustra as pessoas. Elas investem toda sua perspectiva de vida num futuro e não fazem nada para elas no presente. Então não querem sair do trabalho porque ele passa a ser a constatação de que você está vivo, de que você está produzindo, mas você pode fazer isso de outras formas. (Jussara)

Parece ser difícil pensar em situações, cujas emoções relacionadas a elas ainda não tenham sido vivenciadas. Assim, quando não se tem informações sobre um determinado assunto dentro de suas próprias perspectivas, costuma-se projetar o conhecimento para as vivências de outras pessoas, geralmente próximas. É como se fosse possível obter leituras da própria identidade, detectando sinais emitidos pelos outros. Assim, observando os outros, podemos imaginar ou prever o que poderá vir a acontecer conosco e, desta forma, acabamos por seguir, ou não, os exemplos que nos chegam.

a) Tristes heranças

Alguns aposentados não transmitem uma imagem de felicidade. Felipe, por exemplo, acha que a aposentadoria não foi saudável para a sua mãe. A ruptura com o trabalho representou o afastamento das pessoas e o início de um período de muitas doenças. Em sua opinião, ela se aposentou prematuramente, provavelmente influenciada pela morte de seu avô. Então, ela piorou fisicamente, ficou mais sedentária e a sua vida mudou bastante. Felipe acredita que a vida dela estaria melhor se ela tivesse trabalhado mais um pouco, pois ela não desenvolveu muitos interesses extras. A degradação física é algo pelo qual Felipe não deseja nunca passar, pois isso “vai matando a pessoa aos poucos”.

Na família de Andréa, a história também não foi muito diferente. Seus medos muito têm a ver com o que ouviu do próprio pai, ao longo da vida:

Ele dizia para mim: ‘minha filha, não se aposenta, porque depois que a gente se aposenta, a gente morre’. E no caso dele foi verdade, ele morreu em menos de dois anos de aposentadoria. (...) Eu acho que a preservação da vida tem a ver com o fato de você se sentir útil em alguma coisa, ainda que seja fazer comida para os filhos, netos, que não é a minha perspectiva para o futuro, então eu tenho que fazer alguma coisa, já que não é isso que eu quero. Mas eu acho que isso é fundamental, porque o meu pai foi o contrário, ele não tinha mais. A vida dele era jogar carta na praça e ele se sentia muito mal com isso. Por ver meu pai assim, eu não quero passar por isso. E ele sempre me falava que quem se aposenta morre cedo, então eu não quero me aposentar nesse sentido pleno de não fazer absolutamente nada.

Fernanda começou a carreira em um órgão público, do qual saiu por não ver perspectivas, por achar que na iniciativa privada cresceria mais como profissional e como pessoa. Lá, ainda no início da carreira, conheceu uma amiga com a qual mantém contato até hoje. Sua amiga não deixou o tal órgão público, não evoluiu e se aposentou por lá mesmo. Segundo Fernanda, ela é uma pessoa muito triste: “sua vida foi sem graça e acabou que ela não deu pra nada”. E hoje, aposentada, também é extremamente infeliz. O lado positivo dessa história é que, ao menos Fernanda, consegue ter a comprovação de que a decisão tomada anos atrás foi correta. “Ainda bem que eu tive a coragem para ir fazer outra coisa”.

b) Maus exemplos

As pessoas devem avaliar quando devem deixar de trabalhar. Caso contrário, acabam não cumprindo satisfatoriamente as suas atividades e atrapalham quem ainda está com disposição, quem ainda pode render bem, realizando um trabalho de qualidade. Daí a importância de se preparar para se desligar aos poucos, para substituir gradativamente as atividades laborais.

Nair se recorda de quando estava começando a trabalhar como médica, em Emergência. Ela diz que é uma área em que o profissional precisa ter vigor físico, disposição, pois o uso da força muitas vezes é necessário, até mesmo para “deslocar um paciente de um lado para outro”. Um chefe seu à época a traumatizou. Ela nunca esqueceu a conduta dele e tomou isso como um exemplo para parar de trabalhar na Emergência, quando sentiu que a sua disposição não era mais compatível com o que os pacientes precisam.

Eu acho que esse reconhecimento da limitação não degrada você. E aí você pode contribuir de outras maneiras, por exemplo, escrevendo livros, passando a experiência. É uma forma de trabalho que não necessariamente você está ali no centro cirúrgico operando. Eu também tenho outros interesses além da medicina. (...) Eu vou continuar até quando achar que estou lúcida, tiver pique e fazendo as coisas direito. (...) Eu acho muito ruim, por exemplo, eu tinha um chefe que trabalhava na maternidade, que é uma coisa que demanda muita energia física do médico, tudo é emergência, tudo é para ontem. Ele tinha perto de setenta anos e atrapalhava o serviço na realidade. Porque ele já tinha umas condutas antigas e ele era o chefe. Fisicamente a gente queria fazer uma manobra e para ele fisicamente já não dava, tinha que fazer força, essas coisas assim.

c) Bons exemplos

Bons exemplos estão relacionados àquelas pessoas que, aposentadas, souberam desenvolver outros interesses. Não necessariamente esses interesses têm a ver com um novo trabalho formal. Novas atividades podem ser filantrópicas ou estar relacionadas ao cuidado com o corpo, com a descoberta da música ou de outro motivo cultural.

A esposa de Mauricio já é aposentada e, assim como ele, também é dentista. Assim, Mauricio pretende se espelhar nela e seguir o seu exemplo.

A vida da minha esposa continua normal porque ela continua trabalhando, fazendo a mesma atividade. Então, o que nós chamamos de aposentadoria, nada mais é do que um benefício estabelecido por uma entidade, por um órgão do governo. Não significa que aposentadoria está ligado diretamente a deixar de trabalhar.

Osmar tem alguns amigos aposentados. Apesar da euforia “forçada” que alguns parecem demonstrar, ele admira os que descobriram atividades que nada tinham a ver com o que faziam antes.

Enquanto eles ainda têm vigor, alguns aproveitam bem. Com vigor, começaram a fazer atividades na área esportiva. Entraram novamente para uma faculdade. Que não tinha nada a ver com o que faziam antes. Tem um que entrou pra faculdade de Música.... esse até já tocava, mas resolveu aprimorar, mas sem nenhum interesse.

Há pessoas recém-aposentadas que reagem como se estivessem de férias. Essa reação pode não ser boa, caso se prolongue por muito tempo. Pelo menos é o que Tadeu acha. Para ele, aposentadoria também lembra o pai. Quando nasceu, seu pai já tinha 58 anos de idade. Assim, desde criança, teve o pai em casa, participando diretamente da sua educação, ajudando nos seus estudos. Em casa, o pai soube arrumar um espaço. Mesmo não trabalhando mais, cumpriu o papel de pai participativo e inventava programações. Mesmo ganhando pouco, poupava para que a família viajasse, se divertisse.

4.1.3.2 A habilidade para fazer (ou não) planos.

O planejamento faz parte da preparação para a aposentadoria. No entanto, nem sempre as pessoas têm consciência de que o fazem. Com relação aos entrevistados, identificamos:

Quadro 4 – Planejamento para a aposentadoria

Os que acham que não fazem planos	<p>“Nunca fiz planos. Primeiramente, por causa da profissão que eu tinha que pensava em tudo isso pra mim. De alguma forma, aposentado, o meu status permaneceria semelhante. E posteriormente, por uma mudança filosófica de vida. Eu acho que, de uma forma ou de outra, as coisas se ajustam. Eu acredito que as coisas vão se moldando. E aí, qualquer tipo de planejamento passa a ser uma coisa muito ansiosa, muito desnecessária.” (Osmar)</p> <p>“Não costumo fazer muitos planos para o futuro, mas gosto de ter uma vida mais ou menos administrada. Não gosto de ser pego de surpresa. Uma vida administrada é uma vida controlada”. (Felipe)</p>
Os que fazem planos de curto e médio prazos	<p>“Meus planos são normalmente curtos, eu faço planos mais imediatos do que em longo prazo. Você está sempre buscando uma coisa melhor e esses planos são mais fáceis de alcançar. Você fez um plano, alcançou esse plano, então busca outros. Porque se você faz um plano muito longo e no caminho você tem alguma dificuldade, você desanima de continuar. Realizando um a cada período, você consegue realizar mais planos”. (Mauricio)</p> <p>“Meus planos são de muito curto prazo, eu não faço planos a médio e em longo prazo. A minha vontade muda com muita facilidade, então eu não tenho como fazer um plano em longo prazo que daqui algum tempo meu desejo pode ser absolutamente diferente do que é hoje”. (Roberta)</p>
Os que fazem planos de longo prazo	<p>“Sempre fiz muitos planos longos com metas, objetivos e prazos que sempre deram certo. Tenho sempre sonhos em mente e sempre falta alguma coisa na frente para cumprir”. (Nair)</p>
Os que fazem planos para outros	<p>“Meu plano é poder viajar mais com a minha mulher, ficar mais com a minha família. Meu plano é o agora, o viver”. (Tadeu)</p> <p>“Minha prioridade de vida pessoal é ver as filhas já encaminhadas, com uma posição mais definida na vida. Penso em mandar as filhas estudarem no exterior, mas para isso preciso continuar trabalhando. Não tenho mais muitos projetos para mim porque já estou no fim de carreira. Um projeto para mim é descobrir uma atividade remunerada em que continue sendo útil depois que me aposentar”. (Andréa)</p>

Fonte: elaborado pela autora, com base nos relatos dos entrevistados.

Planos e objetivos também movem a vida. É necessário manter os sonhos para continuar vivendo:

Quem não sonha, não realiza; o sonho é a coisa mais maravilhosa, pois você não paga por ele, ele não tem limites. Essa é a melhor forma de se planejar para o futuro. (Jussara)

4.1.3.3 Dois tipos de preparação: financeira e emocional.

Tem gente que tem prazer no trabalho. Quando tira férias, sente saudades do trabalho. Tem gente que gosta de uma rotina. Então essas pessoas principalmente têm que se preparar para se aposentar. (Roberta)

Fica claro, no depoimento dos entrevistados, a preocupação com a parte financeira, com a manutenção do padrão de vida na aposentadoria. No entanto, isso é uma questão matemática, sendo então mais fácil de ser pensada, programada.

Eu pretendo me aposentar com “X” idade, eu preciso saber o que eu vou fazer, como eu vou viver, se eu capitalizei o suficiente para não depender mais de trabalho. Será que eu consegui acumular uma renda para conseguir sobreviver sem ter que trabalhar? Tudo isso que tenho que ter programado. (Mauricio)

Eu nunca fiz isso não. Primeiramente, por causa da profissão que eu tinha (NO EXÉRCITO) que pensava em tudo isso pra mim. De alguma forma, aposentado, o meu *status* permaneceria semelhante. (Osmar)

Quem tem um plano de previdência não precisa ter esse medo. Quem se programou desde cedo vai ter a parte financeira garantida. (Jussara)

A vida de um aposentado será então uma consequência daquilo que ele programou para si. Se desenvolveu novos interesses, se está bem psicologicamente para enfrentar uma nova fase da vida, se terá recursos suficientes para se manter. Como programar o tempo a partir do dia em que tomar a decisão de não mais trabalhar? O que fazer a partir de então?

Quem sofre é a pessoa que não desenvolvem outros interesses. É aquela pessoa que fala: eu sou médico, pronto e acabou. Não tem isso, eu sou médica, sou mãe, eu gosto de história, gosto de cinema. Não é eu sou O MÉDICO e sim eu sou UM MÉDICO, é diferente. Eu acho que o cara que tem muito essa coisa da vaidade, não tem nada a ver. A vaidade acontece em todas as profissões, mas quem não estiver preparado, vai sofrer, seja médico, advogado, professor, o que for.... (Nair)

Ao representarmos as diferentes fases da vida profissional (Figura 1), apresentamos um divisor de águas, ao qual chamamos de “período aposentável”, que ocorre, em sua maioria, na maturidade. No entanto, não é possível padronizar o momento exato da aposentadoria de todas as pessoas. Isso porque a decisão de se aposentar é individual e depende de vários fatores, como idade, número de anos trabalhados, condição financeira e estabilidade emocional para tal.

A preparação para a aposentadoria então é algo que deveria ocorrer antes desse período, dessa faixa “aposentável”, mas também é um fenômeno difícil de precisar. Uma preparação como essa pode acontecer durante toda a vida, dependendo da disposição, da consciência e do perfil de cada um.

Durante a vida ativa, as pessoas se formam como profissionais de um ou mais segmentos, colecionam conquistas e fracassos, desenvolvem interesses. A aposentadoria é a fase seguinte aos anos de trabalho, onde se pode diminuir o ritmo ou, ao contrário, abraçar novas atividades, desenvolver novos interesses.

Sobre essa fase da vida falaremos no item seguinte, considerando as expectativas que os entrevistados têm, uma vez que nenhum deles parou de trabalhar por completo. Todos ainda desenvolvem a sua atividade original ou algo relacionado a ela.

4.1.4 As expectativas sobre a aposentadoria.

*“Todo dia a insônia me convence que o céu faz tudo ficar infinito.
E que a solidão é a pretensão de quem fica escondido, fazendo fita”.*
Cazuza e Frejat, em Pro dia nascer feliz

Para quem ainda não se aposentou, como é o caso dos entrevistados abordados nessa pesquisa, a aposentadoria ainda é uma vaga ideia. Por isso, ter expectativas sobre a aposentadoria é ter um misto de sensações. É imaginar que ela pode ser boa, porque levará a uma nova vida, com mais liberdade para fazer o que se quer. E ao mesmo tempo, pensar que ela também pode ser ruim, pois remete à perda da capacidade, ao cansaço, à velhice.

Baseando-se nesse aparente antagonismo, a partir do relato dos entrevistados, esboçamos na Figura 2 algumas dessas expectativas, negativas ou positivas, desta fase da vida. Vejamos:

Figura 2 – Aposentadoria: prêmio ou castigo?

CASTIGO	x	PRÊMIO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Ócio</u>, desocupação, tempo de sobra ▪ Falta do <u>dinamismo</u> do trabalho 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Tempo</u> para fazer coisas para si ▪ Flexibilidade de horário ▪ <u>Falta do trabalho num bom sentido</u>, pois o trabalho cansa
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Depressão, preguiça, doença, <u>incapacidade</u> física e mental de produzir 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Criatividade</u> para fazer coisas que dão mais prazer do que o trabalho. ▪ Poder <u>contribuir de outras formas</u> para a sociedade
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Falta do convívio</u> das pessoas ▪ <u>Perda de poder</u>, de <i>status</i> 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Possibilidade de <u>novos relacionamentos</u> ▪ Fim da obrigação e do <i>stress</i> ▪ <u>Fim das cobranças</u> e das regras ▪ Mais tempo para a família
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda de poder aquisitivo ▪ <u>Queda do padrão</u> de vida ▪ <u>Aumento de gastos</u> com saúde e medicamentos 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Oportunidade para <u>ganhos extras</u> ▪ Padrão de vida já estável ▪ <u>Diminuição de gastos</u> com comida e roupas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Velhice</u> ▪ <u>Falta de sonhos</u> ▪ <u>Sedentarismo</u> 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Maturidade</u>, experiência ▪ Volta ao passado com menos cobranças e mais liberdade ▪ Desenvolvimento de <u>novos sonhos</u> e interesses ▪ Novos objetivos ▪ Equilíbrio de todos os pilares da vida ▪ Um “vidão”, <u>mais prazeres</u> ▪ Tempo para fazer atividades físicas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Rompimento brusco, <u>morte</u> ▪ Começar uma nova <u>vida que você não queria</u> 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Mais anos de vida</u>, já que a expectativa de vida aumentou ▪ <u>Liberdade</u> para fazer o quiser ▪ Liberdade para uma vida mais reflexiva

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos resultados da pesquisa de campo.

4.1.4.1 Aposentadoria: prêmio ou castigo?

“Antes de ser uma imoralidade, o mal é um princípio antagonico. Podemos, guardar da visão religiosa do mal uma ideia de negação, de ilusão, de destruição. Sob este ponto de vista, o mal é um agente de separação. Com efeito, o bem está na oposição clara entre o bem e o mal. O mal está na indistinção dos dois. O bem é somente a parte emersa do iceberg, sendo os outros nove décimos submersos a parte do mal. Não haveria portanto diferença de substância entre os dois, mas somente da visibilidade e de transparência”.

Baudrillard (1997), em O Paroxista Indiferente

Parece difícil distinguir quando a aposentadoria é uma ou outra coisa: um prêmio ou um castigo, o bem ou o mal. Dependendo do perfil de cada um e da relação que se tem com o trabalho e a vida, a aposentadoria pode ser encarada das duas formas, pela mesma pessoa. As adversidades e os fracassos, bem como as conquistas e as alegrias com os quais nos deparamos ao longo das diferentes fases de nossas vidas influenciam diretamente os nossos pensamentos e expectativas acerca desta fase.

Um novo momento. O fato é que sendo encarada de uma forma boa ou de uma forma ruim, a aposentadoria é uma fase pela qual, um dia, inevitavelmente passaremos. Cabe a cada um fazer a sua preparação para que seja possível aproveitar o melhor dela. Assim, pensa Felipe:

A aposentadoria é simplesmente mais uma fase da sua vida. Eu não me vejo aposentado, mas a grande verdade é que esse dia vai chegar e eu pretendo usufruir desse momento da melhor forma possível, só isso.

Andréa também pensa na aposentadoria como uma fase, mas não como um prêmio pelos anos trabalhados. Ao contrário, ela acha que para se aposentar as pessoas devem não ter mais condições para o trabalho.

Aposentadoria não é prêmio, aposentadoria é uma fase que você para de produzir e você precisa se beneficiar de alguma forma. Então eu acho que aposentadoria é mesmo quando você não tem condição de prover seu próprio sustento através do seu trabalho, daí você precisa que alguém faça isso para você.

Mas nem todos encaram dessa forma. Jussara, por exemplo, tem essa ideia de que a aposentadoria é uma compensação pelos anos trabalhados.

Para mim é um prêmio por todo esforço de uma vida laboral inteira, uma aposentadoria digna é um prêmio, uma tranquilidade, uma segurança, é você estar protegido.

Como vemos, contradições sempre estão presentes quando o assunto é aposentadoria. Para entender o porque, listamos os principais elementos citados pelos entrevistados, a partir dos quais analisaremos tais contradições.

a) Ócio ou tempo livre: “o tempo pode ficar grande demais”?

O ócio pode até ser algo bom. Mas não para aqueles que passaram a vida produzindo intensamente. Muitas pessoas têm a habilidade de driblar bem o tempo, realizando muitas atividades simultaneamente.

O dia para tais pessoas parece ter mais de 24 horas, o que é comprovado por Nair.

Eu sempre tive a sensação de que eu aproveitei bem o tempo, eu tive uma época que eu tinha quatro empregos, então eu tinha dois plantões por semana, um plantão na quarta-feira e dava plantão na maternidade do IASERJ aos domingos. Nunca senti um peso e ainda tinha os filhos (...). Às vezes as pessoas dizem assim: não dá tempo. Depende muito, se você está fazendo com prazer, você consegue administrar tudo, imagina quatro empregos...

Sendo assim, para quem tem uma vida agitada, o ócio, que à primeira vista viria com a aposentadoria, pode ser muito assustador:

Parar de trabalhar... Bom eu ainda vejo isso com muita desconfiança. Bem, mas eu não posso imaginar se é bom sem saber como é que é, né? A gente vê os amigos que sempre reclamam de que estão aposentados e que o tempo fica grande demais. (...) Ter o simples ócio ainda é pra mim uma coisa que não tem explicação. Então eu tenho essa preocupação. E no resto, eu acho tudo muito difícil. Acho difícil você acomodar o que a vida colocou junto de você. Material e emocional. (Osmar)

Esse impacto causado pela visão do ócio pode esconder as vantagens de se ter um tempo livre maior. Ter mais tempo livre pode ser a porta para a descoberta de novas atividades, novos afazeres.

O tempo é o senhor da razão, você vive e vai adquirindo bens, você acerta, você erra, a vida é feita de tentativa e erro, não tem jeito. Parece meio filosófico... (Tadeu)

E quem desenvolveu outros interesses além do trabalho tem mais oportunidades para descobrir o que fazer. Nair, médica, acha que seria uma “sofredora” se não tivesse aberto o seu leque para além da Medicina.

Mas, ao mesmo tempo em que o trabalho é dinâmico, ele também cansa e estressa. Por isso, embora a maioria das pessoas goste de trabalhar, é preciso considerar até que ponto o resultado desta equação é compatível com a satisfação e não com o sofrimento, com o pesar. Roberta, por exemplo, acha que aposentadoria “é a falta de trabalho, mas num sentido bom”. Ela considera, em sua definição, que sem trabalho as pessoas ficarão mais livres e poderão encontrar outras identidades, outros estímulos para suas vidas.

- b) Acomodar-se com a “perda da capacidade” ou ter criatividade para “contribuir de outras formas para a sociedade”.

Para alguns, a perda do trabalho formal condena as pessoas à incapacidade. Osmar teme a chegada da preguiça. O seu grande medo é “deixar a mente acomodada demais”. A preguiça, para ele, degrada, pode levar à depressão. É como se as habilidades fossem perdidas e novas atividades não pudessem ser iniciadas. Andréa também teme a interrupção da carreira pois, para ela, quem não trabalha fica com a fama de que não tem mais utilidade.

Eu sempre gostei muito de trabalhar, por isso o meu medo de chegar a aposentadoria e começar aquela sensação que não presto mais para nada. É meio complicado, por isso eu estou querendo fazer uma substituição gradativa e não interromper de uma vez, porque eu acho que para vai ser meio doloroso. (Andréa)

Ao mesmo tempo, outros têm a noção mais exata do quanto contribuíram para a sociedade. E assim, a passagem para a aposentadoria, ou para a suspensão gradativa de algumas funções, parece não ser tão dramática.

A suspensão de algumas das minhas atividades veio na hora certa. Agora, eu comecei a gerenciar melhor o meu tempo e fico com mais horas livres. Não preciso mais trabalhar como antigamente. E eu tenho a sensação de que eu contribuí para a sociedade e que eu saí na hora certa. Sem a perda da minha capacidade, do meu raciocínio. E a Emergência, que exigia demais de mim fisicamente, foi a primeira coisa que eu larguei. Mas foi bom, foi na hora certa. (Nair)

Uma outra fórmula seria, segundo Roberta, ter criatividade para fazer coisas que dão prazer. De preferência, mais prazer do que o trabalho dá.

O trabalho não é totalmente penoso para mim, me dá algum prazer. com certeza eu substituiria o pouco de prazer que o trabalho me dá por qualquer outra atividade, nem que fosse não remunerado, como um trabalho voluntário com pessoas carentes. Mas seria uma coisa que eu faria conforme a minha vontade, eu não teria o compromisso de ser todos os dias pegando as oito e saindo as cinco, de assinar um ponto. (...) Eu tenho certeza de que

eu teria criatividade suficiente para fazer coisas que me dariam mais prazer do que o trabalho me dá.

c) Os relacionamentos e a perda do poder.

A perda da convivência com os colegas do trabalho é um outro medo atribuído à chegada da aposentadoria. Por diversas razões. Um dos receios é que a amizade esfrie, pois quem continua no trabalho tem mais afazeres regularmente e, conseqüentemente, menos tempo disponível. Desta forma, os contatos acabam ficando mais raros.

Eu sei que vou sentir falta do convívio com as pessoas. Mas sei também que nem sempre vai dar pra conciliar. Quem continua trabalhando, continua com uma rotina mais pesada, não acho que a gente vai poder se encontrar sempre. (Tadeu)

A visão positiva foi demonstrada por Jussara. Ela não vê a aposentadoria como o fim das amizades que se cultivou no trabalho, pelo contrário.

No trabalho, você constrói amigos e quando você constrói amigos não necessariamente você precisa estar com eles todos os dias. Mesmo você aposentado, você pode fazer parte da vida desses amigos, saber como eles estão, você pode ser convidado para uma festa na casa daquele seu amigo, você pode marcar algum encontro com ele fora do expediente. A amizade no trabalho é extremamente importante, eu fiz grandes amigos aqui e eu vou levar para o resto da minha vida, então não é porque eu não vou estar trabalhando que a amizade vai diminuir. O trabalho te dá a chance de aprender com o outro, a ceder, a respeitar, a ver que outros são melhores do que você, a ver que outros são piores que você. Mas você consegue encontrar no trabalho pessoas com os mesmos valores, pessoas com o mesmo objetivo de vida, isso é muito gratificante, é tudo de bom.

Uma outra questão é o medo do esquecimento. Principalmente para aqueles que têm funções gerenciais, é muito penoso deixar de ter, de uma hora para outra, as pessoas ao seu redor. Mauricio, que é cirurgião-dentista e dirige uma grande entidade, pensa desta forma.

Eu sentiria mais falta das pessoas que estão ao entorno, porque você trabalhando você tem um grupo de pessoas que estão ao redor de você que movimentam aquele dia, aquele trabalho, que movimentam os resultados, seguem as suas orientações. Então, quando você para de trabalhar, tudo se torna acomodação. Você fica sem essas pessoas, você passa a ser esquecido pelas pessoas. Você não frequenta mais os mesmos lugares...

O mesmo acontece com Fernanda, que também tem um cargo elevado em sua empresa. Além disso, em seu caso, é fundamental o convívio com pessoas mais jovens, que a estimulam a se renovar a cada dia.

Gosto de gerenciar uma equipe, gosto das meninas que trabalham comigo. Sentiria muita falta deste contato diário, pois nós somos muito próximas, muito unidas. Eu às vezes acho que não amadureci. Eu não me sinto velha. Por isso, consigo entender as meninas muito bem e me dou muito bem com elas também.

Não é só a falta de convívio com as pessoas que pode assustar. Quem tem posições de comando pode demorar mais a se adaptar à rotina de não comandar mais ninguém. Em casa, não há gerentes ou diretores. As pessoas são maridos, esposas, pais, mães... E tal equilíbrio pode ser difícil de alcançar. Tadeu conta como isso funciona em sua casa:

Eu já interfiro muito hoje em casa porque esse é o meu perfil. De supervisionar, de mandar. Pode ser que eu tenha algum atrito com a minha mulher, que hoje é a rainha do pedaço em casa. Mas não vai dar divórcio, separação, essas coisas não (risos).

E ele mesmo emenda que, por outro lado, se o poder pode deixar saudades, as cobranças, o *stress* não.

O trabalho é muito estressante, há muitas cobranças. Quando você gerencia outras pessoas, você fica responsável por elas, pelo trabalho delas. E disso, eu acho que eu não sentiria falta não, dessa coisa que vem com o “poder”, que é uma cobrança mais excessiva.

d) Preocupação financeira, a questão do poder aquisitivo.

A preocupação financeira é um tema recorrente quando pensamos em aposentadoria. De uma maneira geral, as pessoas com quem conversamos para a realização deste estudo fazem algum tipo de preparação. A dúvida é que ninguém sabe ao certo que tipo de gastos se tem na aposentadoria. Se eles aumentam ou diminuem. Se por um lado caem os gastos inerentes ao trabalho, somam-se os gastos que advêm com a idade mais elevada.

Além disso, se por um lado os filhos já estão criados, se o projeto da aposentadoria for “curtir mais a vida”, surgem gastos relativos a viagens, aos prazeres que antes não eram tão relevantes. O certo é que as pessoas querem poder manter o padrão já conquistado. A falta de dinheiro também pode levar à degradação, à decadência.

Não que eu esteja preparado pra me aposentar agora, longe disso, mas quando chegar esse momento eu gostaria de estar com uma condição financeira em que eu possa usar realmente esse momento de uma forma prazerosa (Felipe).

Fernanda tem um exemplo muito negativo dessa degradação. Para ela, a falta do dinheiro faz as pessoas desistirem de projetos que já tinham alcançado.

Na medida em que a pessoa vai caindo na real da aposentadoria, o seu consumo vai caindo. Tem uma tia do meu marido que era da Arco, ela se aposentou super bem, jovem. De repente ficou numa decadência. Primeiro, cortou a TV a cabo, depois o plano de saúde virou de Amil para DIX. As coisas foram todas caindo, deixou de comprar jornal, foi um horror, isso me preocupa muito assim.

Para ela, a falta de preparo intelectual agrava ainda mais o quadro, inibindo as chances de uma “volta por cima”.

As pessoas só podem resolver isso se estiverem preparadas intelectualmente. Se eu não tivesse mais nada para fazer eu dava aula particular de química ou de matemática. É um dinheiro a ganhar para poder contornar essa coisa. Mas quando a pessoa não tem escolaridade para isso, eu acho que não tem muita saída. Por exemplo, a tia do meu marido não vai fazer faxina, ela é secretária, tem o nível médio, o que ela vai fazer? Eu acho que não tem muita saída para ela.

No entanto, como contraponto ao declínio financeiro, a aposentadoria pode ser uma oportunidade para ganhos extras. Se conseguir fazer isso, a pessoa terá o seu recurso proveniente da previdência oficial, eventualmente o recurso de uma previdência complementar e ainda essa outra fonte de remuneração, descoberta já na aposentadoria.

Essa tal descoberta está relacionada ao despertar de uma consciência anterior. Ainda na ativa, as pessoas que se consideram produtivas demais para parar por completo devem prever algumas alternativas de futuro. Não só para evitar a decadência em termos econômicos, mas também para não se sentirem inúteis, improdutivas. A vantagem é que, nessa fase da vida, se pode conciliar uma remuneração compatível com horários flexíveis, com a ausência de cobrança. Isso é o que Andréa, atuária, tenta fazer nesse momento.

Projeto meu mesmo é ver se eu consigo fazer alguma coisa para que eu possa fazer essa transição da aposentadoria para não ficar sem fazer nada. A minha prioridade é descobrir uma atividade que me permita continuar útil de alguma forma e que seja também remunerada. Acho importante o trabalho que a gente faz sem recompensa, assistencial, e eu até pretendo alguma hora fazer alguma coisa nesse sentido. Mas além disso a remuneração é importante também. Eu quero uma coisa que eu possa fazer, que tenha a ver com o que eu sei fazer, que me permita uma flexibilidade maior de horário e que me dê uma remuneração que compense.

e) Aposentadoria é sinônimo de velhice?

Na Figura 1, é apresentada a linha do tempo do indivíduo, com a representação de uma “faixa aposentável”. Faixa essa correspondente ao período em que uma pessoa pode enfim requerer a sua aposentadoria junto ao INSS. Isto porque não é possível precisar exatamente em que idade uma pessoa se aposenta pois, como já foi dito, isso depende de inúmeras variáveis.

Assim, uma pessoa pode se aposentar estando na velhice ou não. E mais: pode ter uma idade que a classifique como uma pessoa idosa, segundo as definições oficiais, mas ela mesma não se considerar velha. Quem melhor para definir a própria idade do que nós mesmos? Parece ser muito difícil definir a velhice e aceitá-la para si.

As pessoas não sabem o que é envelhecer e vão vivendo sempre com aquela realidade que é presente. E envelhecer acontece de uma maneira acentuada. Quer dizer, pra mim eu nem acho que é acentuada ainda. Mas ela foi se tornando mais sensível a partir dos 50 anos de idade. No meu caso, a partir dos 50, comecei a tomar consciência do que seria o envelhecimento. Até lá, não se imagina. A gente não consegue se imaginar como um velho que não escuta. Como um velho que não entende. Como um cara que cai à toa. Mas a partir dos 50, você já começa a sentir algumas dessas coisas. (...) Envelhecer é perder gradativamente o seu potencial. Envelhecer é você perder, contra a sua vontade, a capacidade para fazer alguma coisa. (Osmar)

Quando eu tinha 23 anos, eu achava que aos 50 eu seria uma velhinha. Hoje, aos 52, acho que ainda estou longe disso. (Nair)

As associações da aposentadoria com a velhice são comuns, mas não representam uma unanimidade, as opiniões ficam divididas.

Quadro 5 – Aposentadoria é velhice?

Aposentadoria é velhice?	
Não	<ul style="list-style-type: none">▪ “Hoje não. Eu acho que aposentadoria é sinônimo de você estar preparado física e mentalmente pra que você possa efetivamente mudar sua atividade”. (Felipe)▪ “Não, de jeito nenhum! Aposentadoria é maturidade, experiência de vida”. (Jussara)
Sim	<ul style="list-style-type: none">▪ “Se você é considerado velho, não pode trabalhar, será substituído, Você sente que perdeu o espaço porque sofreu a pressão da juventude, a pressão da tecnologia. Quando você vai envelhecendo, vai desprezando adquirir novos conhecimentos. Você fica conservador demais. E o desafio talvez seja arrumar o que fazer dentro dessa realidade, completamente diferente da que você tem hoje, que é a de produzir.” (Osmar)▪ “Aposentadoria não é prêmio. Então, pra receber um benefício do Governo, pelo qual todos pagam, você tem que ser velho sim. Um velho que não presta para mais nada, que só pode mesmo usufruir, não pode contribuir. (...) Mas isso não depende de idade, mas da condição física de cada um. Idade avançada não é velhice. O velho é aquele que não tem mais condições.” (Andréa)▪ “A aposentadoria é bastante associada à velhice pelos nossos costumes, pelos nossos hábitos, pelos nossos passados. Cada vez o Governo tenta empurrar a aposentadoria pra mais longe, então quem se aposenta já está velho”. (Maurício)▪ “Já que a gente tem que trabalhar uma vida inteira para conseguir se aposentar, tirando as pessoas que começaram a trabalhar muito cedo e que acabam se aposentando com cinquenta e poucos anos e isso para mim não significa velhice, tirando essas exceções, geralmente quando o cara se aposenta é porque está velho”. (Roberta)

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos resultados da pesquisa de campo.

É importante notar que o fato de muitas vezes a aposentadoria estar relacionada à velhice não significa somente que se associe aposentadoria à degradação. Para alguns, aposentadoria e velhice lembram maturidade e experiência.

Nair faz uma comparação interessante entre as profissões do médico e do ator para ilustrar essa relação entre velhice, maturidade e experiência.

Quanto mais velho a gente fica, mais valorizado nós somos, porque você sabe mais, tem mais experiência. A não ser que você comece a ficar “gagá”, é uma das poucas profissões que quanto mais velho você fica, mais valorizado você é, o ator também. O ator não se aposenta, ele morre no palco. O médico também tem essa coisa da experiência e de nunca se aposentar totalmente.

Um outro aspecto negativo por vezes associado à velhice e também à aposentadoria é o sedentarismo. Mas, se por outro lado o sedentarismo é uma ameaça possível, os entrevistados também vislumbram, uma época de novos prazeres, para o desenvolvimento de outras atividades e até, com nostalgia, uma volta ao passado. Essa, na opinião de Jussara, é a

consciência de sua maturidade, o que também faz com que esteja otimista para essa fase de sua vida.

Eu imagino que com a aposentadoria eu vou voltar aos meus vinte e três anos de idade que foi quando eu comecei a trabalhar e tinha uma série de restrições. Porque você estava começando a vida, começando a se estruturar enquanto pessoa e na idade da aposentadoria você já tem emocionalmente toda uma estrutura de vida, você já sabe quem você é, o que você quer, o que deu certo e o que não deu certo. Então eu acho que você volta nessa idade, mas com uma bagagem já preparada e é a hora de curtir mesmo.

f) Morte e degradação ou liberdade?

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim”.
Chico Xavier

A aposentadoria também pode ser associada à morte, ainda que seja a morte social. Ela é, por vezes, descrita como um rompimento brusco e, quando não planejada, representa uma negação às suas próprias crenças, à sua própria identidade. Andréa revela essas suspeitas em seus comentários:

A aposentadoria tem que ser planejada e mesmo planejada eu acho que é um rompimento brusco, eu, particularmente vou estranhar. Eu tenho ouvido muito atualmente, de pessoas que têm se aposentado, colegas nossos, e todo mundo acha que é ótimo. Eu não sei se é tão ótimo assim, eu acho que eu não iria achar bom de repente não fazer mais nada. Por isso que eu me preocupo em fazer alguma coisa, ainda que na hora eu pare de vez. (...) Eu também vou sentir falta dos colegas. Porque o ritmo de trabalho é intenso, mas é muito compartilhado. é sempre divertido, sempre tem uma piada, uma brincadeira, então eu acho que ia sentir falta, até porque minha família é pequena, e eu ia ficar em casa sozinha e isso seria mais um ponto de insatisfação, viver isolada, a não ser que eu buscasse outras atividades mais sociais, mas isso também não é muito fácil.

Quando se fala em rompimento brusco, o que parece importar mais são as questões sociais e psicológicas e não as financeiras. Andréa ainda completa:

A parte financeira mudaria porque quando você se aposenta tem uma série de restrições, mas a gente tem tanta despesa trabalhando que de repente compensa. Uma preocupação maior minha nem é a parte financeira não, é a pessoal mesmo, de me sentir útil, de me sentir num ambiente que eu gosto de estar. Eu continuaria fazendo alguma coisa mesmo que eu ganhasse uma quantia de dinheiro inesperada. Nem que a minha atividade fosse cuidar dos meus investimentos, caso eu não precisasse mais trabalhar. Eu não nasci pra ser ‘dondoca’.

Felipe também concorda que a decisão tomada de uma forma abrupta deve ser bastante dolorosa. Sobretudo de a decisão para se aposentar não é exclusivamente um desejo seu. Muitas vezes a aposentadoria é impulsionada por limites de idade ou por condições impostas pelas empresas. Ele reforça a importância de cada um saber para si quando é o momento adequado.

Deve ser complicado se aposentar. Você está com seu vínculo empregatício, está com sua vida atuante, você ainda se considera uma pessoa economicamente ativa e de repente por algum motivo extra à sua vontade, como a idade pra se aposentar ou um acordo no trabalho, você tem que cortar esse teu vínculo com a sua empresa. Você trabalhou ao longo da sua vida, tem sua atividade profissional e você tem que obrigatoriamente começar uma nova vida, eu acho que isso é bastante doloroso. O que eu não espero que isso aconteça comigo. O que eu quero que aconteça comigo é, independente de onde eu esteja trabalhando, que eu me prepare e que eu tome a iniciativa de me aposentar, individualmente. Eu é que tenho que saber quando é momento adequado.

A luz ao fim do túnel, que afasta os conceitos de velhice degradada ou morte, é representada pelos sentimentos de liberdade. Liberdade para se fazer o quiser, ter outras atividades ou até ficar sem fazer nada, tendo como objetivo uma vida puramente relacionada aos prazeres idealizados.

Além disso, se para alguns a aposentadoria pode representar a morte, para outros ela pode representar mais anos livres, isso levando em consideração o aumento da expectativa de vida dos brasileiros. Esse contraste pode ser observado nos relatos de Andréa e Maurício.

Meu pai sempre dizia que quem se aposenta, morre. E com ele foi isso mesmo que aconteceu. Ele se aposentou menos de dois anos depois da aposentadoria. Essa imagem ficou na minha cabeça: quem se aposenta morre. (Andréa)

A população está envelhecendo mais tarde, a média de vida do povo hoje é maior. Isso leva a aposentadoria para mais longe, mas também nos dá mais anos de vida. Aí, você tem que saber o que quer fazer, tempo mais tempo de vida e mais tempo para viver. (Maurício)

A aposentadoria é caracterizada pela saída do mundo do trabalho formal. Essa ruptura, sendo positiva ou negativa representar uma grande mudança de paradigma na vida das pessoas. Ela pode, como vimos, ser encarada apenas como uma nova fase. Fase esta que pode trazer perspectivas boas e ruins, contrastes que os entrevistados identificaram, mas que são difíceis de precisar. O bom pode vir ora como novas oportunidades e novas atividades, como pode ser simplesmente ter liberdade para fazer o que quiser, mesmo que seja não fazer nada. Da mesma

forma, o que é ruim para alguns não necessariamente é para outros. Por isso, a reflexão sobre se a aposentadoria é prêmio ou castigo está no íntimo de cada um. São definições que coexistem na essência de todas as pessoas.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na opinião dos entrevistados que participaram da pesquisa, é preciso preparar-se para o futuro e para a aposentadoria. No entanto, eles reconhecem que, de forma geral, ninguém faz a preparação ideal, nem financeira e, muito menos, emocional. Essa preparação é decorrência da necessidade dos novos tempos. Debert (2003), por exemplo, enxerga nesse conjunto de transformações “um processo de *reprivatização* da velhice, que atribui ao indivíduo a responsabilidade por seu envelhecimento”. A questão também é enfatizada por outros autores, como Lins de Barros (2006) e Rodrigues et al. (2005).

O nosso país tem uma grande herança paternalista (NEGRO, 2004). A cultura que prevalece é a de que os recursos da aposentadoria seriam uma “obrigação” do Estado. Além disso, os brasileiros têm dificuldade para se projetar no longo prazo, privilegiando o curto prazo. Assim, preferem uma gratificação imediata, em lugar da gratificação futura. Mas, para Vries (2003), “quando nos planejamos com antecedência, valorizamos nossos relacionamentos acima de qualquer coisa e continuamos aprendendo. Assim, nos permitimos o desligamento”.

A manutenção do padrão de vida também é uma preocupação recorrente dos entrevistados e envolve não só aspectos econômicos, mas também afetivos. Para Faria (2006), “pode-se entender a expressão *padrão de vida*, como uma ordem que orienta as práticas de consumo e garante uma certa unidade e continuidade, essenciais à manutenção da sensação de segurança. Trata-se de um abrigo para o indivíduo que se vê obrigado a fazer escolhas em um ambiente de multiplicação contínua de alternativas”.

O que seria então manter esse padrão? Um dos conceitos aos quais podemos nos referir é o do “eu estendido” (BELK, 1988), que consiste na forma como “as pessoas definem a si mesmas por meio de suas posses. Assim, algumas posses são parte integral de sua autoidentidade”, Hawkins et al. (2007). Tal conceito está intimamente relacionado à aposentadoria, pois se, por definição, considerarmos que as pessoas são o que possuem, ao perderem as suas posses, essa

pessoa também perde um pouco de si mesma. E isso acontece muito quando os indivíduos são tão intimamente relacionados ao seu trabalho e às suas atividades profissionais que acabam por deixar de lado a sua própria essência, o que foi confirmado na pesquisa de campo a partir do relato dos entrevistados.

Desfrutar o lazer da aposentadoria pressupõe ter tempo e recursos financeiros a consumir no estilo de vida ocioso. Tempo que, para ser perdido, precisa ser ganho ao longo de toda a vida de trabalho. Dinheiro que deve ser investido para fazer a aposentadoria render a tranquilidade do ócio. Ócio este que suscita opiniões contraditórias. Os entrevistados por vezes o descrevem como assustador, mas também como a passagem para a liberdade, para o tempo livre almejado e esperado ao longo da vida laborativa. Isto porque o trabalho também está fortemente associado à identidade, às relações que se constroem ao longo do tempo e que participam da formação do indivíduo, como abordam, Botton (2005), Weber (2001) e Lins de Barros (2006).

Mas para chegar ao “ócio criativo” (DE MASI, 2000) concluímos, com a ajuda dos entrevistados, que as pessoas primeiro têm que entender quem são, tanto no ambiente pessoal como no profissional para depois se motivarem e tomarem atitudes sobre o seu futuro. Mas o fazer, ou seja, tomar uma atitude nesse caso nem sempre é tão simples. Rodrigues et al. (2005) “reforçam a variável falta de planejamento como causadora de angústia e solidão na pós-aposentadoria, ao concluir que a realização pessoal fica sempre como um esboço de projeto para ser concretizado após a aposentadoria e, quando esta chega, as pessoas sentem-se surpresas e desencantadas por não saberem gerenciar criativamente e com prazer a existência sem uma ocupação profissional”.

Outro ponto é que quando as pessoas não têm informações sobre um determinado assunto, dentro da sua própria perspectiva, ou por desconhecimento ou simplesmente por não terem vivido determinada situação, temos o que Solomon (2008) denomina “o eu do espelho”. Ou seja, “ver-se no papel do outro”. É como se fosse possível obter leituras da própria identidade, “detectando sinais emitidos pelos outros”. No presente estudo, por várias vezes os entrevistados utilizaram esta técnica de projeção, ao emitirem relatos baseados em experiências vividas por parentes ou outras pessoas de seu convívio social próximo.

A aposentadoria é caracterizada pela saída do mundo do trabalho. Mas, essa ruptura pode representar uma grande mudança de paradigma, especialmente se a pessoa tinha a necessidade do reconhecimento, ou seja, de ser admirada por outras pessoas.

“O medo de se transformar de alguém em ninguém: a passagem para um mundo em que o poder está nas mãos de outros”. Stucchi (2003)

O fato é que quem trabalha, um dia terá que se desligar de suas atividades. Se o novo mundo vai significar uma experiência positiva ou negativa, depende das particularidades de cada um. Além disso, o poder, mesmo pequeno, é algo que seduz. É como revela Stucchi (2003):

“A perda do poder, o status como trabalhador refletem preocupações dos “aposentáveis”. Cada pessoa, em sua área, detém algum poder, por mínimo que seja. E depois se vê destituído de tudo isso e tem que reconquistar um outro espaço na sociedade, na família. Há uma certa ansiedade relacionada ao novo papel na sociedade. Uma pessoa que tem cargo gerencial, por exemplo, tem uma série de responsabilidades que em casa não têm o menor valor. Lá, ele não é doutor de ninguém, não é senhor de ninguém, não abona falta de ninguém, os filhos vão e entram à hora que querem.”

Finalmente, os entrevistados também apresentaram grande preocupação com a velhice que, muitas vezes, não é vista como sinônimo de experiência. A passagem do tempo, embora inevitável, é muitas vezes vista com pesar.

“A velhice vem como um choque, porque chega primeiro pelos olhos dos outros”. A frase de Beauvoir (2008) nos leva ao entendimento de que a consciência da velhice não é algo trivial. Ela geralmente é percebida fora do indivíduo, que demora a se convencer de sua existência.

No que diz respeito à velhice, pode-se resumir que ela foi apontada muito mais como um estado de espírito. A fronteira entre ser jovem e ser velho é mesmo complexa de delimitar. Para Motta (2003), “o envelhecimento não é um processo homogêneo. A velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações, nem diante de todos os projetos”.

É comum ouvirmos que envelhecer significa abrir mão de algumas coisas. No entanto, é quando se abre mão dessas coisas que se envelhece. Na opinião de Vries (2003), “as pessoas envelhecem porque perdem o interesse em viver. O medo de se transformar de alguém em ninguém da noite para o dia gera alto grau de ansiedade”.

E esta tal ansiedade parece afetar todas as pessoas com quem conversamos. A ansiedade é evidenciada nos mais diferentes aspectos, desde os pessoais até os relativos ao trabalho e à aposentadoria. Como não se pode prever o futuro, o presente carrega o fardo das obrigações diárias e dos indivíduos e suas inquietações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 CONCLUSÃO

Como apresentado no item 1.2, a pergunta de pesquisa a que se refere este trabalho é: como os profissionais se preparam para a aposentadoria e como a definem? Depois da pesquisa de campo e da análise da literatura, pode-se dizer que para este grupo de entrevistados, a preparação para a aposentadoria é sim um fenômeno com implicações financeiras mas, acima de tudo, psicológicas.

De uma forma ou de outra, todos os entrevistados concordam que é necessário preparar-se não só para a aposentadoria, mas também para a velhice, para uma nova fase da vida. Tal preparação é apontada de diferentes formas: desde a disposição para uma nova atividade remunerada até a opção pelo ócio. Ócio aqui não significando o simples fato de não fazer nada, mas ter atividades que proporcionem prazer ou, segundo eles, pelo menos mais prazer do que o trabalho atual proporciona.

Além disso, com a pesquisa de campo foi possível correlacionar as fases de vida temporal dos entrevistados com as suas diferentes fases profissionais. A partir daí, identificamos que as atitudes com relação à aposentadoria são construídas ao longo da vida. Por isso, todo o caminho profissional é importante nessa preparação para a aposentadoria, e não somente os anos finais do período laborativo.

Mas afinal, seria a aposentadoria um prêmio ou um castigo? A resposta é um verdadeiro desafio. Embora em alguns casos os entrevistados sejam taxativos quanto a uma definição ou outra, eles também assumem que a aposentadoria apresenta essas duas faces distintas. A pesquisa de campo respondeu à pergunta de pesquisa proposta nesta Dissertação. No entanto, toda pesquisa apresenta limitações que serão abordadas no item seguinte.

5.2 LIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa exploratória com abordagem qualitativa é um instrumento complexo que demanda, entre outros aspectos, experiência por parte do entrevistador, tanto com relação à realização da entrevista em si, quanto a melhor forma para realizar o tratamento dos dados. Além disso, como é característica desse tipo de pesquisa, por mais bem conduzida que seja, o objetivo não é conclusivo e as descobertas aqui apresentadas não podem ser consideradas como aplicáveis a quaisquer situações. Tampouco era pretensão da pesquisa chegar a generalizações que definissem o comportamento dos indivíduos. A intenção do presente trabalho era apenas levantar novas abordagens e perspectivas.

Assim, alguns fatores podem ser apontados como limitadores. Como por exemplo, questões relativas à escolha e à quantidade de entrevistados. Embora o objetivo do trabalho tenha sido atingido, talvez uma quantidade maior de entrevistas, com indivíduos de perfis diferentes de outras áreas, outras localizações, outras realidades, pudesse proporcionar uma variedade maior de códigos por família ou até mesmo, a geração de famílias de códigos novas e completamente diferentes, o que mudaria a análise por completo.

Além disso, as entrevistas foram realizadas em um período de seis meses. As que ficaram para o final apresentam uma qualidade superior às iniciais, devido principalmente à experiência e à confiança adquiridas pela autora, como entrevistadora, com o passar do tempo.

No que diz respeito à análise dos resultados, a principal dificuldade foi transformar os dados brutos apurados nas entrevistas em dados que traduzissem informações importantes para a pesquisa. Assim, apresentamos as Figuras 1 e 2 que, apesar de terem satisfeito os objetivos da pesquisa, não puderam compreender a totalidade dos dados apurados. Desta forma, priorizou-se os aspectos que a autora julgou mais relevantes.

Apesar das limitações, o estudo pode contribuir para o estudo da aposentadoria. Esta pesquisa foi um primeiro passo para uma série de possibilidades de pesquisa no campo na área do comportamento do consumidor. No item 5.3 são indicadas sugestões para pesquisas futuras.

5.3 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

A pesquisa realizada é apenas uma pequena parte de um grande universo do comportamento do consumidor a ser explorado. A seguir, propõe-se algumas sugestões de pesquisas futuras.

Uma pesquisa que pode aprofundar a discussão da preparação para a aposentadoria deve contemplar entrevistas com indivíduos já aposentados. A partir de suas vivências, acreditamos que será possível identificar as diferentes formas de preparação – tanto no campo financeiro como psicológico – com o objetivo de inspirar o comportamento daqueles que ainda não se aposentaram. Ou ainda, o impacto causado pela ausência de qualquer preparação ou de uma preparação mais efetiva pode servir como exemplo para os não aposentados.

Assim, estudos exploratórios comparativos podem ser desenvolvidos, com o objetivo de confrontar as diferentes percepções dos indivíduos.

Em seguida, poderia se pensar em uma pesquisa com abordagem quantitativa, considerando uma amostra bastante abrangente, a partir da qual dados numéricos pudessem ser encontrados. Nesse caso, mais detalhes sobre a preparação poderiam ser abordados, sendo então possível traçar um mapa sobre as atitudes dos indivíduos frente a aposentadoria.

O tema aposentadoria ainda precisa ser melhor explorado. A literatura disponível sobre o tema ainda não é muito vasta e, no Brasil, a cultura que prevalece é a do imediatismo. Assim, temas que a priori sugerem um universo de tempo mais extenso, como é o caso da preparação para a aposentadoria, não são considerados importantes pela grande maioria das pessoas.

Essa pesquisa não tem a pretensão de encerrar essa discussão no campo de comportamento do consumidor, mas ao contrário, visa fornecer informações que possam servir de início para um melhor conhecimento do tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKER, David A.; KUMAR, V.; DAY, George S. **Pesquisa de Marketing**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ALLPORT, Gordon W. A personalidade madura. In: **Personalidade**. São Paulo: EDUSP, 1961, p.345-385.

ARAÚJO, Herton E.; BARBOSA, Frederico. O futuro da previdência e do trabalho. **GC Executivo**, Rio de Janeiro, v.7, n.4, p.23-27, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **O paroxista indiferente**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pazulin, 1997.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice: realidade incômoda**. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1976.

_____. **A velhice**. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BELK, Russel W. Possessions and the extended self. **Journal of Consumer Research**, v. 15, p.139-168, 1988.

BOTTON, Alain de. **Desejo de status**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. **Os prazeres e desprazeres do trabalho**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

BRADLEY, Jana. Methodological issues and practices in qualitative research. **Library Quarterly**, Chicago, v.63, n.4, p.431-449, out.1993.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: abr.2009.

BRILEY, Donnel A.; WYER JR., Robert S. The effect of the group membership salience on the avoidance of negative outcomes: implications for social and consumer decisions. **Journal of Consumer Research**, Gainesville, v.29, n.3, p.400-415, dez.2002.

CALDAS, Célia Pereira. Memória, trabalho e velhice. Um estudo das memórias dos velhos trabalhadores. In: VERAS, Renato P. (org.). **Terceira Idade. Desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / UnATI, 1997. p.121-142.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artemed, 2000.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7.ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** São Paulo: Rocco, 1999.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.24, p.40-52, set./dez.2003.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. In: XX ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 1996. **GT: Cultura e Política**. Caxambu: ANPOCS, 1996.

_____. **A reivenção da velhice. Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. 1.ed. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. 1.ed. São Paulo: Sextante, 2000.

FARIA, Ana Cláudia Loureiro. **A salvação do eu: representações do envelhecimento nos anúncios de previdência privada**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

FERRARI, Mário; KALOUSTIAN, Silvio Manoug. Introdução. In: KALOUSTIAN, Silvio Manoug. (Org). **Família brasileira: a base de tudo**. 2.ed. São Paulo: Editora Cortez, 1994, p.11-15.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANÇA, Lucia Helena. **Repensando Aposentadoria com Qualidade. Um manual para facilitadores de programas de educação para aposentadoria em comunidades**. UERJ: 2002.

GODOY, Arnaldo. Aos diabos quem veste Prada. In: **Outro olhar**. Belo Horizonte: ano V, n.6, nov. 2007, p.5.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p.7-22, nov.1994.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. 7.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.20, n.58, 2005.

GUILLEMARD, Anne-Marie, (1995). Le cycle de vie en mutation: la place du travail en question: individualisation ou normalisation? In: DUBET, François, WIEVIORKA, Michel (Orgs.). **Penser le sujet**. Paris: Fayard.

HAWKINS, Del I.; MOTHERSBAUGH, David L.; BEST, Roger J. **Comportamento do Consumidor. Construindo a estratégia de marketing**. 10.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tábuas Completas de Mortalidade – 2004**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: nov.2008.

_____. **População jovem no Brasil: a dimensão demográfica – 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em abr.2009a.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em abr.2009b.

JOLIBERT, Alain; BAUMGARTNER, Gary. Values, motivations, and personal goals: revisited. **Psychology & Marketing**, v.14, p.675–688, 1997.

JUNG, Carl G. **O desenvolvimento da personalidade**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: **Outro olhar**. Belo Horizonte: ano V, n.6, p.44-55, nov.2007.

KIRK, Jerome; MILLER, Marc L. **Reliability and validity in qualitative research**. Bervely Hills: Sage, 1986.

KLERING, José R. Pessoa adulta, saúde e educação. **Teocomunicação – PUC RS**. Porto Alegre, v.36, n.151, p.278-280, mar.2006.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 10.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LECCARDI, Carmem. **Orizzonte del tempo: esperienza del tempo e mutamento sociale**. Milano: Franco Angeli, 1991.

LEVINSON, Daniel. The psychosocial development of men in early adulthood and the mid-life transition. In: RICKS, A.; THOMAS, M. **Life history research in psychopathology**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1974, v.3.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.52, p. 109-132, 2006.

MACÊDO, Kátia B. Cultura, poder e decisão na organização familiar brasileira. **RAE Eletrônica**, v.1, n.1, jan./jun.2002.

MALDONATO, Mauro. **O desafio da comunicação. Caminhos e perspectivas.** São Paulo: Palas Athena, 2004.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing. Uma orientação aplicada.** 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARTINEAU, Pierre. Social Classes and Spending Behaviour. **Journal of Marketing**, Chicago, v.23, n.4, p.121-130, out.1958.

MARTINS, Heloísa Helena T. de S.; AUGUSTO, Maria Helena O . Juventude(s) e transições. **Tempo Social**, São Paulo, v.17, n.2, nov.2005.

MATTOS, Pedro Lincoln C.L.de. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **RAP**, Rio de Janeiro, n.39(4), p.823-847, jul./ago.2005.

_____. Os resultados de minha pesquisa qualitativa não podem ser generalizados: pondo os pingos nos 'is' dessa ressalva. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30, 2006. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006. 1 CD-ROM.

MATTOSO, Cecilia L. de Q. Classes sociais: uma discussão sobre os conceitos na Sociologia e Antropologia e sua incorporação ao Marketing. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 29, 2005, Brasília. **Anais...** Brasília: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.

Mc CLUSKY, Howard. A differential psychology of the adult potential. In: KNOWLES, M. **The adult learner: a neglected species.** Houston: Gulf Publishing Company, 1986, p.156-174.

McCRACKEN, Grant. Culture and consumption: a theoretical account of the structure and movement of cultural meaning of consumer goods. **Journal of Consumer Research**, Gainesville, v.13, n.1, p.71-94, jun.1986.

MELLUCI, Alberto; FABBRINI, Anna. **L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza.** 1ª ed. Milano: Feltrinelli, 1992.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.6, p. 5-14, set/dez.1997.

MENANDRO, Maria Cristina S.; TRINDADE, Zeidi A.; ALMEIDA, Angela Maria de O. Representações sociais da adolescência / juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.55, n.1, jun.2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo – 1 – neurose.** 9.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1997.

MOSCOVICI, Serge. Notes toward a description of Social Representations. **European Journal of Social Psychology**, n.18, p.211-50, 1988.

MOTTA, Alda Britto da. Chegando pra idade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (org.). **Velhice ou terceira idade?** 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.223-235.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa. À procura de uma política sem rótulos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.6, p.151-166, set./dez.1997.

NEGRO, Antonio L. Paternalismo, populismo e história social. In: **Cadernos AEL**. Rio de Janeiro: n. 20/21, v. 11, 2004.

NERI, Marcelo Cortes. Renda, consumo e aposentadoria: evidências, atitudes e percepções. In: NÉRI, Anita L.(org.). **Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. 1.ed. São Paulo: Co-edição Fundação Perseu Abramo e Edições SESC SP, 2007.

PAIXÃO, Cândida Gomide; SOUZA, Débora Moreira de; HENRIQUE, Flávia Avelar; SOARES, Kelly Rejane; MUZZI, Marcial; LIMOEIRO, Maria Cecília Santos; MADAL, Maria. Ontogenia: do nascimento à velhice. **Revista de Psicofisiologia**. Belo Horizonte, UFMG, 2005. Disponível em: < http://www.icb.ufmg.br/lpf/revista/index_revista.htm>. Acesso em: abril 2009.

PARASURAMAN, A.; BERRY, Leonard L.; ZEITHAML, Valarie A. Servqual: A Multiple-Item Scale for Measuring Consumer Perceptions of Service Quality. **Journal of Retailing**, v.64, p.12-40, spring 1988.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). **Velhice ou terceira idade?** 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.69-84.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.6, p. 15-24, set/dez.1997.

RIVERIN-SIMARD, Danielle. **Etapas de vie au travail**. Montreal: Les Editions Cooperatives, 1984.

ROCHA, Everardo. **Jogo de espelhos. Ensaios de cultura brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

ROGAR, Silvia. A aurora dos cinquentões. **Revista Veja**. São Paulo, ed. 2068, ano 41, n.27, p.88-100, 9 jul.2008.

RODRIGUES, Milena; AYABE, Noelle Harumi; LUNARDELLI, Maria Cristina Frollini; CANÊO, Luiz Carlos. A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.6, n.1, 2005.

SÃO PAULO (Município). Projeto de Lei nº 569, de 19 de outubro de 2001. Institui o Estatuto da Juventude e dá outras providências. São Paulo, SP, 19 de outubro de 2001. Disponível em:<<http://www.camara.sp.gov.br/projintegrapre.asp?fProjetoLei=569%2F01&sTipoPrj=PL>>. Acesso em: abr.2009.

SAUERBRONN, João Felipe R.; AYROSA, Eduardo André T. Compreendendo o consumidor através do interacionismo interpretativo. **Revista ADM.MADE**, ano 8, v.12, n.1, p.17-39, jan./abr.2008.

SCHWARCZ, Lilia Katri M. Complexo de Zé Carioca. Sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.29, n.10, p.17-30, 1995.

SELLTIZ, Claire; JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart W. **Research methods in social relations**. 2.ed. New York City: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1959.

SIMÕES, Júlio Assis. A Maior Categoria do Brasil. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (org.). **Velhice ou terceira idade?** 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.13-34.

SMITH, Robert M. **Learning how to learn: applied theory for adults**. Buckingham: Open University Press, 1993.

SOLOMON, Michael R. **O Comportamento do Consumidor – Comprando, Possuindo e Sendo**. 7.ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

STUCCHI, Deborah. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou terceira idade?** 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.35-48.

TEAS, R.Kenneth. Expectations, Performance, Evaluation, and Consumers Perceptions of Quality. **Journal of Marketing**, v.57, p.18-34, 1993.

THOMPSON, Craig J. Interpreting consumers: a hermeneutical framework for deriving marketing insights from texts of consumers'consumption stories. **Journal of Marketing Research**, v. XXXIV, p.438-455, nov.1997.

VAN MAANEN, John. Reclaiming qualitative methods for organisational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, v.24, n.4, p.520-526, dez.1979.

VRIES, Manfred de. A Síndrome da Aposentadoria. **HSM Management**, São Paulo, ano 7, v.6, nº 41, p.182-190, nov./dez.2003.

WEATHERSBY, Rita. Life stages and learning interests. In: **The adult learner: current issues in higher education**. Washington DC: American Association for Higher Education, 1978.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 4.ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas realizadas

- Em sua história de vida, o que remete à aposentadoria?
 - Já pensa em aposentadoria? O que acha que é?
 - O que pretende fazer para se preparar para ela?
 - O que você pretende fazer na aposentadoria?
 - Como vê a transição para a aposentadoria? O que é importante nesse momento?
 - A aposentadoria já o afeta hoje? Como?
 - Como ficarão os relacionamentos com as pessoas do trabalho?
 - Você se imagina aposentado? Quando isso provavelmente ocorrerá?
 - É importante as pessoas se prepararem ao longo da vida para a aposentadoria? Por que? De que forma elas podem se preparar?

- Aposentadoria é sinônimo de velhice?

- Aposentadoria é prêmio?

- Qual o significado do trabalho para você?
 - Qual a sua relação com o trabalho?
 - Coisas boas e ruins que o trabalho proporcionou.
 - Vida profissional: se sente realizado?
 - Como foi a sua trajetória profissional?
 - Se ganhasse um dinheiro inesperado, continuaria trabalhando?

- Você costuma fazer planos?
 - Que tipo de planos?
 - Em qual prazo?

- Quais são as suas prioridades de vida?

- Comente sobre a sua relação com o TEMPO.
 - O tempo passado.
 - O tempo presente.
 - Como aproveita o tempo?

APÊNDICE B – Lista de códigos obtidos agrupados por famílias e subfamílias.

Família: APOSENTADORIA

O que é aposentadoria

1. Sendo a aposentadoria assustadora.
2. Sendo inicialmente a intenção ter o ócio.
3. Sendo a aposentadoria a oportunidade de fazer algo diferente, que eu não tive tempo de fazer ao longo desses anos todos.
4. Sendo a aposentadoria a possibilidade de fazer alguma coisa sem obrigação de horário.
5. Não tendo compromisso nem obrigação de fazer nada.
6. Sendo o aposentado aquele que teoricamente está á toa ou com outras ocupações.
7. Sendo a aposentadoria de uma forma tranquila.
8. Não colocando a aposentadoria como meta.
9. Achando que a aposentadoria é o tempo de se colocar mais metas.
10. Achando natural os aposentados estabelecerem metas de médio, curto ou longo prazo para perseguirem.
11. Sendo a oportunidade de um novo desafio.
12. Sendo a aposentadoria para o médico um pouco diferente do que é para o professor.
13. Começando, com a idade, a olhar cada vez mais para você: viajar, ler, ter mais tempo livre.
14. Sendo a aposentadoria uma época que você não tem condições de trabalhar.
15. Estando a aposentadoria relacionada a uma incapacidade ou física ou mental de continuar produzindo alguma coisa.
16. Sendo a aposentadoria uma incapacidade ou física ou mental de continuar produzindo alguma coisa, vem a necessidade de você se afastar dessas atividades.
17. Tendo uma visão negativa sobre a aposentadoria porque sabe que para estar em casa recebendo proventos, os recursos têm que vir de algum lugar.
18. Associando Aposentadoria com a Previdência Oficial, porque nem todo mundo tem acesso à Previdência Complementar e sabendo que na Previdência Social para a gente receber, alguém vai ter que pagar.
19. Sendo a aposentadoria uma fase em que você pára de produzir e precisa se beneficiar de alguma forma.
20. Sendo a aposentadoria também uma hora em que você pára de trabalhar e passa a receber um benefício do governo, pago pelas outras pessoas que estão trabalhando.
21. Sendo a aposentadoria o dia em que a gente não pode mais trabalhar, pensa-se em como se vai sobreviver.
22. Sendo deixar de trabalhar uma meta que muitas pessoas buscam alcançar o mais rápido possível.
23. Sendo deixar de trabalhar poder viver sem fazer nada.
24. Achando que deixar de trabalhar deve ser apenas no dia que você não tiver mais condições de trabalhar por algum motivo: doença, idade avançada demais, problemas que atrapalham o trabalho.
25. Sendo o significado de viver normalmente na aposentadoria o fato de ter uma vida normal, como as pessoas que trabalham.
26. Sendo a rotina de aposentado uma forma de vida completamente diferente, em que se pára de trabalhar e se fica em casa sem fazer nada.
27. Remetendo a aposentadoria à desocupação.
28. Parando de trabalhar, tudo se torna acomodação.
29. Entendendo aposentadoria como um benefício estabelecido por uma entidade, por um órgão do governo.
30. Não significando a aposentadoria, o fato de ter que deixar de trabalhar.
31. Tentando o Governo empurrar a aposentadoria para mais longe porque hoje a população está envelhecendo mais tarde e a média de vida do povo é maior.
32. Achando que o consumo dos aposentados muda em relação aos que trabalham porque eles começam a fazer coisas diferentes, a ter hábitos diferentes.
33. Sendo a classificação de aposentado o fato de você trabalhar durante um tempo e depois parar.
34. Sendo a aposentadoria, a falta de trabalho, mas num sentido bom.
35. Sendo a aposentadoria parar de trabalhar.
36. Só parando de trabalhar quando nos aposentamos.
37. Sendo aposentadoria: parar de trabalhar, tendo uma renda com a qual possa viver e se sustentar.
38. Imaginando que aposentadoria seja um momento na em que queira dar uma descansada do trabalho, tendo uma quantidade financeira suficiente pra usufruir o resto da vida com certa tranquilidade.
39. Sendo aposentadoria poder descansar dos anos trabalhados, com a família.
40. Sendo aposentadoria curtir o resto da vida com uma condição financeira adequada, usufruindo os seus recursos da melhor forma possível.
41. Sendo coisas que lembram aposentadoria: viagem, família, diversão, curtidão.
42. Achando que aposentadoria não é algo nem positivo e nem negativo na vida de uma pessoa, apenas mais uma fase da sua vida.
43. Sabendo que para se aposentar a pessoa trabalha a vida inteira e chega aos 60 ou 65 anos com 35 anos de trabalho.
44. Aposentando-se a pessoa quebra o vínculo da sua vida profissional.

45. Devendo a própria pessoa decidir se quer continuar trabalhando ou não e quando quer descansar da sua história de vida profissional.
46. Sendo aposentadoria sinônimo de você estar preparado física e mentalmente para mudar sua atividade.
47. Sendo aposentadoria sinônimo de você poder contribuir da melhor forma possível para o seu plano futuro.
48. Sendo aposentadoria curtir a vida ou até ter outra atividade profissional de uma forma mais tranqüila, mais *light*.
49. Sendo aposentadoria uma determinada idade em que se pode usufruir de todo sacrifício do período de atividade.
50. Sendo para quem se programou um momento de garantia, de certeza.
51. Sendo aposentadoria uma coisa para você curtir mesmo, passear, fazer estripulias, criar coisas novas.
52. Sendo aposentadoria não ter as obrigações que tinha antes.
53. Achando que o aposentado está livre, leve e solto.
54. Associando aposentadoria como outra fase, assim como tem a fase do primário, a fase em que você começa a trabalhar.
55. Achando que quando a gente vai para a escola, a sua expectativa é uma, as suas atividades são outras, têm horário determinado. Começando a trabalhar, você já tem outro foco na vida, tenta se realizar financeiramente, se estabilizar e desenvolver a sua parte intelectual. Indo para a aposentadoria, já está tudo resolvido.
56. Não chegando o momento de você só descansar, a aposentadoria tem que ser o momento para você construir coisas das quais possa se orgulhar.
57. Pensando que cada momento pode ser bom, porque coisas reais você está vivendo no dia a dia, a aposentadoria passa a ser alguma coisa de sonhos.
58. Achando que a aposentadoria será ter tempo livre para fazer o que quiser.
59. Achando que a se a pessoa teve uma boa vida de trabalho, isso refletirá na aposentadoria.
60. Achando que a se a pessoa teve uma vida ruim de trabalho, isso também refletirá na aposentadoria.
61. Não sabendo se pararia de trabalhar, caso ganhasse uma quantia inesperada de dinheiro.

Sendo a aposentadoria um prêmio

1. Já tendo passado pela sua cabeça parar de trabalhar, caso ganhasse um dinheiro inesperado.
2. Tendo uma situação especial porque tem duas aposentadorias: a que era da emergência e a do Pedro Ernesto.
3. Tendo o Doutorado, tem um salário que considera bom.
4. Achando que é aproveitar-se do sacrifício alheio, aquele que fica em casa sem fazer nada, quando ainda está em plenas condições de trabalho.
5. Achando então que aposentadoria é mesmo quando você não tem condição de prover seu próprio sustento através do seu trabalho.
6. Não tendo condições de prover seu próprio sustento através do seu trabalho, você precisa que alguém faça isso para você.
7. Tendo condições não deveria estar usando (o benefício do INSS), deixando para usar quando você não tiver condições.
8. Continuando a trabalhar mesmo que ganhasse uma quantia inesperada.
9. Continuando a trabalhar, só que muito menos, caso ganhasse uma quantia inesperada.
10. Sendo pouco o tempo que falta para se aposentar, talvez continuasse a trabalhar, mesmo que ganhasse uma quantia inesperada.
11. Supondo que faltasse muito tempo para se aposentar, talvez não continuasse no emprego atual, caso ganhasse uma quantia inesperada.
12. Achando que aposentadoria não é prêmio, tendo aprendido isso ao longo da vida.
13. Achando que aposentadoria é um prêmio.
14. Continuando a trabalhar hoje, mesmo se ganhasse uma quantia de dinheiro inesperada.
15. Achando que a aposentadoria é um prêmio para as pessoas.
16. Vendo a aposentadoria como uma coisa ótima.
17. Tendo o pensamento de que a aposentadoria é uma coisa ótima porque o trabalho cansa.
18. Tendo uma renda que permitisse viver e fazer as coisas que gosta sem trabalhar, não sentiria falta nenhuma do trabalho.
19. Parando de trabalhar com certeza absoluta, caso ganhasse uma quantia grande de dinheiro.
20. Parando de trabalhar se ganhasse uma quantia que desse para se sustentar.
21. Não achando que aposentadoria seja um prêmio, apenas mais uma fase da vida de uma pessoa.
22. Achando que aposentadoria não é um prêmio, principalmente se você está se sentindo bem profissionalmente e gostaria de continuar a sua atividade e algum órgão te obriga a se aposentar.
23. Achando que a aposentadoria pode ser bem-vinda, se a pessoa tem uma atividade própria e se planeja e se organiza para parar em determinado momento.
24. Considerando importantes na aposentadoria, além do dinheiro, bem-estar, família, saúde, paz, tranqüilidade.
25. Sendo a aposentadoria um prêmio por todo esforço de uma vida laboral inteira.
26. Sendo a aposentadoria digna um prêmio, uma tranqüilidade, uma segurança, uma proteção.

27. Achando que na idade da aposentadoria você já tem uma bagagem preparada e é a hora de curtir mesmo.
28. Tendo amanhã a oportunidade de se aposentar é porque era a sua hora, o seu momento.
29. Chegando a hora, não se tem que discutir, mas aproveitar a oportunidade e se aposentar.
30. Vendo, com a aposentadoria, o que eu não fiz por não ter tido tempo e o que gostaria de ter feito.
31. Querendo continuar trabalhando, enquanto tiver oportunidade.
32. Achando que a aposentadoria pode não ser um prêmio.
33. Achando que a aposentadoria é um prêmio, se for um dinheiro justo, se a pessoa está bem calçada.
34. Achando que a aposentadoria é um prêmio, se ela te recompensar por aqueles anos que você deu seu esforço.
35. Achando que a aposentadoria é um prêmio, se você arruma outras formas de se ocupar.

Esperando que a aposentadoria seja:

1. Sendo a novidade possível de conhecer só quando se passa por ela.
2. Achando que ficam muitas coisas para fazer depois porque o dia a dia é muito corrido, absorve muito a gente.
3. Achando que os relacionamentos continuam.
4. Achando que se começa a ter outro ciclo de oportunidades de fazer coisas que não se pôde fazer ao longo do tempo.
5. Achando que as pessoas devem fazer o que têm vontade se os filhos estão criados e ela tem tempo e saúde.
6. Acabando um ciclo que graças a Deus acabou bem.
7. Sendo uma decisão muito suave.
8. Achando que todos devem continuar trabalhando depois de aposentados, de estar recebendo os benefícios previstos, mesmo que não seja na mesma profissão.
9. Não querendo ter o compromisso de pegar todos os dias de 8 às 5, de assinar um ponto.
10. Só sabendo como será a aposentadoria na prática.
11. Chegando a fase da aposentadoria, você começa a imaginar todas as possibilidades que terá a partir do momento em que estiver aposentada.
12. Achando que para curtir os filhos ou os netos, a casa, o marido, os amigos, não é necessário esperar a aposentadoria, porque isso tão próximo, está dentro da gente.
13. Passando, com a aposentadoria, para uma outra fase, voltando, na aposentadoria, a uns vinte anos atrás.
14. Tendo muitas novas prioridades com a chegada da aposentadoria.
15. Ficando em casa uma época por problemas de saúde, foi para a natação, foi bom para o seu físico, ficou magrinha.

Preocupações com a aposentadoria

1. Vendo com muita desconfiança o fato de parar de trabalhar.
2. Não podendo imaginar se é bom (parar de trabalhar) sem saber como é.
3. Tendo medo de deixar a mente acomodada demais.
4. Sendo o simples ócio uma coisa que não tem explicação.
5. Tendo a preocupação com ócio.
6. Achando tudo muito difícil (o ócio).
7. Achando difícil acomodar o que a vida colocou junto de você, material e emocionalmente.
8. Achando difícil ter uma mudança tão drástica.
9. Achando difícil ter que passar para um descanso absoluto.
10. Sendo a parte mais difícil a que tem a ver com a família.
11. Não pensando a família da mesma forma, não querendo ter uma vida mais reclusa, contemplativa.
12. Não achando também que seja compensador alternar períodos de retirada momentânea com a vida normal.
13. Achando que o mais difícil, quando se está aposentado, é arrumar uma atividade que preencha o dia de uma maneira satisfatória.
14. Achando que vai sentir falta de resolver as coisas.
15. Prolongando-se a sensação de férias, o sentimento acaba sendo prejudicial.
16. Podendo ter algum atrito (com a mulher), não chegando a divórcio nem separação.
17. Trazendo a depressão a falta de trabalho.
18. Tendo uma visão um pouco negativa em relação a aposentadoria.
19. Vendo a aposentadoria como um momento em que você de alguma maneira já está perdendo a capacidade de alguma forma.
20. Tendo medo de chegar à aposentadoria com a sensação de que não presta mais para nada.
21. Achando que vai estranhar a aposentadoria.
22. Não achando que é tão ótima assim a aposentadoria como as pessoas recém aposentadas dizem.
23. Não achando que será bom de repente não fazer mais nada, sendo então por isso preocupada em fazer alguma coisa na hora que tiver que parar.
24. Achando que ficará em casa sozinha, o que seria mais um ponto de insatisfação.
25. Achando que ficará em casa isolada, a menos que busque outras atividades mais sociais, o que não faz parte do dia a dia.

26. Achando que a parte financeira mudaria muito.
27. Sendo uma grande preocupação o fato de se sentir útil, de se sentir em um ambiente em que gosta de estar.
28. Tendo sempre ouvido do pai que quem se aposenta morre cedo, não quer se aposentar nesse sentido pleno, de não fazer absolutamente nada.
29. Ficando na dúvida se a aposentadoria será suficiente.
30. Assumindo a rotina de não fazer nada, quem tinha uma rotina de trabalho provavelmente vai ficar doente.
31. Assumindo a rotina de não fazer nada, quem tinha uma rotina de trabalho provavelmente terá um tempo de vida pequeno.
32. Parando de trabalhar, você passa a ser esquecido pelas pessoas porque você não frequenta mais os mesmos lugares.
33. Parando de trabalhar, você fica sem as pessoas.
34. Estando longe de sua vida as preocupações.
35. Achando que o aposentado vai se acostumando ao sedentarismo e com isso deixa de ter prazer de fazer certas coisas.
36. Achando que o aposentado começa a não ter mais prazer de sair, de ir a determinados lugares, de comprar determinadas coisas.
37. Achando o aposentado que o seu tempo de ter alguns prazeres já passou, sendo esse o motivo de o seu comportamento mudar completamente.
38. Devendo ser complicada a transição para a aposentadoria, a partir do momento em que você está com seu vínculo empregatício, a vida atuante e você ainda se considera uma pessoa economicamente ativa.
39. Devendo ser complicada a transição para a aposentadoria se, de repente, por algum motivo extra à sua vontade, como a idade pra se aposentar ou um acordo no trabalho, você tem que cortar esse vínculo.
40. Devendo ser bastante doloroso, o fato de uma pessoa ter trabalhado ao longo da sua vida e ter que obrigatoriamente começar uma nova vida.
41. Esperando não ter que parar de trabalhar abruptamente.
42. Achando que, na aposentadoria, sentirá falta de agregar valores para o seu cliente e para a sua empresa.
43. Achando que, na aposentadoria, sentirá falta de se sentir produtivo.
44. Achando que, na aposentadoria, sentirá falta acreditar que está fazendo uma coisa que agregue valor não só para o seu empregador como pra o seu cliente.
45. Lembrando de perda de poder aquisitivo na aposentadoria.
46. Passando a filha para uma faculdade particular, terá que pagar a faculdade dela, o que não poderá fazer se ganhar somente 2 mil e poucos reais, que é o que o INSS paga.
47. Parando de trabalhar, perderá poder aquisitivo.
48. Gostando tanto de trabalhar, arrumaria outras coisas para substituir o trabalho porque não teria outro jeito.
49. Achando que a decisão em parar de trabalhar, caso não precisasse mais de dinheiro, dependeria do dia que estivesse vivendo.
50. Achando que no início da aposentadoria, o consumo do aposentado não muda muito.
51. Vem caindo para um nível horroroso o consumo do aposentado no Brasil.
52. Preocupando-se com o fato de ter que de repente cortar a TV a cabo, trocar o plano de saúde de Amil para DIX ou Assim, ter que deixar de comprar jornal.

Se imaginando aposentado

1. Querendo ter mais liberdade pra tratar de coisas pequenas.
2. Tendo a liberdade pra não ter nenhum compromisso firmado.
3. Querendo ter um local reservado, um local mais isolado.
4. Querendo ter uma vida mais reflexiva, mais voltada para um crescimento literário.
5. Querendo escrever ensaios.
6. Pretendendo ter alguma coisa (casa ou sítio) pra desfrutar nos finais de semana.
7. Pretendendo alternar períodos de retirada momentânea com a vida normal.
8. Nunca tendo pensado em estar completamente aposentado.
9. Achando que você pode até se programar para fazer esportes, ir ao clube com os amigos ou ler um livro e que fazer essas coisas é encher o dia.
10. Não sabendo se é legal viajar o ano inteiro.
11. Tendo na aposentadoria uma flexibilidade maior.
12. Não tendo a ideia de ficar parado ou descansando, só tendo uma liberdade maior.
13. Tendo a liberdade para fazer determinadas coisas que você não pôde fazer ao longo da sua vida: viajar, passear mais, se dedicar mais a alguma coisa filantrópica ligada ao meio ambiente pois curte muito bichos.
14. Não significando que viajará tudo no primeiro ano depois que se aposentar.
15. Imaginando-se sem trabalhar, sem ter uma atividade de trabalho regular.
16. Imaginando-se aposentado, sem trabalhar, em função da rotina frenética e estressante que tem hoje.
17. Não querendo mais ter obrigação, nem estresse.
18. Tendo mais liberdade, mas não se imaginando aposentado à toa, sem ter o que fazer.

19. Sentindo que não têm hora ou obrigação.
20. Achando que a mulher vai gostar de tê-lo em casa.
21. Achando que não sentirá falta da responsabilidade gerencial porque as pessoas têm diferentes berços, diferentes culturas, diferentes reações.
22. Achando que não sentirá falta do poder.
23. Acreditando que não sentirá falta do poder, devido às cobranças.
24. Podendo a aposentadoria trazer várias lembranças na vida do médico.
25. Não adiantando se aposentar, se você sente que ainda tem que dar para a sociedade, para o paciente, para o residente, para o aluno.
26. Dando aula há 30 anos, já poderia ter se aposentado aos 25 anos (de profissão).
27. Pensando em parar de trabalhar um dia, tanto na Universidade quanto no Consultório.
28. Achando que não sofrerá quando estiver totalmente aposentada
29. Não pensando em aposentadoria para o seu caso próprio, até um ano, dois anos atrás.
30. Não querendo ficar doente nem incapaz, não se vê aposentada já que associa essas duas coisas à aposentadoria
31. Não se vendo com a necessidade, nem gostando de ter a necessidade de se aposentar.
32. Não se vendo aposentada e nem próxima à aposentadoria que está relacionada à perda de capacidade.
33. Sendo então meio complicado pensar na aposentadoria.
34. Não querendo parar de fazer alguma coisa, nem que fosse para fazer para si mesma, caso ganhasse uma quantia inesperada, como participar da escolha dos seus investimentos.
35. Tendo que ter uma atuação pois não nasceu para ser "dondoca".
36. Tendo como prioridade de vida ainda ser muito útil.
37. Tendo ainda muito a contribuir.
38. Não pensando em se aposentar.
39. Tendo tempo e recursos para se aposentar mas ainda não pensando em dar entrada nos papéis.
40. Não estando envolvido pelo pensamento da aposentadoria.
41. Sendo vida de um aposentado de acordo com aquilo que ele programou para o futuro dele.
42. Achando que não ficará desocupado quando se aposentar.
43. Achando que não conseguirá ficar em casa sem fazer nada, esperando a chuva ou o sol, sem trabalho.
44. Não ficando em casa olhando pra ontem na aposentadoria.
45. Tendo facilidade de se colocar diante de qualquer situação nova que aparece, mas achando que não terá essa mesma facilidade com a aposentadoria
46. Tendo uma quantia substancial mensalmente que dissesse que não precisaria trabalhar, acha que não conseguiria ficar sem trabalhar.
47. Não ficar vivendo exclusivamente do trabalho voluntário.
48. Não tendo medo do esquecimento, pois ele é uma coisa normal.
49. Não tendo medo de enjoar de ficar sem trabalhar.
50. Estando preparada para se aposentar amanhã, se saísse uma lei que permitisse isso.
51. Achando que não sentiria falta de absolutamente nada no trabalho.
52. Não se sentindo em uma fase de transição para a aposentadoria, pois ainda falta muito.
53. Tendo uma situação em que só faltam mais 7 anos de trabalho e outra em que faltam 17 anos para se aposentar.
54. Não acumulando os anos de trabalho porque são regimes diferentes: CLT e estatutário.
55. Faltando 7 anos no que falta menos, acha que isso é muito tempo, por isso não se sente prestes a ser aposentada.
56. Havendo a possibilidade largar o emprego em que falta mais tempo para se aposentar, quando tiver aposentada no que falta menos tempo.
57. Tendo uma opinião formada sobre a sua própria vida quando se aposentar.
58. Costumando ficar ligada nas mudanças na Lei, para conferir os impactos que isso pode lhe causar
59. Acompanhando regularmente as mudanças na Lei para observar se há alterações em uma possível redução de carga horária ou redução de trabalho nos empregos que tem.
60. Achando que, uma vez aposentada terá um "vidão".
61. Achando que, aposentada, vai viajar ainda mais e poder acordar tarde todos os dias.
62. Só imaginando coisas boas na aposentadoria.
63. Não imaginando que perderá em nenhum ponto, só imaginando coisas boas.
64. Imaginando que poderia perder alguma coisa só se não tivesse saúde, o que também pode acontecer enquanto estiver na vida ativa.
65. Não pensando em aposentadoria agora.
66. Aproveitando a aposentadoria para conhecer e fazer coisas que você não fez ao longo da sua vida profissional.
67. Não se vendo aposentado, mas sabendo que esse dia vai chegar.
68. Querendo usufruir a aposentadoria da melhor forma possível, quando ela chegar.
69. Querendo ter uma condição financeira em que possa usar realmente a aposentadoria de uma forma prazerosa.
70. Tendo ainda muito campo de trabalho e muita coisa pra fazer na vida, antes de pensar em aposentadoria.

71. Não pensando ainda no momento da aposentadoria e nem em como ela vai afetá-lo.
72. Achando que o principal é a tranquilidade e a segurança que você tem depois de aposentado.
73. Imaginando que com a aposentadoria, vai voltar aos seus vinte e três anos de idade, que foi quando começou a trabalhar.
74. Já se imaginando aposentada porque começou a trabalhar muito cedo, com 18 anos.
75. Completando no ano que vem o tempo para se aposentar pelo INSS, que são 30 anos de trabalho.
76. Só imaginando coisas boas para a aposentadoria.
77. Estando com o pensamento otimista, não esperando que venha coisa ruim na aposentadoria.
78. Não sendo possível trabalhar só 6 horas, acha que tem que se preparar mesmo para a aposentadoria.
79. Podendo mudar a regra, se aposentaria amanhã, caso fosse possível.
80. Achando que já está preparada para isso, fazendo primeiro uma festa, mas se aposentaria amanhã mesmo.
81. Aposentando-se amanhã, caso pudesse, por causa dos seus projetos, mas também achar que a vida não tem data marcada para você partir.
82. Acreditando nisso, se a aposentadoria for amanhã e ela “partir” depois de amanhã, já terá valido a pena pois já terá curtido a aposentadoria.
83. Não se aposentando daqui a dois, três anos, como está nos seus planos, também entenderá.
84. Estando aposentada, espera poder curtir os netos.
85. Querendo recuperar o tempo na aposentadoria.
86. Querendo, na aposentadoria, ter tempo para fazer o que eu tiver vontade.
87. Ficando sem trabalhar, vai encher o saco da família toda.
88. Estando num dia feliz, continuaria a trabalhar.
89. Tendo tido um dia triste, pararia de trabalhar para fazer outros trabalhos particulares, onde teria mais flexibilidade de horário.
90. Diminuindo o ritmo, caso não precisasse mais de dinheiro, mas continuando a trabalhar
91. Querendo viajar mais e passar temporadas fora do Brasil, quando ela e o marido estiverem aposentados.
92. Na medida em que o tempo vai passando, a pessoa vai caindo na real da aposentadoria, e o seu consumo vai caindo.

Inventando atividades na aposentadoria

1. Sendo a oportunidade de fazer alguma coisa que dê algum rendimento extra.
2. Achando que continuar a trabalhar após aposentado é uma nova fase.
3. Tendo a oportunidade de ter uma nova ocupação, daquilo tudo que era a minha própria base de formação.
4. Continuando a desenvolver uma atividade afim.
5. Sendo muito fácil e confortável trabalhar em uma atividade afim.
6. Tendo uma parada para desenvolver uma atividade completamente diferente.
7. Estando tudo bem se a pessoa fizer algo que não tem nada a ver com a sua área de atuação.
8. Podendo a pessoa desenvolver algum tipo de retiro.
9. Podendo a pessoa ter uma bonita estufa.
10. Podendo a pessoa pegar um violão que nunca pegou.
11. Partindo para aprender, mesmo sabendo que nunca será um excelente músico.
12. Partindo para aprender, mesmo sabendo que nunca será um poeta.
13. Buscando novas técnicas que vão te estimular.
14. Indo buscar outras questões para resolver.
15. Buscando o que fazer na aposentadoria.
16. Sendo um dos projetos para a aposentadoria, voltar a estudar.
17. Querendo dedicar-se a algo voltado para a natureza.
18. Pensando em fazer uma faculdade de Fisioterapia.
19. Pensando em estudar inglês.
20. Surgindo a oportunidade de malhar, se você não malha.
21. Iniciando um projeto X, Y ou Z que você tinha a pretensão de fazer.
22. Já se envolvendo e compartilhando dos problemas domésticos, acha que vai se ocupar legal.
23. Não sabendo cozinhar “xongas”, sendo a aposentadoria uma oportunidade para aprender a cozinhar.
24. Pensando em virar um *chef*.
25. Achando que se as pessoas aposentadas têm tempo e dinheiro, elas devem conhecer tal lugar, ou estudar ou fazer aquele trabalho voluntário.
26. Pensando em pesquisa como outra forma de trabalho para o futuro.
27. Pensando em escrever um livro sobre a experiência de 30 anos em ambulatório de ginecologia oncológica.
28. Pretendendo fazer coisas para si, como estudar História, já que é apaixonada pelo assunto.
29. Pretendendo fazer um curso de História da Arte ou História, fora do Brasil.
30. Tendo também vontade de visitar outros Hospitais fora do Brasil.
31. Tendo feito planejamentos e planos.

32. Querendo se dedicar cada vez mais à pesquisa, no estudo em relação à Oncologia, ao câncer ginecológico, ao câncer de mama.
33. Tendo a curiosidade de freqüentar outros lugares.
34. Aposentando-se um dia, gostará de manter outra atividade.
35. Mantendo uma nova atividade não mais com essa obrigatoriedade de estar cedinho no trabalho e não ter hora para sair no final do dia.
36. Vislumbrando uma flexibilidade de horário, não querendo ficar presa o dia todo.
37. Querendo continuar trabalhando em uma coisa que possa planejar.
38. Querendo continuar trabalhando em algo que o que receber dependa da carga de trabalho.
39. Reduzindo a carga de trabalho, reduzirá também a remuneração, mas controlando essa situação.
40. Não tendo mais um vínculo de trabalho que não pode controlar.
41. Não estando mais sujeita a regras.
42. Tendo já pensado em fazer uma faculdade de Direito, área pela qual se interessa bastante.
43. Pensando em fazer atividades de perícia, onde poderá usar um pouco do conhecimento específico associado ao Direito.
44. Pensando em fazer um curso de perícia, porque é uma coisa mais tranqüila.
45. Pensando em trabalhar com perícia porque pode pegar poucas atividades, conforme a sua disponibilidade de horário.
46. Não pensando em parar de vez, mesmo com a aposentadoria eminente.
47. Fazendo alguns planos, como o curso de perícia, mas não sabendo se gostará disso.
48. Pensando até em fazer trabalhos assistenciais, sem recompensa, mas preferindo atividades que tenham a ver com o que sabe fazer e que tenham uma remuneração que compense.
49. Pensando no que vai fazer: ficar em casa lendo jornal, ir para praia ou andar no shopping.
50. Podendo-se aumentar o tempo de vida na aposentadoria, tendo uma ocupação, mesmo que as ocupações às vezes não tenham um retorno financeiro.
51. Não devendo o aposentado ficar desocupado.
52. Achando que arrumará alguma ocupação, mesmo que gratuita, para substituir sua rotina de trabalho.
53. Preenchendo o tempo com uma ocupação na aposentadoria, mesmo que seja um trabalho voluntário em alguma entidade.
54. Preenchendo o tempo na aposentadoria com alguma coisa que possa ajudar algumas pessoas
55. Tendo que fazer alguma coisa, mesmo que fosse um trabalho voluntário.
56. Achando que é necessário se manter em atividade para saber isso tudo: o que está nos jornais, o que acontece no mundo.
57. Achando que todos devem continuar a fazer alguma coisa para manter-se sempre ocupados.
58. Sendo o fato de manter-se ocupado uma meta para o seu pensamento porque isso o mantém vivo.
59. Tendo criatividade suficiente para fazer coisas que dariam mais prazer do que o trabalho dá.
60. Achando que não terá que se aposentar sem estar com vontade porque acha que mesmo que esteja em uma empresa privada e faça algum acordo, continuará fazendo alguma outra atividade, se se sentir bem fisicamente e psicologicamente.
61. Sendo um profissional liberal ou um profissional autônomo, continuará com alguma outra atividade que ocupe a mente até o momento que achar adequado pra usufruir da aposentadoria.
62. Achando importante o preparo para a aposentadoria para curtir a vida ou ter outra atividade.
63. Querendo fazer um curso às duas horas da tarde de decoração de interiores, é hora de fazer.
64. Tendo aquela ginástica que você não fez a vida inteira dizendo que ia começar na segunda-feira, agora você pode começar na segunda-feira às dez horas da manhã ou três horas da tarde.
65. Podendo programar agora aquela viagem que você nunca pôde fazer por causa de problemas de horário.
66. Pretendendo ocupar seu tempo com algumas atividades, com coisas que gosta de fazer.
67. Adorando dançar, nunca teve a oportunidade de entrar num curso de dança antes.
68. Sabendo que não será uma profissional de dança, mas que isso dará muito prazer e alegria, se programará para fazer.
69. Querendo também fazer caridade, coisa para a qual também nunca teve tempo.
70. Dedicando para a caridade um dia da semana ou dois, dependendo da necessidade das outras pessoas.
71. Tendo o dia ocupado, curtindo a sua casa e o marido.
72. Adorando viajar e querendo dar mais atenção para a família, o que hoje não faz direito.
73. Tendo saúde, as pessoas têm paz de espírito e muitas oportunidades para escolher, é só não se fechar e ocupar o tempo com coisas úteis.
74. Achando que vai ter muita coisa para fazer.
75. Pensando em continuar trabalhando, daqui a 4 anos, mesmo se estiver aposentada.
76. Tendo que fazer sempre alguma coisa.
77. Achando que dará um jeito de se ocupar quando for inevitável ter que deixar de trabalhar.
78. Ficando sem trabalhar, voltaria para a natação.
79. Ficando sem trabalhar, estudaria mais Inglês e começaria o Alemão.

80. Não podendo mais trabalhar, começaria a estudar.
81. Pensando em fazer faculdade de História quando não puder mais trabalhar, porque gosta muito do assunto.
82. Querendo se dedicar a fazer uma outra Faculdade, um dia.
83. Sendo o importante ter uma atividade, não necessariamente trabalho.
84. Não sendo trabalho, pode ser natação, estudo.
85. Não podendo parar de fazer alguma coisa, não gostando de ficar em casa sem fazer nada.
86. Compartilhando dos planos do marido de morar uns tempos na Europa, porque gosta muito de História e lá poderá estudar mais.
87. Não tendo mais nada para fazer, no seu caso, voltava a dar aulas de Química ou de Matemática para ganhar dinheiro.

Se preparando emocionalmente para a aposentadoria

1. Vendo a transição do trabalho para a aposentadoria só pelo lado das dificuldades.
2. Sendo quase impossível não passar por isso (ver a transição do trabalho para a aposentadoria só pelo lado das dificuldades).
3. Achando que a passagem tem que ser sempre gradativa.
4. Achando que sendo a passagem abrupta, pode trazer desgosto e depressão.
5. Nunca tendo se preparado para parar.
6. Não sabendo identificar a transição entre o final dos anos de trabalho e a aposentadoria.
7. Tendo algumas pessoas a reação de que estão de férias.
8. Vendo a transição para a aposentadoria com tranquilidade.
9. Não vendo a transição de forma impactante.
10. Já participando das coisas de dentro de casa, espera que a transição seja tranquila.
11. Não precisando preencher a falta do papel gerencial.
12. Não idealizando muito como vai ser a aposentadoria.
13. Não contando tempo para se aposentar.
14. Sabendo quanto tempo falta para se aposentar, mas sem ficar contando esse tempo.
15. Achando que não sairá exatamente no tempo certo para a aposentadoria, mas que trabalhará mais.
16. Não colocando a aposentadoria como uma meta de vida.
17. Achando que na vida tem que ser cada coisa de uma vez.
18. Achando que as pessoas devem continuar a ter metas na aposentadoria para que não caiam no comodismo.
19. Vindo a aposentadoria (da emergência) na hora certa.
20. Sentindo-se ainda bem disposta, dar aula é uma coisa que dá vida.
21. Sentindo-se ainda bem disposta, lidar com o pessoal jovem é uma coisa que dá vida.
22. Já tendo diminuído o ritmo
23. Não fazendo mais obstetrícia, decisão que eu tomou há cinco anos
24. Já priorizando as coisas de certa maneira
25. Chegando antigamente na Perinatal, encontrava muitos conhecidos, dando-se conta agora de que não conhecia ninguém daquelas pessoas que estavam na sala.
26. Tendo a sensação de como estivesse do lado de cá de um vidro e as pessoas do lado de lá.
27. Sentindo como se estivesse assistindo a um filme
28. Tendo participado daquele mundo, mas não pertencendo mais a ele.
29. Apenas achando que aquele universo não é mais o seu.
30. Achando que só sofre a pessoa que não desenvolveu outros interesses.
31. Não se ganhando nada com o trabalho voluntário, mas ganhando uma ocupação.
32. Querendo fazer uma substituição gradativa de trabalho.
33. Não interrompendo de vez o trabalho porque acha que será doloroso.
34. Pensando em deixar a atividade atual, mas não se vendo fazendo outra coisa.
35. Tendo que ser planejada a transição do trabalho para uma vida mais light, para uma aposentadoria.
36. Achando que mesmo planejada será um rompimento brusco.
37. Sendo hoje a sua prioridade descobrir uma atividade remunerada que permita continuar útil de alguma forma.
38. Achando que a preservação da vida tem a ver com o fato de você se sentir útil em alguma coisa, ainda que seja fazer comida para os filhos, netos.
39. Não tendo a perspectiva de fazer comida para os filhos e netos, no seu caso, tem que arranjar alguma coisa para fazer.
40. Estando a condição para deixar de trabalhar dentro da cabeça de cada um.
41. Sendo o mais importante a forma que ele se preparou para um dia poder deixar de trabalhar e viver normalmente.
42. Achando que se deve ver a aposentadoria pensando em programar o tempo a partir do dia em que disser que não vai mais trabalhar
43. Precisando o aposentado ter também uma rotina de vida.
44. Achando que o preparo que faz para a aposentadoria, faz sempre pensar em uma forma de adiar esse dia.
45. Tentando buscar alguma forma de ocupação, alguma coisa para ser feita que adie essa necessidade da aposentadoria.

46. Sendo a necessidade de ter uma ocupação algo que tem a ver com o seu perfil e não com a sua profissão.
47. Achando que a forma de minimizar as perdas que a aposentadoria traz é pensar em como vai ser quando você se aposentar.
48. Havendo mudança no comportamento do aposentado, devido à não preparação da sua cabeça para continuar vivendo como se não estivesse aposentado.
49. Achando que as pessoas devem se preparar de alguma forma para a aposentadoria.
50. Achando que principalmente as pessoas que gostam de suas rotinas devem se preparar para se aposentar.
51. Pensando que a preparação das pessoas que gostam de suas rotinas deve ser tanto no sentido financeiro quanto no psicológico.
52. Achando que o sentido psicológico da preparação tem a ver com a praticidade, de ter alguma coisa para fazer todos os dias.
53. Achando que algumas pessoas precisam das suas rotinas.
54. Não estando preparada emocionalmente, com a cabeça boa, preparada, a transição deve ser bastante dolorosa, bastante ruim.
55. Achando que as pessoas devem se preparar psicologicamente e fisicamente pra realmente curtir um pouco a sua vida na aposentadoria, independentemente das condições que o Governo ou as instituições privadas impõem.
56. Achando que as pessoas devem pensar sobre a aposentadoria para planejar e no momento certo usufruir dela com a família, curtindo o resto da vida.
57. Esperando, independente de onde estiver trabalhando, poder preparar-se para tomar a iniciativa de se aposentar, individualmente.
58. Não tendo a mínima ideia de quando a pessoa deve começar a transição para a aposentadoria.
59. Sendo alguns dos elementos de preparação para a aposentadoria: o planejamento com a família, o planejamento do que se espera do futuro, o planejamento do que se quer fazer e se vai continuar na sua atividade profissional ou se vai começar outra atividade.
60. Sendo a transição para a aposentadoria, um momento de reflexão em que você tem que pensar em uma nova fase da sua vida.
61. Tendo que ficar bem para equilibrar todos os pilares da sua vida e ter uma aposentadoria mais adequada, mais sadia, mais feliz.
62. Achando que o aspecto mais importante na aposentadoria é a tranquilidade, a segurança.
63. Sendo tranquilidade a gente não se restringir de fazer algumas coisas que vão dar prazer.
64. Vendo a vida com otimismo, acha que não vai ter nenhum problema de depressão, de ficar pensando o que vai fazer.
65. Indo para a aposentadoria, emocionalmente você também está mais tranquilo.
66. Vendo que as pessoas que nunca estão satisfeitas, chegam à aposentadoria e não se realizam porque não se organizaram.
67. Achando que as pessoas não querem sair do trabalho porque ele passa a ser a constatação de que você está vivo, de que você está produzindo.
68. Achando que você pode constatar que está vivo de outras formas, não necessariamente trabalhando.
69. Sendo ainda necessária, estará no mercado de trabalho.
70. Já se sentindo um pouco nesse período de transição.
71. Não entregando os pontos, enquanto tiver saúde para isso.
72. Achando que as pessoas podem tentar evitar a decadência na aposentadoria, caso estejam preparadas intelectualmente para isso.
73. Achando importante que as pessoas se preparem para a aposentadoria para não entrarem em decadência.

Se preparando financeiramente para a aposentadoria

1. Nunca tendo feito planejamentos nem de ordem financeira, nem de ordem psicológica para o dia em que tiver que parar de trabalhar.
2. Tendo tido uma profissão que pensava nesse planejamento (para a aposentadoria) para si.
3. Tendo tido uma profissão que garantiria o status semelhante na aposentadoria.
4. Achando que vale a pena começar um planejamento financeiro desde cedo, se você não tiver se privando muito excessivamente de alguma coisa.
5. Achando que você deveria começar a se planejar financeiramente desde garoto, porque o pagamento é pequeno.
6. Achando que, no seu caso, ou há 5, 10 anos atrás, não faz muita diferença começar um planejamento financeiro.
7. Sendo o planejamento financeiro hoje, no seu caso, um esforço desmedido.
8. Achando que o planejamento financeiro perde o sentido, quando se atinge a faixa dos 50 anos de idade.
9. Sendo inócuo começar um planejamento financeiro mais tarde.
10. Não tendo rendimentos, quando se começa a fazer um planejamento mais tarde.
11. Pagando hoje por uma aposentadoria, perderá oportunidades enquanto ainda resta um certo poder de aproveitar alguma coisa.
12. Pagando uma quantia significativa para usufruir depois quando precisar comprar remédios.

13. Tendo ainda que ganhar dinheiro por enquanto.
14. Tendo ainda que trabalhar.
15. Sendo ainda filha de ex-combatente, ainda tem a possibilidade de ter a pensão do pai, caso ele morra antes.
16. Tendo o soldo do pai, ficará numa situação muito boa para as suas aspirações.
17. Não tendo mais energia para o consultório, pensaria em um plano de previdência privada, o que vê muitos colegas fazerem.
18. Aposentando-se você tem uma série de restrições financeiras.
19. Pensando que também se tem muitas despesas trabalhando, o que poderia compensar as restrições financeiras da aposentadoria.
20. Não sendo a parte financeira a sua maior preocupação, mas a parte pessoal mesmo.
21. Podendo a aposentadoria ser resultado de um plano para o qual você pagou e uma hora em que você vai usufruir de uma poupança que você fez.
22. Não pensando em receber nenhum recurso da aposentadoria oficial, mesmo deixando de pagar para começar a receber porque achar que isso ainda está longe do seu pensamento.
23. Sendo necessário fazer um programa para a aposentadoria.
24. Pretendendo se aposentar com "X" idade, é preciso saber o que vai fazer, como vai viver, se capitalizou o suficiente para não depender mais de trabalho.
25. Tendo que programar para saber se conseguiu acumular uma renda com a qual consiga sobreviver sem ter que trabalhar.
26. Considerando sustentar o fato de ter dinheiro para viver da forma que vive hoje.
27. Considerando sustentar, ter dinheiro para viver do jeito que gosta.
28. Pensando que a preparação das pessoas que gostam de suas rotinas deve ser tanto no sentido financeiro quanto no psicológico.
29. Preparando-se financeiramente para a aposentadoria, embora ache que não precise de preparo nenhum.
30. Achando que a transição para a aposentadoria depende da idade e da condição financeira de cada um.
31. Achando que toda pessoa, desde que tenha condição financeira e desde que comece a trabalhar, tem que efetivamente planejar o futuro.
32. Achando que toda pessoa, desde que tenha condição financeira e desde que comece a trabalhar, deve começar a se organizar desde cedo pra que possa ter uma poupança no futuro.
33. Decidindo tomar a decisão pela aposentadoria, a pessoa deve ter condição financeira suficiente para usufruir esse momento.
34. Tendo que se levar em consideração a família, os filhos, a esposa e a própria cabeça, além da questão financeira.
35. Não pensando efetivamente em aposentadoria mas já tendo investimentos pessoais que espera que deem condições de manter seu padrão de vida, no momento em que achar adequada a aposentadoria.
36. Achando importante o preparo para a aposentadoria para ter, no futuro, condições mínimas para almejar seus objetivos.
37. Sendo a condição financeira importantíssima para se construir os objetivos que você almejou ao longo da vida.
38. Tendo um plano de previdência, as pessoas não precisam ter medo do futuro, como é o seu caso e o de seu marido.
39. Sendo os planos para o futuro levando em conta os planos de previdência que ela e o marido têm.
40. Estando organizado, você possivelmente já adquiriu alguns bens que não vai precisar adquirir depois de aposentado.
41. Dando uma tranquilidade você não ter que precisar adquirir bens depois de aposentado.
42. Sendo tranquilidade a gente saber que está aposentado e não precisar ficar igual a um monte de gente que pede dinheiro para um e para outro.
43. Sendo bom que se tenha uma estabilidade financeira para poder ficar legal na aposentadoria.
44. Estando bem na parte financeira, vai fazer na aposentadoria tudo que não pôde fazer durante o período em que estava trabalhando.
45. Podendo parcelar uma viagem em várias vezes porque você vai ter uma renda para garantir isso.
46. Tendo aposentadoria complementar, vai começar a curtir a vida e a fazer coisas que ainda não pôde fazer.
47. Indo para a aposentadoria, você já está estabilizado financeiramente.
48. Fazendo parte de uma geração que entrou atrasada no plano de previdência privada.
49. Tendo um plano de previdência do Banco do Brasil há 10 anos, o que é pouco tempo.
50. Costumando fazer planos, uns até meio irrealis.
51. Fazendo planos para os filhos.
52. Podendo a preparação ser comprar apartamento para alugar.
53. Tendo comprado alguns imóveis para complementar a sua renda.
54. Tendo feito uma previdência privada para complementar um pouco a sua aposentadoria.
55. Tentando se preparar para ter um dinheiro extra que, se não chegar à mesma quantia que recebe todo mês na ativa, pelo menos chegará próximo.

Vendo os outros

1. Vendo os amigos que sempre reclamam que estão aposentados.
2. Não conhecendo o lado das pessoas que não trabalham.
3. Vendo os amigos que sempre reclamam de que o tempo fica grande demais.
4. Vendo alguns amigos parando devagar.
5. Tendo amigos que começaram a apreciar o ócio, depois de aposentados.
6. Achando que os amigos aposentados que ainda têm vigor, aproveitam bem a vida.
7. Tendo amigos que começaram a fazer atividades na área esportiva ou entraram novamente para uma faculdade, que não tinha nada ver com o que faziam antes.
8. Tendo um amigo que entrou pra faculdade de Música para se aprimorar, sem nenhum interesse.
9. Não tendo amigos que já estejam muito parados ou restritos.
10. Tendo um amigo que mal se aposentou, praticamente no dia seguinte foi fazer uma viagem de um mês pela Europa.
11. Tendo um amigo que foi conhecer lugares que ele via no cinema.
12. Tendo a aposentadoria como algo que lembra o seu pai.
13. Tendo tido o pai uma realidade muito diferente da sua.
14. Sendo filho do segundo casamento do seu pai, ele se aposentou quando nasceu.
15. Sendo o pai funcionário público, ele recebia uma aposentadoria pequenininha.
16. Sendo o pai muito controlado, mesmo ganhando pouco, viajava todos os anos com a família para São Lourenço, Poços de Caldas, Águas de Lindóia.
17. Vendo o pai fazer uma reserva pra viajar, mesmo ganhando pouco.
18. Entendendo a vida pelo que outros passaram, o que não é muito fácil.
19. Tendo sido o pai aposentado desde sempre, ele foi muito presente em sua vida.
20. Tendo imagens diversas de pessoas aposentadas.
21. Conhecendo pessoas aposentadas que estão felizes da vida porque têm tempo para si e para os netos.
22. Conhecendo pessoas que estão felizes porque podem “estragnar” os netos, o que não podiam fazer com os filhos.
23. Conhecendo também pessoas que estão inoperantes, sem ter o que fazer, que só vão pra praça.
24. Conhecendo pessoas que procuram o que fazer.
25. Tendo a imagem da pessoa que continua trabalhando por necessidade, para complementar renda.
26. Conhecendo pessoas que continuam trabalhando por necessidade.
27. Conhecendo pessoas que continuam trabalhando para ter uma ocupação ou uma renda extra para atingir determinada meta.
28. Conhecendo pessoas que trabalham por 6 meses no consultório e param outros 6 só para viajar ou estudar, o que também gostaria de fazer
29. Tendo o seu pai se aposentado muito cedo, com um pouco menos de cinqüenta anos, já que era militar.
30. Fundando uma firma depois disso, o pai trabalhou até os setenta e cinco anos.
31. Sendo o pai um grande exemplo porque recomeçou e trabalhou.
32. Tendo sido importantíssimo para ele ter continuado a trabalhar
33. Achando que ele ter continuado a trabalhar contribuiu para ele não ser um velho chato.
34. Conhecendo outros militares em sua família que se aposentaram aos 50 anos, não fizeram mais nada e ficaram em casa, chatos.
35. Achando que quem se aposenta para não fazer nada fica doente, cheio de mazelas.
36. Tendo exemplos de pacientes que se aposentaram e são dependentes da tarja preta, da depressão.
37. Conhecendo pacientes que se recuperaram da depressão com trabalhos voluntários.
38. Havendo colegas que ficam em situação difícil, só com o que ganham do Ministério da Saúde, o que fica em torno de R\$ 2.200,00.
39. Tendo ouvido recentemente de pessoas que se aposentaram que é tudo ótimo.
40. Tendo visto o pai se aposentar.
41. Sendo o seu pai uma pessoa que dizia para ela nunca se aposentar, pois “quem se aposenta morre”, o que acabou acontecendo com ele.
42. Tendo o pai morrido com menos de dois anos de aposentadoria.
43. Tendo a mãe se aposentado, sendo pensionista e continuando firme e forte.
44. Nunca tendo a mãe trabalhado com carteira assinada.
45. Tendo a mãe sempre trabalhado com pai e nunca tendo ficado parada.
46. Sendo a mãe muito ativa, mesmo com quase 80 anos.
47. Achando que é fundamental ter alguma coisa para fazer, pois com o pai isso não aconteceu e ele acabou morrendo rápido.
48. Tendo sido a vida de aposentado do pai jogar carta na praça, o que o fazia se sentir muito mal.
49. Achando que não quer passar por nada disso, porque viu tudo isso acontecer com pai.
50. Tendo tido como exemplo o professor Rio Nogueira, que trabalhou até morrer (aos 85 anos).
51. Havendo pessoas que se acomodam bem com qualquer situação.

52. Havendo muitas pessoas que saem do trabalho e não conseguem enxergar nada do que aconteceu em volta.
53. Estando a sua esposa já aposentada, ela continua trabalhando, fazendo a mesma atividade que fazia.
54. Não tendo uma opinião formada sobre a vida de um aposentado.
55. Achando que todo mundo fala que está preparado, o que só a prática vai mostrar.
56. Achando que as pessoas que não estão satisfeitas com a aposentadoria, acharam que iam trabalhar a vida inteira.
57. Achando que as pessoas que não estão satisfeitas com a aposentadoria, deixaram para amanhã as coisas que teriam que fazer numa determinada hora, como curtir os filhos ou os netos, a casa, o marido, os amigos.
58. Achando então que não é a aposentadoria que frustra as pessoas, mas sim porque elas investem toda sua perspectiva de vida num futuro.
59. Estando aposentada, sua amiga está muito triste, achando que a vida dela não foi pra nada.
60. Nunca tendo tido a sua amiga uma satisfação no seu trabalho como a que tem.
61. Aposentando-se com uma mixaria, caso não tivesse largado o emprego público, e não gostando do que teria feito a vida inteira, iria se aposentar triste, assim como a sua amiga.
62. Vendo a sua amiga que se aposentou e está triste, acha que aposentadoria pode não ser um prêmio que se ganha.
63. Conhecendo pessoas que tinham uma vida normal e se aposentaram bem, jovens e acabaram caindo em decadência na aposentadoria.

Sobre a manutenção ou não do padrão de vida

1. Achando impróprio ter um luxo do qual não se pode desfrutar sempre.
2. Não achando o luxo muito apropriado.
3. Não sendo preciso ter muito excedente na sua vida, porque quanto mais se tem, mais se está querendo ter mais.
4. Sendo um milionário, a pessoa quer ter sempre mais, até mesmo pelo poder.
5. Já não estando muito longe do certo nível de exigência que esperava.
6. Já não tendo muitas aspirações de vida maiores do que as que têm.
7. Achando que quanto mais se ganha, mais coisas se almeja.
8. Tendo eliminado da sua vida os motivos muito artificiais.
9. Não comprando coisas que não pode comprar.
10. Pensando bem antes de comprar as coisas, tendo a consciência de que não se pode ter tudo.
11. Tendo as coisas do tamanho certo.
12. Imaginando estar com certo padrão de vida.
13. Imaginando ter filhos já crescidos, com uma renda razoável já estabelecida.
14. Sendo um desafio conseguir manter um determinado padrãozinho de vida, com essa crise toda.
15. Dependendo ainda do dinheiro que ganha com o trabalho.
16. Não achando uma boa situação ter que ajudar os filhos, embora ache que poderá fazê-lo.
17. Não vendo com bons olhos as pacientes que sustentam os filhos de 40 anos.
18. Podendo a pessoa ter uma vida legal na velhice, não pode porque está cobrindo despesa de filho.
19. Já sabendo os seus filhos que não poderão contar com ela para isso.
20. Não podendo pensar em perder o salário porque ainda tem muitos projetos para as filhas.
21. Sendo o maior problema da aposentadoria a dúvida de como se vai sobreviver.
22. Sendo a aposentadoria o que vai dar um subsídio para você poder manter o seu padrão de vida e continuar vivendo após o dia em que você não puder trabalhar mais.
23. Não podendo mais trabalhar, a pessoa terá a necessidade de sobreviver de alguma coisa e terá que ter uma complementação.
24. Nem todos conseguindo uma forma de complementar a sua aposentadoria para poder parar de trabalhar.
25. Não precisando ganhar uma grande quantia de dinheiro para parar de trabalhar, somente o suficiente para manter a vida que tem hoje trabalhando.
26. Não tendo a necessidade de ter um salário maior, só um que atenda às suas necessidades.
27. Achando que não largará o emprego em que falta mais tempo quando se aposentar no primeiro, porque no que falta mais tempo tem uma remuneração maior.
28. Sendo o consumo do aposentado muito baixo porque o poder aquisitivo da pessoa reduz quando ela se aposenta.
29. Achando que o aposentado pode diminuir seus gastos porque, se teve filhos, não tem mais que pagar escola, faculdade ou plano de saúde. – AD: 105
30. Achando que o aposentado pode vir a gastar mais com a própria saúde: médicos e medicamentos.
31. Ganhando menos o aposentado e tendo uma mudança em seus gastos, não sabe como essa equação se equilibra na aposentadoria.
32. Sendo uma vida administrada, uma vida essencialmente controlada, em que você tem condição financeira adequada para o seu tipo de padrão de vida.
33. Sendo uma vida administrada aquela em que você tem uma reserva suficiente para atender a algum tipo de emergência.

34. Sendo uma vida administrada aquela em que você não faz nenhum tipo de extravagância e pode contar com eventualidades.
35. Achando importante o preparo para a aposentadoria para manter o seu mínimo padrão de vida existente na vida profissional.
36. Relacionando estar aposentado com manter o padrão de vida.
37. Tendo condições mínimas e suficientes pra atender o padrão de vida que você exige pra estar aposentado.
38. Não mantendo o padrão de vida de uma pessoa ativa em condições financeiras precárias, mas atendendo a uma perspectiva de futuro.
39. Não sabendo se a despesa de um aposentado aumenta ou diminui.
40. Analisando sob o ponto de vista profissional, o custo que se tem no dia a dia de ir para o trabalho, em vestimenta, a despesa teoricamente diminui.
41. Almejando algum estilo de vida em que se tem um custo de vida maior do que o período profissional será necessário ter uma reserva financeira que dê condições.
42. Sendo a questão de se gastar mais ou menos relacionada ao que você espera da vida.
43. Sendo a pessoa mais ou menos orgulhosa na aposentadoria, isso não influenciará o seu padrão de vida ou o seu estilo de vida.
44. Achando que aposentadoria digna é um salário que você vai ter quando aposentado próximo ao que tem quando está trabalhando.
45. Não precisando ser igual o salário da aposentadoria ao salário da ativa.
46. Sendo o aspecto financeiro uma consequência da aposentadoria.
47. Não tendo a parte financeira resolvida você não pode aposentar e isso é muito sério.
48. Já tendo conquistado bens materiais necessários para viver tranquila.
49. Achando que se as pessoas se aposentarem e não continuarem a trabalhar, vão perder o seu poder aquisitivo.
50. Achando que se as pessoas se aposentarem e não continuarem a trabalhar, vão perder o seu poder de compra, dependendo da fase da vida em que se está.
51. Achando um horror e tendo medo de ver as coisas (padrão de vida) caírem com a aposentadoria.
52. Tendo escolaridade, a pessoa pode tentar ganhar um dinheiro extra para evitar a decadência.
53. Não tendo escolaridade, a pessoa não tem muita saída.
54. Não tendo escolaridade, a pessoa por exemplo não pode começar a encarar uma faxina, então fica sem saída.

Família: TRABALHO

Relação com o trabalho

1. Sendo o trabalho estimulante.
2. Achando que a vida de todo mundo é trabalhar pra comer e pra fazer alguma coisa.
3. Achando que o trabalho enche o dia, mas às vezes cansa e estressa.
4. Entendendo que a vida profissional foi muito boa.
5. Repetindo tudo na vida profissional.
6. Tendo satisfação e consciência da atividade que exerceu.
7. Sendo um objetivo, durante muito tempo, tornar-se General.
8. Tendo esse objetivo (ser General) interferido em sua vida ao longo do tempo.
9. Tendo tido chances de desviar-se desse objetivo (ser General) ao longo da vida por conta de outros desafios.
10. Tendo tido chances de melhoria financeira que não passaram pela cabeça porque o objetivo era ser General.
11. Tendo o objetivo de ser soldado para sempre e seguir carreira até o fim.
12. Tendo já brigado muito para ter subordinados e ser mandão.
13. Não gostando mais e evitando o destaque, os elogios.
14. Não fazendo questão de elogio, pois ele incomoda, é desnecessário.
15. Procurando sempre fazer a sua parte, sendo honesto consigo mesmo.
16. Achando que todos têm que praticar a paciência, a tolerância.
17. Sendo o trabalho a coisa mais importante na vida das pessoas, pois a vida de todo mundo é trabalhar.
18. Achando que a vida de todo mundo não deixa de ser trabalho.
19. Achando que deve ser estimulante programar o descanso, as férias, mas não sabendo fazer isso.
20. Não fazendo o trabalho pelo dinheiro, mas pelo prazer.
21. Achando que nunca teve a motivação pelo dinheiro.
22. Trabalhando no Exército, se trabalhasse mais ou menos ganharia a mesma coisa.
23. Achando que a vida do ser humano é o trabalho.
24. Achando que a vida do ser humano não é o trabalho formal, mas o fato de ter uma atividade, uma produção qualquer.
25. Sendo o trabalho uma produção qualquer como se conhece ou uma produção puramente mental.
26. Sendo o trabalho alguma coisa que "gere trabalho".

27. Sendo o trabalho alguma coisa que faça buscar um elo com a natureza original.
28. Sendo o trabalho alguma coisa que remeta às necessidades originais, quando não havia estoques.
29. Não se tendo a necessidade de um trabalho formal, mas tendo a necessidade de uma atividade qualquer para não ficar deitado em casa, consumido pelo ócio absoluto.
30. Sendo o trabalho o fato de ter alguma coisa pra fazer que dê motivação para a qual você viva.
31. Sendo necessário ter satisfação para fazer um trabalho.
32. Começando a não gerar satisfação, o trabalho incomoda.
33. Achando que se não está brincando, que é melhor voltar pra casa.
34. Achando que se o trabalho é só um emprego, que é melhor voltar pra casa porque não tem mais graça.
35. Achando que se o trabalho é só obrigação, que não vale mais a pena.
36. Achando que se o trabalho for só pra ganhar dinheiro ou para se superar, que não vale mais a pena.
37. Achando que a gente vai em frente se o trabalho causa dor ou chateia, mas se traz satisfação.
38. Sendo o trabalho só chatice, ele não vale a pena.
39. Sendo necessário fazer alguma coisa, pois o mundo exige que a gente coma.
40. Não fazendo as coisas deixando a natureza conduzir, a pessoa tem uma obrigação e não um trabalho.
41. Não se aprimorando, não fazendo o melhor, a pessoa compete para vencer ou derrotar, o que não é saudável.
42. Sentindo falta do trabalho porque gosta do que faz.
43. Achando que sentirá falta desse lado dinâmico do trabalho.
44. Tendo um cargo gerencial sempre foi muito de querer fazer as coisas certinhas, corretas.
45. Cobrando-se muito.
46. Cobrando muito das pessoas.
47. Tendo um cargo gerencial você tem um comprometimento.
48. Pesando pra caramba a responsabilidade gerencial.
49. Sendo poder diferente de responsabilidade.
50. Gerenciando, tendo poder e sendo muito cobrado.
51. Prestando muito as contas de tudo o que é feito.
52. Refazendo coisas já feitas que não agradaram.
53. Achando que o papel do trabalho é prover o sustento.
54. Sendo também o papel do trabalho a questão do prazer.
55. Não adiantando trabalhar sem um pingo de prazer.
56. Não vivendo para trabalhar, mas trabalhando para viver.
57. Procurando fazer bem o que faz, já que trabalha para viver.
58. Achando muito ruim atrapalhar o trabalho dos outros.
59. Achando que está lúcida, que está fazendo as coisas corretas, que está com pique, vai fazendo.
60. Sendo a sua relação com o trabalho prazerosa.
61. Tendo sido sempre prazerosa, mesmo na emergência com aquela confusão, com o corre-corre.
62. Nunca sentindo o peso (do trabalho), mesmo tendo filhos, para quem dava atenção.
63. Achando que tudo vai por conta do amor do que você faz.
64. Fazendo com prazer, você consegue administrar tudo, até quatro empregos.
65. Fazendo bastante uma coisa que deu uma base boa.
66. Acreditando em recompensas financeiras.
67. Achando que o trabalho que se ganha melhor é aquele trabalho que você gosta de fazer, seja ele qual for.
68. Havendo pessoas que têm trabalhos que pagam muito mas que elas odeiam.
69. Odiando o trabalho, aquilo não vai dar certo em médio e em longo prazos.
70. Odiando o trabalho, você vai virar um neurótico e vai gastar tudo num psiquiatra.
71. Vendo pessoas no seu consultório que largaram o emprego com 50 anos e estão fazendo uma faculdade que não dá dinheiro, mas onde a pessoa está super feliz.
72. Tendo o racional de você arrumar um emprego que pague bem.
73. Achando que a médio e longo prazo não dá certo você arrumar um emprego só porque paga bem.
74. Fazendo uma coisa porque gosta, mas que não dá dinheiro, você começa a fazer bem.
75. Fazendo alguma coisa bem, você faz sucesso e automaticamente vem o dinheiro.
76. Não abandonando a sua profissão nunca.
77. Achando que a profissão de médico é muito parecida com a de ator.
78. Não sendo O MÉDICO e sim UM MÉDICO.
79. Achando que a vaidade tem a ver com o perfil das pessoas, o que acontece em outras profissões também.
80. Não vendo o exercício da minha Medicina como poder sobre as outras pessoas.
81. Existindo essa fantasia sobre o médico, como se tivessem o poder da vida e da morte.
82. Havendo um agravante no seu caso, já que trabalha com Oncologia.
83. Estando cansada da inconstância que o trabalho traz.
84. Tendo tido uma boa relação com o trabalho ao longo de sua vida.

85. Tendo sempre trabalho muito.
86. Achando que se acostumou com a correria.
87. Não se sentindo bem quando está com pouco trabalho, o que também quase não acontece.
88. Não se sentindo bem quando está com pouca responsabilidade, começa a se sentir inútil.
89. Tendo sempre gostado muito de trabalhar.
90. Sendo o mais importante do trabalho você fazer bem aquilo que se propõe a fazer.
91. Havendo coisas que você acha que pode fazer bem, você tem que pegar e fazer bem.
92. Não adiantando fazer por fazer, porque isso não dá prazer.
93. Ficando angustiada quando não faz as coisas por prazer porque o tempo não passa.
94. Sendo o fazer bem o que dá uma sensação de realização.
95. Sendo o fazer bem e a realização as coisas mais importantes.
96. Sendo o dinheiro importante também.
97. Sendo a sensação de fazer bem alguma coisa melhor do que a sensação de satisfação que o dinheiro dá.
98. Achando hoje importante o trabalho que remunera, com uma flexibilidade maior de horário.
99. Achando que o trabalho ajuda as pessoas a se manterem ativas.
100. Associando trabalho a recompensa.
101. Achando que remuneração é uma recompensa importantíssima porque faz você evoluir e você sentir que valeu a pena.
102. Sendo a rotina de quem trabalha: acordar, trabalhar e voltar para casa.
103. Estando o significado do trabalho muito ligado ao seu modelo de vida.
104. Sendo o trabalho é uma coisa gratificante, principalmente quando se tem uma profissão.
105. Sendo o trabalho é uma coisa gratificante, principalmente quando você consegue realizar sonhos de pessoas, dentro da sua profissão.
106. Sendo trabalho você poder ser útil.
107. Não podendo se julgar útil com o seu trabalho, você não fica satisfeito.
108. Sendo a relação com o trabalho uma relação de satisfação.
109. Achando que quando se faz coisas das quais se gosta, você se dedica e aquilo vai se tornando mais fácil de ser feito.
110. Sendo as coisas ruins de serem feitas quando elas se tornam obrigatórias.
111. Sendo as coisas ruins de serem feitas quando você tem a obrigação de dar resultado.
112. Fazendo as coisas com prazer, o resultado aparece e é satisfatório.
113. Sendo mais importante do que a profissão, a satisfação com aquilo que você faz.
114. Sendo o balanço da sua vida profissional muito bom.
115. Preferindo não ter que trabalhar.
116. Trabalhando somente porque precisa.
117. Não trabalhando se não precisasse.
118. Tendo uma outra renda qualquer não trabalharia.
119. Não gostando de trabalhar.
120. Sendo o trabalho uma atividade absolutamente dispensável.
121. Só trabalhando porque precisa.
122. Não sendo o mais importante no trabalho ajudar outras pessoas.
123. Sendo o mais importante no trabalho a remuneração.
124. Achando importante ter prazer na vida, o que não necessariamente vem do trabalho.
125. Não sendo o trabalho totalmente penoso, ele dá algum prazer.
126. Substituindo com certeza o pouco de prazer que o trabalho dá por qualquer outra atividade.
127. Achando que as pessoas do seu convívio pensam justamente de forma contrária à sua, ou seja, têm um grande prazer no trabalho, sentem saudades do trabalho quando tiram férias.
128. Tendo certeza de que faria bem qualquer coisa que fizesse.
129. Sendo faxineira ou gerente ou qualquer outra coisa, faria da melhor forma possível porque é uma pessoa perfeccionista.
130. Sendo bastante segura quanto à qualidade do seu trabalho.
131. Sendo um trabalho que oferece uma boa remuneração, você tem facilidades que antes não tinha.
132. Sendo uma pessoa que trabalha porque precisa, não tem como viver sem o trabalho, já que precisa de dinheiro.
133. Já tendo acontecido várias vezes de abandonar alguns empregos por não estar gostando.
134. Não sendo uma coisa sofrida abandonar empregos dos quais não gosta.
135. Não sendo *Kamicaze*, ou seja, largando empregos quando já tinha outro em vista.
136. Não ficando presa a lugares onde não está a fim de estar.
137. Não ficando seduzida por um salário maior.
138. Permitindo-se ganhar um salário menor, tendo mais tempo livre.
139. Reduzindo, caso fosse possível e houvesse uma lei que fosse criada, o salário em 30% para trabalhar 2 horas a menos por dia.
140. Preferindo trabalhar menos tempo, mesmo que isso implicasse em ganhar menos.

141. Achando que as pessoas começam a pensar em mudar de vida ou ter uma outra atividade quando sua atividade profissional já não traz prazer suficiente e você já não consegue agüentar mais fazer o que você faz.
142. Sendo o trabalho mais uma etapa da vida.
143. Fazendo o trabalho parte da vida, das questões pessoais, profissionais e do ambiente em que você vive.
144. Sendo a sua relação de trabalho com momentos de felicidade, tristeza, de raiva, de amor.
145. Achando que as pessoas têm que se posicionar para que o trabalho seja uma atividade o mais prazerosa possível.
146. Tentando fazer com que o trabalho não interfira na vida pessoal.
147. Sendo o trabalho um momento normal e natural da sua vida.
148. Não sendo uma questão de separar vida pessoal da vida profissional, pois uma coisa não é separada da outra.
149. Não sendo favorável viver intensivamente para o trabalho se isso estiver prejudicando a vida pessoal com a família ou os momentos de lazer.
150. Não sendo dois momentos separados (o profissional e o pessoal), sendo dois elementos que têm que andar efetivamente em conjunto.
151. Sendo o trabalho o reflexo da vida pessoal.
152. Reagindo o trabalho de acordo com o momento que você está vivendo na sua vida.
153. Podendo ser o trabalho a causa ou até mesmo a consequência da sua vida.
154. Existindo um conjunto em que se você não estiver bem profissionalmente, você acaba não conseguindo trazer essa felicidade cem por cento pra sua vida pessoal.
155. Tendo que se sentir produtivo porque isso é inerente ao seu trabalho na área comercial.
156. Achando que todos têm que se motivar para se sentir produtivo e reconhecido no seu trabalho e na vida pessoal.
157. Não tendo nada a ver uma vida sem trabalho com uma vida sem objetivo ou meta.
158. Não tendo necessariamente a realização profissional impacto na vida de aposentado.
159. Trazendo a realização profissional impacto para a sua autoestima, no momento profissional.
160. Tendo sempre trabalhado em coisas que quis fazer.
161. Tendo uma realização muito grande.
162. Devendo ao trabalho tudo o que tem hoje, pois nunca teve facilidades.
163. Nunca tendo tido pai e mãe podendo ajudar, sempre trabalhou muito cedo.
164. Dando sempre muito valor ao trabalho, que deu a realização profissional, emocional e financeira.
165. Achando que trabalhar faz parte da vida.
166. Achando que o trabalho dignifica o homem.
167. Achando que o homem sem trabalho se sente inútil, inválido, não tem o retorno financeiro, emocional, moral.
168. Fazendo o trabalho com prazer, acreditando no que está fazendo, independente de que trabalho seja, você tem o retorno.
169. Trabalhando, é necessário curtir o trabalho.
170. Sendo o trabalho um instrumento que te desenvolve intelectualmente, emocionalmente e financeiramente.
171. Não sendo o trabalho a sua vida, apenas fazendo parte dela.
172. Havendo pessoas que passam por todas as fases antes de trabalhar: primário, ensino fundamental, faculdade.
173. Havendo pessoas que não passam por todas as fases antes de trabalhar, fazem só um curso técnico.
174. Achando que o que conta muito é você estar dentro das novas ideias do mercado, dos novos avanços na própria Administração.
175. Continuando a trabalhar até quando a quiserem, a chamarem para trabalhar.
176. Pegando um livro e estudando para fazer um concurso, se o mercado não a quiser mais e ela ainda quiser trabalhar.
177. Achando que hoje o mercado de trabalho tem pessoas muito jovens, o público mudou.
178. Não sendo antigamente o mercado tão sanguinário.
179. Achando que o público não pode sofrer essa pressão tão grande, porque não tem culpa do que está acontecendo.
180. Querendo ter a satisfação de ter feito um trabalho bom.
181. Repercutindo bem em si o trabalho bom que fez.
182. Vibrando muito com o trabalho, tendo realmente se encontrado com ele.
183. Achando que poucas pessoas têm essa mesma satisfação com o trabalho.
184. Sendo admirada pela sua amiga por gostar tanto do seu trabalho.
185. Sendo admirada pela sua amiga por ter deixado um emprego público para ir para uma empresa privada e para um trabalho mais desafiador.
186. Nunca mais parando de trabalhar no mercado, porque gosta muito.
187. Achando que a satisfação ou a insatisfação no trabalho reflete nas outras partes da vida de uma pessoa.
188. Achando que foi uma pessoa bem feliz na sua profissão.

Pontos positivos do trabalho

1. Sempre achando que sua vida no trabalho ia frutificar e frutificou.
2. Conseguindo ter sido útil, tendo sido capaz de fazer e sendo reconhecido por isso.
3. Tendo a satisfação de que, do ponto de vista profissional, as coisas aconteceram melhor do que esperava.

4. Gostando de sair para a rua para resolver, mexer, ter o que fazer.
5. Sendo gostoso o trabalho que dá satisfação.
6. Citando a frase de Lao-Tse: "arranje um trabalho que você goste de fazer, que vc não vai trabalhar nunca".
7. Tendo um trabalho que permite viajar muito conhecer outras pessoas, outros lugares, provar comidas gostosas.
8. Gostando do que faz, do lugar onde trabalha.
9. Achando que há lugares em que as cobranças são maiores do que as que têm.
10. Sendo o trabalho um prazer.
11. Dando a sensação de que contribuiu para a sociedade e que saiu na hora certa.
12. Tendo sempre trabalhado com muito prazer.
13. Trabalhando com o que você gosta, você não trabalha, você se diverte.
14. Tendo sempre se divertido muito no trabalho.
15. Sendo impressionante como nunca foi pesado o trabalho.
16. Tendo sido o trabalho sempre uma terapia.
17. Tendo se separado, ficou muito mal, e o trabalho foi uma das coisas que ajudou muito.
18. Achando que suas pacientes não gostariam que ela ficasse 6 meses fora.
19. Ficando satisfeita em saber que o que se faz com a paciente aqui no Brasil é o que o pessoal está fazendo no mundo, o que dá um retorno bom.
20. Juntando hoje as duas coisas: ganhando bem e fazendo o que gosta, numa situação mais livre.
21. Gostando de se sentir colaborando com alguma coisa.
22. Tendo que fazer bem as coisas, gostando do que faz.
23. Sentindo-se realizada com as coisas que fez no trabalho, apesar de todo sufoco que passou.
24. Não sentindo-se inferiorizada em termos de trabalho, com relação aos amigos de faculdade, porque tem consciência de que sabe bastante.
25. Não se arrependendo de sua carreira de atuária porque é interessante e legal.
26. Sendo o trabalho gratificante, quando você faz alguma coisa e as pessoas ficam satisfeitas
27. Sendo gratificante o fato de você trabalhar para que outras pessoas sejam recompensadas.
28. Sendo gratificante o agradecimento dessas pessoas que são recompensadas com o seu trabalho.
29. Tendo sido o trabalho sempre algo gratificante ao longo da vida.
30. Tendo começado a trabalhar cedo, aos 16 anos, sempre teve retorno no seu trabalho, o que sempre foi gratificante.
31. Sendo a relação com a profissão a melhor possível, em termos de trabalho e pessoal.
32. Tendo alcançado as coisas que nunca tinha programado para alcançar.
33. Tendo alcançado muitas coisas por dedicação, por trabalho.
34. Sendo colocado pelas pessoas em patamares que você não pediu para ficar, mas que você foi envolvido pela situação.
35. Sendo o reconhecimento, o retorno daquilo que você fez como trabalho.
36. Tendo certeza de que é uma boa profissional em suas atividades.
37. Sendo motivada e a ser uma boa profissional porque é uma pessoa perfeccionista.
38. Tendo também um feedback positivo das pessoas com quem trabalha ou que vêem seu trabalho em algum momento.
39. Lembrando de muitas coisas boas e ruins que o trabalho trouxe ao longo da vida.
40. Sendo as coisas boas as pessoas que você acaba conhecendo, que você acaba convivendo de forma agradável, fazendo relações independentes do ambiente de trabalho.
41. Sendo a melhor parte do trabalho o fato de a remuneração proporcioná-la de fazer as coisas que gosta de fazer.
42. Sendo coisas boas trazidas pelo trabalho: o relacionamento com as pessoas, o aprendizado, o contato com vários empresários de ramos de atividades diferentes, o conhecimento.
43. Ficando muito feliz de trabalhar porque pode ver o retorno direto, o que é muito positivo.
44. Achando que é uma privilegiada porque conseguiu no trabalho tudo isso.
45. Viajando para um lugar bacana, mesmo a trabalho, você tem que fazer com que aquele momento seja maravilhoso.
46. Tendo trazido o trabalho muita realização.
47. Tendo, com o trabalho, viajado muito, conhecido lugares que jamais imaginou conhecer.
48. Tendo, com o trabalho, a oportunidade de conhecer pessoas que jamais conheceria.
49. Tendo conseguido com o trabalho tudo o que tem: carro, casa, a oportunidade de dar educação aos filhos.
50. Tendo conseguido com o trabalho alegria de curtir a vida mesmo trabalhando.
51. Tendo podido com o trabalho, viajar, passear, fazer cursos.
52. Conhecendo intelectualmente coisas novas com o trabalho.
53. Lidando, no trabalho, com um lado social, que adora.
54. Ajudando no trabalho as pessoas a construir um futuro, o que é gratificante já que sempre quis fazer alguma coisa ligada a área humana.
55. Colocando numa balança, considera que o trabalho deu 90% de alegria e 10% de preocupação.
56. Gostando muito do seu trabalho.
57. Sendo uma coisa boa, a satisfação pessoal de saber que eu fez e entregou um bom trabalho.
58. Tendo superado bem os problemas, estando por isso realizada.

Pontos negativos do trabalho

1. Não sendo a satisfação plena porque entrou para o Exército para ser General, mas parou de trabalhar antes, mudou de atividade.
2. Não tendo sido legal todas as vezes em que se sentiu conduzido.
3. Não gostando de ser vítima de nenhum interesse econômico, sobretudo quando busca o conhecimento.
4. Não gostando de ser conduzido por se sentir caindo em um curral.
5. Sentindo-se uma vítima quando é conduzido, mesmo que outra pessoa esteja ganhando o seu sustento com isso.
6. Não sendo de reclamar muito, geralmente se arrepende quando reclama.
7. Havendo coisas no trabalho que já não gostaria mais de fazer, mas é obrigado.
8. Achando que ganhava menos do que merecia, como todo mundo que trabalha acha.
9. Gerando ansiedade, o trabalho que não dá satisfação.
10. Sendo estressante administrar as diferentes reações das pessoas.
11. Tendo problemas, como teria em qualquer outro lugar.
12. Incomodando o fato de não dispor dos recursos necessários para fazer bem feito o que tem que fazer.
13. Sendo trabalhar na emergência algo que não dava mais prazer, dava medo, por causa do perigo, da violência.
14. Passando por certas desilusões e insatisfações, vê-se afastada do seu trabalho atual, mas não necessariamente aposentada.
15. Estando cansada de não conseguir planejar a vida com nada extra porque os horários nunca são do seu domínio.
16. Tendo hoje que cumprir que as regras de trabalho.
17. Não gostando de se sentir inútil.
18. Sentindo que cada vez mais as pessoas te dão menos valor porque as pessoas conhecem cada vez menos e cada vez mais não reconhecem o trabalho.
19. Não achando que a vida profissional tenha sido ruim, mas que poderia ter sido melhor.
20. Sentindo-se inferiorizada em termos de remuneração e reconhecimento, com relação aos amigos de faculdade.
21. Achando que o seu trabalho não tem estrutura e não valoriza a sua profissão.
22. Achando que parou em um lugar que não dá o devido reconhecimento.
23. Achando que tem o reconhecimento individual do seu trabalho, mas não tem um reconhecimento profissional da sua área.
24. Achando que por mais que o reconhecimento individual seja bom, você esbarra no reconhecimento profissional de uma maneira geral e fica sem meios de evoluir.
25. Achando que a sua carreira não é boa em seu local de trabalho e que pessoas boas vão embora pela falta de perspectiva.
26. Perdendo o contato com as pessoas que estão do outro lado o profissional de odontologia.
27. Não vivendo num mar de rosas no ambiente de trabalho.
28. Não vendo nenhuma possibilidade de o trabalho ser só prazeroso.
29. Lembrando de muitas coisas boas e ruins que o trabalho trouxe ao longo da vida.
30. Sendo as coisas ruins os problemas de relacionamento interpessoal no trabalho.
31. Usufruindo o trabalho de uma parte da sua vida pessoal.
32. Estressando-se bastante por não ver o reconhecimento do seu trabalho realizado e por não ter alguma perspectiva de crescimento.
33. Sendo um trabalho complicado, por ser muito dinâmico e volta e meia estar em transição, numa eterna ebulição. F: 064
34. Sendo necessário você estar sempre refletindo pra saber até que ponto o trabalho está agregando ou prejudicando a sua vida pessoal.
35. Achando que o trabalho atrapalha muitas vezes a sua vida pessoal.
36. Achando que é errado atrapalhar a vida pessoal, mas tendo dificuldade para separar isso.
37. Não conseguindo desplugar se está mal no trabalho e começar uma nova vida em casa, por mais que tente e vice-versa.
38. Não podendo fazer tudo que se quer quando se está trabalhando por falta de tempo, de disponibilidade financeira, por conta de compromissos que você tem quando você está jovem, com família, com filhos, com o próprio trabalho.
39. Sendo o horário o único problema do trabalho.
40. Achando que não se trabalha oito horas especificamente, pois você começa às seis horas da manhã a se preparar para começar a trabalhar às oito e você sai do trabalho às seis e só chega em casa sete e meia, oito horas da noite.
41. Passando o dia inteiro em função do trabalho e viver não é só trabalhar.
42. Consumindo o trabalho hoje em dia mais do que 70% do tempo.
43. Sendo o trabalho muito egoísta, toma muito tempo pra ele.
44. Tendo que viajar, fica dois, três dias fora de casa em função do trabalho.
45. Tendo horários que não têm muita flexibilidade.
46. Havendo pessoas que continuam trabalhando, mesmo o trabalho sendo uma dificuldade.
47. Sendo pesado o trabalho, as pessoas já estão desgastadas, não rendem o melhor delas.

48. Achando que as pessoas que insistem em ficar no trabalho, mesmo o trabalho sendo pesado, ocupam o lugar de pessoas que poderiam estar fazendo muito melhor do que elas.
49. Achando que as pessoas que insistem em ficar no trabalho, mesmo o trabalho sendo pesado, não aproveitam as coisas boas que a vida tem.
50. Sendo uma pessoa extremamente organizada, séria, a sua palavra tem muito peso e o trabalho às vezes não dá muita opção para você decidir pelos outros.
51. Decidindo só por você, no trabalho, acaba assumindo responsabilidades que na realidade nem são suas.
52. Assumindo responsabilidades que não eram suas, o trabalho fez com que perdesse horas com os seus filhos.
53. Saindo muito cedo para trabalhar, deixava os filhos em casa.
54. Tendo com o trabalho preocupações, noites sem sono.
55. Achando que poderia estar muito melhor fisicamente, mas não teve tempo de caminhar ou fazer uma ginástica por causa do trabalho.
56. Sentindo-se às vezes muito cansada por causa do trabalho.
57. Havendo hoje, dentro das próprias empresas privadas, um clima de disputa, de competição muito forte.
58. Entendendo a pressão que os clientes sofrem em suas empresas, mas não entendendo que eles passem essa pressão para o fornecedor.
59. Acontecendo grosserias, devido à falta de informação porque as pessoas também têm pouco tempo.
60. Havendo hoje um prazo curto para fazer as coisas e tendo que cobrar super barato para estar na concorrência.
61. Ninguém mais se perguntando se a qualidade do trabalho está boa, se os resultados foram verificados.
62. Achando que há cada vez menos pessoas que entendem realmente o que estão fazendo, que entendem do assunto.
63. Tendo pouca experiência, as pessoas muito jovens sofrem uma pressão grande e passam essa pressão para você, fornecedor, com uma agressividade muito forte.
64. Havendo hoje em dia não uma, mas várias pessoas muito agressivas.
65. Sendo o cliente mal humorado, que reclama, um banho de água fria.
66. Sendo o ruim do trabalho, a falta de tempo para se dedicar à família.
67. Tendo um dia horrível no trabalho, brigando com B, C, D, você encara seu marido com mau humor, seus filhos também.
68. Sendo horrível ter uma fase ruim no trabalho, refletindo isso na sua vida particular.

Sobre os desafios

1. Começando a ser impulsionado para outros desafios, mudou de atividade.
2. Sendo desafio fazer um troço novo.
3. Sendo desafio poder quebrar a rotina.
4. Sendo desafio sair daquilo que é habitual e fazer alguma coisa nova.
5. Não tendo, às vezes, nada a ver com a sua área de atuação (o algo novo).
6. Estando tudo bem se a pessoa fizer algo que não tem nada a ver com a sua área de atuação.
7. Sentindo ainda muitos ímpetos quando eu está motivado, principalmente no trabalho.
8. Havendo coisas no trabalho que tem muita vontade de fazer e que, quando acontecem, motivam.
9. Achando que o trabalho pode ser substituído.
10. Achando que tem muita coisa para deixar, e tendo material e vivência para escrever um livro, está começando a esboçar um na cabeça.
11. Conhecendo professores riquíssimos que vêm trabalhar no Pedro Ernesto todos os dias, provavelmente não pelo salário.
12. Ficando o paciente que tem câncer muito fragilizado e infantilizado, não pode deixar o paciente com câncer virar um bebê em sua mão.
13. Não tendo condições de fazer tudo que te dão, você deve negociar.
14. Procurando viver em locais onde tenham pessoas que tornam a convivência mais agradável do que ficar sozinho o dia todo quando sai do trabalho.
15. Estando as duas "vidas" (profissional e pessoal) linkadas, você tem que tentar equilibrar esses dois lados para maximizar esses momentos.
16. Trabalhando, é necessário tentar resolver os problemas.
17. Trabalhando, é necessário pedir ajuda para resolver os problemas e ser feliz.
18. Estudando porque não tem nada que a impeça de fazer um concurso público.
19. Sendo hoje tudo instantâneo, tudo para ontem, com o preço lá embaixo.
20. Achando que cada vez mais as coisas vão ficar rapidinhas.
21. Sendo o mais difícil hoje no mercado de trabalho, enfrentar pessoas com pouca experiência, com pouco conhecimento do assunto que estão lidando.
22. Sabendo que apareceu uma técnica nova, vai atrás, não desiste, está sempre lendo.
23. Procurando sempre se atualizar.
24. Querendo entender, perguntar, questionar.
25. Tendo tido coragem de largar tudo para fazer outra coisa da qual gostaria mais.

Profissão e atividades do trabalho

1. Viajando muito a trabalho.
2. Tendo um trabalho que, por outro lado, não permite ter uma rotina, como estudar.
3. Sendo cobrado pela função gerencial que desempenha.
4. Sendo o pai Administrador, copiou seu exemplo e seguiu a mesma profissão.
5. Tendo tido dois tipos de vivência diferentes na medicina: a emergência e o consultório.
6. Tendo trabalhado 25 anos na emergência.
7. Sendo diferente o trabalho que desenvolve na Universidade, onde a maioria dos homens sai na compulsória (aos 70 anos) e as mulheres com sessenta e três, sessenta e quatro anos.
8. Fazendo trinta e três anos de formada, encontra pessoas médicas que foram suas professoras.
9. Mudando o tipo de trabalho que se faz na Universidade.
10. Tendo no início da carreira um trabalho mais físico, de entrar em centro cirúrgico todos os dias.
11. Dando aula, uma parte do trabalho, uma maneira de ensinar, é a prática, fazer ambulatório.
12. Tendo 4 empregos uma época: dois plantões por semana, um plantão na quarta-feira na emergência durante vinte e cinco anos e durante dez anos, plantão na maternidade do IASERJ aos domingos.
13. Sendo jovem, tinha quatro empregos: o Pedro Ernesto, o IASERJ, a emergência e mais um consultório que também é um emprego.
14. Trabalhando de domingo a domingo porque era aquela coisa da formação do edifício.
15. Tendo começado a trabalhar em uma consultoria, que é uma ralação.
16. Sendo o ritmo de trabalho muito intenso, mas muito compartilhado.
17. Tendo escolhido uma profissão que ninguém conhecia na época (Atuária).
18. Achando que poderia não ter ficado tanto tempo na consultoria porque consome muito tempo de ralação e dá pouco tempo de aprendizagem, pois você fica muito no operacional.
19. Achando que foi bom e que aprendeu muito na Consultoria, mas o que aprendeu em 11 anos poderia ter aprendido em 3.
20. Tendo deixado de aprender outras coisas para aprender o dia a dia da Consultoria, onde o serviço era maçante e foi muito explorada.
21. Não sabendo se escolheu certo a profissão de atuária.
22. Já tendo decidido enquanto ainda estudava que deixaria de ser professora para ser atuária.
23. Tendo feito o curso Normal só porque tinha que fazer um 2º Grau porque era um curso que dava uma habilitação para conseguir um emprego, o que conseguiu logo que se formou.
24. Tendo feito faculdade já trabalhando, pois se não conseguisse um emprego como atuária já tinha algo garantido.
25. Tendo esperado só a faculdade terminar para desistir de ser professora.
26. Tendo sido a profissão de professora só uma pontezinha para conseguir o que realmente queria, o que aconteceu assim que teve uma chance.
27. Achando que naquele momento de sua vida a escolha pela profissão de atuária foi a melhor opção.
28. Não sendo uma carreira (atuária) que recomendaria para suas filhas porque elas têm conhecimento, oportunidades e opções que não tinha, no seu caso.
29. Tendo sido uma profissão no seu caso, porque não tinha tantas opções, o que não acontece no caso das filhas.
30. Sendo a Odontologia a profissão que escolheu.
31. Não tendo começado a trabalhar como dentista.
32. Tendo sido uma porção de coisas na vida até ser cirurgião dentista, como representante comercial, por exemplo.
33. Estando satisfeito com a função que exerce no momento (Presidente do CRO-RJ).
34. Achando que a profissão Odontologia tem características muito próprias, como o isolamento do profissional.
35. Estando o profissional de odontologia acostumado a trabalhar sozinho, ou no máximo com uma pessoa ajudando, dentro de quatro paredes.
36. Estando satisfeita com a sua profissão.
37. Achando que os percalços que tem no ambiente de trabalho são inerentes à vida profissional.
38. Não tendo a concepção de que se tivesse escolhido outra profissão ou que se trabalhasse em um lugar diferente seria maravilhoso.
39. Tendo feito concurso público, soube da inscrição, fez a prova e passou, sem ter estudado meses, anos.
40. Não almejando um concurso por meses e anos e ficar estudando meses e anos para conseguir aquilo.
41. Comparando-se hoje com outros profissionais que fazem a mesma atividade, fica evidente a qualidade do seu trabalho.
42. Sendo enfermeira, tem uma profissão que permite ter dois ou mais empregos.
43. Tendo largado empregos, que não foram poucos, quando já tinha outro com o qual ia conseguir se sustentar.
44. Podendo ter mais empregos do que tem, não fica correndo atrás de três ou mais empregos, como alguns colegas de profissão só para ter um salário maior.
45. Considerando que trabalha como qualquer outra pessoa.
46. Tendo momentos de altos e baixos em sua vida profissional.
47. Tendo momentos em que está mais motivado e momentos em que está um pouco mais decepcionado.

48. Tendo a sua atividade profissional tem pressão absurda, extremamente reconhecida no mercado.
49. Tendo uma pressão absurda, ao mesmo tempo gosta do que faz, o que acaba estressando bastante.
50. Podendo mudar o horário de trabalho para 6 horas, não se aposentaria tão cedo.
51. Trabalhando hoje em uma área mais administrativa, lida com gente o tempo todo, o que é extremamente gratificante.
52. Não tendo tido frustrações com o trabalho, mas preocupações.
53. Tendo um emprego que deu estabilidade, tranqüilidade e segurança para criar os filhos e realizar seus sonhos enquanto adulta.
54. Não se sentindo tão avançada na Administração, apesar de ser atendida, muito informada, ler muito.
55. Lidando com os clientes que reclamam, pondera com eles que não passaria por cima deles, já que tem mais de 25 anos de experiência na área.
56. Entendendo, com a experiência, que os clientes mudam de ideia, mudam de *briefing*.
57. Colocando seu ponto de vista para os clientes, para que eles respeitem o que fala, já que tem muitos anos de experiência e faz o seu trabalho seriamente.
58. Tendo muita experiência por estar há muitos anos na mesma atividade.
59. Achando que ainda hoje aparecem coisas novas, como o fato de o cliente mudar o *briefing* na última hora.
60. Entendendo que os clientes também passam por situações difíceis em suas empresas.
61. Sendo apaixonada pelo que faz, sempre procura ler coisas novas, se atualizar.
62. Não se incomodando de ficar até mais tarde, se for preciso.
63. Sempre levando trabalho para casa no final de semana, sem se incomodar com isso.
64. Querendo que o cliente fique satisfeito.
65. Estando acostumada a gerenciar equipes.
66. Tendo estudado Engenharia Química na Faculdade, fez Mestrado em Administração de Empresas e mudou de área porque gostou muito.
67. Tendo uma amiga que também fez Engenharia Química e que nunca trocou de área e que ficou muito triste ao se aposentar.
68. Trabalhando no Instituto do Açúcar e do Alcool, na parte de Engenharia Química, saiu porque era muita corrupção.
69. Pedindo então demissão para trabalhar na Mesbla, na área de mercado.
70. Estando satisfeita com a sua decisão porque ganharia muito pouco e não teria construído a metade do que construiu.

Relacionamentos de trabalho

1. Tendo reconhecimento no seu círculo de amizades.
2. Achando que os relacionamentos podem diminuir na aposentadoria.
3. Achando que os relacionamentos são mais intensos, na medida em que você tem mais atividades.
4. Achando que os relacionamentos vão diminuir quando você não tiver mais os grupos de interesse que tinha.
5. Não se importando muito com os outros em outros tempos e hoje se esforçando pelo contrário.
6. Esforçando-se para igualar-se aos outros.
7. Não fazendo a sua parte, as pessoas complicam a vida dos outros.
8. Havendo certos desmandos que entristecem, mais do que aborrecem.
9. Achando que talvez vá sentir falta do convívio das pessoas quando estiver aposentado.
10. Sentindo falta dos relacionamentos que tem hoje.
11. Tendo um convívio legal no trabalho, sentirá falta dos relacionamentos, apesar dos problemas que sempre ocorrem.
12. Sendo o trabalho o convívio com as pessoas.
13. Sendo o trabalho a oportunidade de viajar, conhecer lugares, fazer relacionamento com pessoas distantes, enfim, conhecer novas pessoas.
14. Achando que sentiria dos relacionamentos do trabalho.
15. Sendo o setor em que trabalha muito animado.
16. Achando que o setor em que trabalha é muito animado porque o ritmo de trabalho é intenso.
17. Sendo o divertido o contato, por mais que seja trabalho.
18. Tendo sempre uma piada, uma brincadeira.
19. Achando que sentiria falta das brincadeiras, até porque a família é pequena.
20. Estando aposentado, acha que o que sentirá mais falta é das pessoas que estão ao entorno.
21. Trabalhando, você tem um grupo de pessoas que estão ao redor de você e que movimentam aquele dia.
22. Sendo as pessoas, aquilo que movimento o trabalho, os resultados.
23. Sendo as pessoas lembradas quando estão presentes.
24. Gostando de lembrar das pessoas que passaram.
25. Não sendo comum o fato de as pessoas lembrarem das pessoas que passaram.
26. Não sentindo falta do convívio com as pessoas do trabalho porque convive com pessoas outras muito mais interessantes do que as com que convive no trabalho.
27. Aparecendo uma pessoa "mala" na vida pessoa, simplesmente não convive mais com ela, evita a sua presença, não podendo deixar de conviver com a pessoa "mala" que aparece no trabalho.

28. Tendo, no trabalho, que conviver, discutir, chegar a um consenso com pessoas que são absolutamente diferentes de você e que pensam diferente de você.
29. Sendo muito difícil chegar ao consenso com pessoas muito diferentes no trabalho.
30. Não tendo como fugir, no trabalho, de encarar e conviver com pessoas absolutamente diferentes de si mesma.
31. Tentando criar um ambiente de trabalho favorável.
32. Achando que, uma vez aposentado, sentiria mais falta do contato com as pessoas, tanto do ambiente de trabalho, quanto dos próprios clientes.
33. Sentindo mais falta do relacionamento interpessoal com as pessoas.
34. Achando que, na aposentadoria, sentirá falta de uma conversa inteligente, de interagir em conjunto pra trazer a melhor solução possível pra aquele caso.
35. Sendo abençoada, pois sempre lidou com gente, o que adora fazer.
36. Tendo construído amigos no trabalho.
37. Construindo amigos, não necessariamente você precisa estar com eles todos os dias.
38. Podendo fazer parte da vida desses amigos mesmo estando aposentado.
39. Podendo ser convidado para uma festa na casa daquele seu amigo, saber como os amigos estão.
40. Podendo marcar algum encontro com os amigos fora do expediente.
41. Sendo a amizade no trabalho extremamente importante.
42. Tendo feito grandes amigos no trabalho, que vai levar para o resto da vida.
43. Não sendo então porque não vai estar trabalhando que a amizade vai diminuir.
44. Achando muito importante no trabalho você aprender com o outro a ceder, a respeitar.
45. Sendo importante você ver que outros são melhores do que você e que outros são piores, mas que tudo compõe, acrescenta no trabalho.
46. Sendo a união disso tudo necessária para que a atividade ocorra.
47. Achando que as relações no trabalho são relações diferentes da relação familiar.
48. Tendo a relação familiar muito de proteção, de cumplicidade, porque corre sangue na veia, não tendo isso no trabalho, você consegue encontrar pessoas com os mesmos valores que você.
49. Encontrando no trabalho pessoas com o mesmo objetivo de vida, isso é muito gratificante, é tudo de bom.
50. Tendo sido sempre fui muito leal com meus clientes, não passa ninguém pra trás.
51. Sendo leal aos seus clientes, que são o seu ganha pão.
52. Tendo antigamente as pessoas mais um espelho em si do que nas outras.
53. Gostando das pessoas mais jovens com que trabalha.
54. Gostando de gerenciar uma equipe, sobretudo no atual trabalho aonde são só 5 pessoas, que ficam bastante próximas, unidas.
55. Adorando lidar com pessoas.
56. Sendo o relacionamento uma coisa boa que o trabalho trouxe.
57. Achando que deixar a sua equipe será o mais doloroso quando tiver que deixar de trabalhar.
58. Achando que o pior será deixar de conviver com as pessoas, de ter esse contato.
59. Sendo o contato com as pessoas o que sentiu mais falta quando, há 4 anos, saiu do antigo trabalho.
60. Tendo tido altos e baixos, conflitos com pessoas, problemas.

Outras atividades que tem, além do trabalho

1. Ajudando muito na criação dos três filhos.
2. Já interferindo muito nos problemas domésticos.
3. Já estudando História paralelamente à Medicina.
4. Tendo outros interesses além da medicina.
5. Achando que dá para diversificar fora da Medicina.
6. Sendo o Mestrado um emprego também.
7. Havendo pessoas que falam: eu sou médico, pronto e acabou, não achando que as coisas são assim dessa forma.
8. Existindo muito esse tipo de médico no passado.
9. Sendo médica, é também mãe, gosta de História, de cinema, de um monte de outras coisas.
10. Sendo a solução a ampliação de interesses.
11. Tendo o mundo tem muita coisa para oferecer, você tem que querer aproveitar.
12. Não sabendo fazer nada muito diferente disso (o trabalho atual).
13. Sabendo fazer bolo, o que não dá dinheiro, mas dá muito trabalho.
14. Achando que qualquer coisa que faça tem que ser nessa linha mesmo (do trabalho atual).
15. Não achando que teria dificuldade em se adaptar a outra profissão.
16. Havendo uma série de profissões em que poderia se adaptar.
17. Sendo importante na vida ter outros objetivos que não os profissionais.
18. Não precisando ter um trabalho remunerado, mas um trabalho voluntário com pessoas carentes que faria conforme a sua vontade.

19. Podendo vir a trabalhar em outro lugar ou mudar de área profissional.
20. Não pretendendo hoje mudar de área, mas estando aberta se de repente aparecer alguma oportunidade que naquele momento a atraia.
21. Achando importante que as pessoas tenham objetivo em outras áreas, que não a carreira: pessoal, saúde, religião.
22. Tendo objetivos diversificados influencia totalmente uma aposentadoria tranquila, pois faz parte de um contexto do seu futuro.
23. Conseguindo fazer cursos extras que não tinham nada a ver com o trabalho, como de instrumentação cirúrgica, por exemplo.
24. Estudando aos sábados no curso de instrumentação cirúrgica, não fui a aluna número dez, porque não tinha tempo de estudar, de se dedicar.
25. Tendo muita alegria ao fazer o curso, pois só pôde fazê-lo graças ao seu trabalho.
26. Não trabalhando, não poderia ter feito o curso porque não poderia pagar, sendo esse o motivo de voltar atrás nenhum minuto.

Família: VIDA E APRENDIZADO

Aprendendo com a vida

1. Preferindo conhecer as coisas com calma, entendo um pouco sobre elas.
2. Preferindo conhecer lugares novos, quando conhece pessoas que moram lá.
3. Não achando graça em entrar por um lado da Capela Sistina e sair do outro, sem ver nada direito.
4. Não achando graça em ir a lugares só para dizer que foi.
5. Não achando graça em pagar um ingresso e entrar em fila, sem aproveitar a história que há por detrás das paredes.
6. Sendo preferível ficar mais tempo em um lugar para aprender as coisas como elas são.
7. Entendendo porque alguém fez as coisas daquela maneira, naquele contexto.
8. Sabendo que cada um segue a sua vida.
9. Não tendo fórmula para criar filho.
10. Não tendo fórmula para casamento dar certo.
11. Não tendo fórmula para ser feliz.
12. Parecendo meio filosófico mas sendo verdade que a vida é feita de tentativa e erro.
13. Pesando na balança, tomara que você tenha mais acertos do que erros.
14. Olhando para trás todo mundo vê que poderia ter feito algo diferente, mas não fez.
15. Não adiantando ficar no arrependimento.
16. Vivendo e aprendendo com a vida.
17. Amadurecendo com a vida.
18. Vendo a vida pelo olhar dos outros, como é a história de vida daquela pessoa.
19. Julgando pessoas o tempo todo, sem ter condições para isso.
20. Tendo como expandir seu conhecimento na Medicina.
21. Achando que a pessoa que acha que já sabe tudo não tem nada a ver.
22. Achando que se dá mais valor do que a maioria das pessoas normalmente se dá.
23. Achando que se dá muito valor porque sabe o quanto as coisas lhe custam e o quanto custa fazer as coisas como gosta.
24. Não sentindo mais tanta falta do reconhecimento porque ela mesma reconhece o valor do seu trabalho.
25. Achando que poderia ter aprendido mais em outros lugares porque só ralar não adianta.
26. Associando aprendizado a recompensa.
27. Achando que se tivesse mais informação ou mais pessoas para orientar, talvez que tivesse feito outra opção.
28. Havendo mudanças em sua vida, encara sem problema nenhum, mas não fica batalhando por aquilo.
29. Dando a tranqüilidade uma estabilidade, uma paz de espírito.
30. Achando então que enquanto você tem vida, você tem que construir alguma coisa para se orgulhar de você mesmo.

A vida como ela é

1. Tendo com a mulher um relacionamento muito legal.
2. Querendo fazer as coisas certinhas e corretas também dentro de casa.
3. Sendo uma pessoa responsável demais por natureza, desde que se entende por gente.
4. Tendo ficado órfão aos 15 anos, puxou para si a responsabilidade da casa.
5. Sendo natural em si se meter nas coisas, se impor, supervisionar.
6. Se metendo, se impondo, supervisionando também em casa.
7. Se metendo na vidas das crianças e na casa sem que isso traga atrito com a "Dona Encrenca".
8. Dando palpites em casa numa boa.
9. Continuando mais ocupado quem continuar no trabalho.

10. Continuando sem tanta disponibilidade de tempo para atender o outro que está aposentado, quem continuar no trabalho.
11. Tendo nascido quando o pai já tinha 58 anos de idade.
12. Tendo o pai plantado em si a sementinha de viajar, de fugir de vez em quando.
13. Lembrando muito do pai em viagens.
14. Tendo uma realidade bem diferente da do pai, já que era filho único e agora tem três filhos.
15. Tendo sido o pai organizado, é organizado também.
16. Não sabendo fazer nada em casa.
17. Ficando apaixonada pela Itália, que é pura História.
18. Achando, com relação aos filhos, que qualidade não é quantidade.
19. Estando hoje os filhos bem, ninguém está traumatizado porque sempre deu atenção.
20. Detendo o conhecimento, as pessoas acham que o Médico nunca deixará de ser Médico, mesmo que deixe a profissão.
21. Não tendo tido muita orientação na época em que era mais jovem, porque foi uma das poucas na família que conseguiu fazer uma faculdade.
22. Sendo a única pessoa de sua família que terminou a faculdade e trabalha numa área mais intelectual.
23. Gostando de ter dinheiro para morar no lugar que gosta.
24. Gostando de ter dinheiro para freqüentar os lugares que freqüenta.
25. Gostando de ter dinheiro para fazer as viagens que faz.
26. Não se preocupando com o fato de ter uma personalidade que muda de ideia a todo o momento.
27. Acontecendo muito por acaso as coisas em sua vida.
28. Não tendo que brigar muito por nada ou lutar muito por nada ou planejar muito nada em sua vida.
29. Nunca tendo acontecido esse tipo de coisa em sua vida (de ficar lutando muito tempo).
30. Achando que as pessoas que têm filhos têm que ser mais cautelosas do que ela mesma é.
31. Tendo filhos, as pessoas têm a preocupação daquele ser que depende de você.
32. Não invejando a preocupação das pessoas que têm filhos.
33. Dando graças a Deus de não ter ninguém que dependa dela.
34. Achando que quem tem filho está sujeito a ter uma vida mais arrumadinha, certinha.
35. Não sendo o tipo de pessoa que gosta de ser pego de surpresa, de sopetão.
36. Tentando administrar a vida para que ela seja mais ou menos controlada em termos financeiro e pessoal, de modo geral.
37. Não sendo avesso à mudança.
38. Sendo elementos essenciais tanto para a vida ativa como para a aposentadoria: família, paz, saúde, cultura, dinheiro.
39. Estando na idade para se aposentar, você já tem os filhos criados.
40. Tendo os filhos criados, esse é outro momento da sua vida.
41. Tendo dois filhos que estão com saúde e que já estão no mercado de trabalho.
42. Sendo uma preocupação a menos, ter os filhos com saúde e já no mercado de trabalho.
43. Sendo a vida só alegria.
44. Achando que viver é você se divertir, ficar com a família, cuidar do corpo, da beleza, é dar gargalhada, fazer exercício físico.
45. Achando que tem gente que passa a vida inteira e nunca se sente feliz.
46. Achando que tem gente que está sempre procurando alguma coisa que não sabe o que é.
47. Achando que quem está sempre procurando alguma coisa que não sabe o que é, não aproveita o que realmente tem.
48. Sendo a vida do ser humano é constituída de trabalho, de família, de amigos, de momentos de alegria, de momentos de tristeza, de realizações, de frustrações.
49. Sendo a sua família a estrutura para a pessoa que é hoje.
50. Tendo sido uma criança muito amada por pai, por mãe e por tias que viviam juntos.
51. Tendo casado cedo, continua casada até hoje.
52. Tendo casado com uma pessoa extremamente bacana, uma pessoa séria, uma pessoa digna, uma pessoa que tem os mesmos valores de vida que tem.
53. Tendo tido filhos cedo, exatamente como planejou.
54. Aposentando-se daqui a 4 anos, com 55 anos de idade e 30 anos de contribuição para o INSS, a filha estará com 17 anos e ainda não terá entrado para a Universidade.
55. Não tendo visto os filhos crescerem, nem lembrando muito bem de como eles eram quando eram pequenos.
56. Tendo um dia horrível no trabalho, você fica sem paciência para nada, fica em depressão.
57. Fazendo planos para os filhos.
58. Querendo passar seis meses na Europa e seis meses aqui no Brasil, quando a vida dos filhos já estiver arrumada.
59. Sendo uma pessoa feliz, de bem com a vida.
60. Chegando a uma situação financeira confortável, apesar da preocupação que tem devido às despesas muito grandes que tem por mês.

61. Achando que a despesa grande acabará quando os filhos estiverem encaminhados.
62. Estando os filhos encaminhados, estará, junto com o marido, preparada para o futuro.

Família: TEMPO

Significado do tempo

1. Prezando o tempo na nova fase de vida.
2. Sendo hoje uma realidade muito diferente: o momento, o tempo, o ambiente, as circunstâncias de 45 anos atrás.
3. Acreditando que o tempo afeta as pessoas.
4. Achando que o tempo faz toda a diferença.
5. Achando que o tempo é o senhor da razão.
6. Não sendo o relógio a coisa mais importante.
7. Achando que a vida do ser humano é composta por infância, adolescência e vida adulta.
8. Não tendo uma relação ruim com o tempo ou com o passar do tempo.
9. Achando que tudo tem a sua fase.
10. Tendo tudo a sua hora.
11. Tendo o tempo passado, o tempo presente e o tempo futuro, na verdade o tempo é um só.
12. Sendo mais importante o tempo no momento de agora.
13. Não lembrando do passado com tristeza ou com alegria em relação ao que já aconteceu.
14. Achando que o que vive agora é o mais importante.
15. Sendo o seu tempo o presente.
16. Tendo o tempo presente que ser bem vivido.
17. Achando que o tempo passa muito rápido.

Aproveitando o tempo

1. Querendo desfrutar um pouquinho a mais do tempo livre.
2. Querendo ter mais liberdade pra se ausentar por 1 semana inteira.
3. Querendo ter mais liberdade pra se ausentar por 15 dias.
4. Tendo a liberdade pra ter um tempo livre.
5. Achando que talvez a gente não saiba administrar bem o tempo.
6. Surgindo a ideia ou ilusão de que se terá mais tempo depois, quando não se tiver essa obrigação de trabalho.
7. Surgindo a ideia ou ilusão de que se terá mais tempo depois, quando não tiver que acordar tal hora.
8. Surgindo a ideia ou ilusão de que se terá mais tempo depois, quando não tiver que cumprir determinadas coisas naquele tempo restrito.
9. Achando que as pessoas aposentadas devem concretizar seus planos se antes o que as impedia era a falta de tempo.
10. Achando que se deve tirar um bom proveito do tempo.
11. Ficando com mais tempo, você redistribui seu tempo, você tem mais disponibilidade.
12. Tendo a sensação de que sempre aproveitou bem o tempo.
13. Achando que sempre distribuiu bem, sempre continuou estudando.
14. Sendo uma maluquice fazer 2 Residências ao mesmo tempo porque já era casada.
15. Achando que a sua relação com o tempo é a de viver todos os dias, aproveitando todos os dias o máximo possível.
16. Sendo o mais importante, você aproveitar bem o tempo do seu dia.
17. Sendo o mais importante que o seu dia seja rentável não financeiramente, mas de progresso, de aprendizado, de mudanças.
18. Achando que aproveitar o tempo significa horas de lazer.
19. Achando que aproveitar o tempo significa não estar em um dos dois ambientes de trabalho.
20. Achando que aproveitar o tempo significa fazer coisas que gosta: ir ao cinema, teatro, praia, viajar em férias ou em feriados, ir a bons restaurantes...
21. Tendo a pessoa que ter um momento pra tudo.
22. Não tendo tempo de fazer nem a caridade, porque sábado e domingo é o tempo que você tem para se dedicar à família, aos filhos, ao marido, à casa, às compras.
23. Sobrando pouco tempo por causa do trabalho.
24. Vivendo bem cada dia, ele te prepara para o dia seguinte.
25. Sendo o amanhã uma consequência de hoje, você tem que tentar aproveitar o máximo cada dia que você vive.
26. Não se tendo muito tempo para parar e olhar pro outro quando se está trabalhando.

Como o tempo afeta a vida

1. Tendo a minha realidade de vida muita correria: três filhos, mãe, cachorro, papagaio, periquito.
2. Morando no RJ, a gente mora longe do trabalho.
3. Consumindo o trânsito muito do nosso tempo também.

4. Ficando sempre aquela sensação de que falta tempo para fazer alguma coisa.
5. Tendo compromissos também no final de semana: cursos dos filhos, catecismo, etc...
6. Restringindo-se o tempo livre aos domingos.
7. Tendo uma rotina muito imprevisível, ficando sempre aquela sensação de falta de tempo.
8. Tendo projetos que acabam ficando pra trás.
9. Imaginando coisas que não se aprofundam porque você não tem tempo.
10. Imaginando coisas que ficam pra depois.
11. Achando então que o tempo tem tudo a ver com a vida, desde que você consiga fazer bom uso dele.
12. Não adiantando se arrepender, mas tentando ao longo do tempo ter um saldo positivo.
13. Não fazendo mais obstetrícia, então pode viajar, pois não precisa mais ficar preocupada com uma gestante que vai parir.
14. Achando que depende muito quando as pessoas dizem que não dá tempo.
15. Tendo aprendido muito com o tempo.
16. Achando que só se compreende as coisas depois que o tempo passa. -
17. Consistindo a vida mais adulta de um monte de direitos e obrigações.
18. Amadurecendo conforme o tempo vai passando.
19. Tendo mais experiência com o passar do tempo.
20. Não tendo problema com relação ao tempo.
21. Não tendo tempo de fazer o prazer, a alegria e outras coisas que a vida pode proporcionar.
22. Pensando que tudo que já viveu foi ótimo, valeu a pena, deu experiência para o hoje.
23. Achando que o presente bem vivido prepara o amanhã.
24. Sendo necessário ser feliz, porque você não sabe o que vai acontecer no dia de amanhã.
25. Tendo que resolver hoje porque hoje é o momento, já que você não sabe se vai acordar amanhã.
26. Achando que o que frustra as pessoas é porque elas não fazem nada para elas no presente.
27. Estando sempre muito ocupada, passou pouco tempo com os pais também, que ainda são vivos.
28. Achando que o tempo da família foi prejudicado pelo trabalho.
29. Não se arrependendo de ter dedicado muito tempo ao trabalho.

Olhando para o passado e mudando...

1. Achando legal fazer um balanço do que fez, tendo condições de continuar atendendo aos seus desejos e os de quem está contigo.
2. Sabendo que há coisas que poderiam ter sido feitas.
3. Sabendo que as coisas que não aconteceram devem ter tido algum motivo.
4. Nunca tendo tido arrependimento, faria tudo de novo com o maior prazer.
5. Achando que mudaria muitas coisas pela quais passou, se pudesse voltar no tempo.
6. Achando que reveria a opção pelo trabalho atual.
7. Achando que não teria ficado tanto tempo no primeiro emprego.
8. Não se arrependendo de nada que tenha feito na vida até hoje.
9. Não se arrependendo de nada, não voltaria atrás em nenhum momento.
10. Não ficando frustrada com o que não aconteceu.
11. Não ficando frustrada imaginando coisas impossíveis de acontecer.
12. Sendo os pais bem velhinhos, gostaria de ficar mais tempo com eles.
13. Não mudando em nada o passado, continuaria fazendo a mesma coisa.
14. Não mudando em nada o passado porque o trabalho dá uma satisfação muito grande.

Família: MATURIDADE E VELHICE

Sendo aposentadoria (ou a proximidade dela) sinônimo de velhice

1. Achando que o mais difícil é manter algumas atividades como obrigação.
2. Sendo velho e não poder trabalhar e ser substituído.
3. Perdendo o espaço porque sofreu a pressão da juventude.
4. Perdendo o espaço porque sofreu a pressão da tecnologia.
5. Tendo a decepção de que estão sendo cortados pedaços do seu potencial, à medida em que envelhece.
6. Tendo sido um alívio a aposentadoria da emergência, que emergência é um trabalho que demanda juventude.
7. Sendo um trabalho (a emergência, na Medicina) que demanda juventude, ele vai até uma certa idade.
8. Achando que deveria ter uma lei para ter um limite de idade para trabalhar na emergência. -
9. Tendo colegas que trabalharam na emergência com mais sessenta anos, o que acha um absurdo.
10. Não começando a ser útil porque você não tem mais disposição física. -
11. Não adiantando se aposentar, quando se está mais velho, mais experiente.

12. Mesmo sendo estudioso e estando lúcido, vai chegando uma hora que, mesmo que você se esforce o máximo, você vai ficando desatualizado.
13. Não achando justo com o paciente continuar trabalhando na hora em que começar a sentir, mesmo que tenha saúde.
14. Ficando pesado, por exemplo, ficar no consultório de uma às oito, mesmo ficando sentado.
15. Tendo tido um chefe que, perto de setenta anos, atrapalhava o serviço na maternidade, onde se demanda muita energia física do médico, tudo é emergência e é tudo é para ontem.
16. Atrapalhando porque, mesmo sendo o chefe, ele já tinha umas condutas antigas.
17. Precisando fazer uma manobra física, para ele já não dava, tendo que fazer força, ele já não conseguia..
18. Achando que esse reconhecimento da limitação não degrada você.
19. Podendo contribuir de outras maneiras, como professores que, com mais de 70 anos, se aposentaram pela compulsória e estão escrevendo livros.
20. Sendo escrever livros, uma forma de trabalho em que se passa a experiência e não se fica no centro cirúrgico operando.
21. Colocando um substituto há cinco anos na emergência porque sentiu que não tinha mais físico para fazer.
22. Tendo feito o último parto no ano passado (outubro – 2008).
23. Fazendo antes 18 partos por ano, passou a fazer 3.
24. Sendo uma etapa que passou, uma coisa concluída.
25. Ficando mais velhos, mais valorizados ficam os Médicos, assim como os Atores.
26. Ficando mais valorizados porque sabem mais, têm mais experiência.
27. Não ficando gagá, estando lúcidos, a Medicina é uma das poucas profissões que quanto mais velho você fica, mais valorizado você é.
28. Sendo o mesmo com o Ator, que não se aposenta, morre no palco.
29. Achando a profissão do Médico parecida com a do Ator, nesse sentido da experiência e do aposentar.
30. Associando aposentadoria à velhice.
31. Achando que para receber um benefício do governo, você tem que estar numa condição física em que não consiga trabalhar, o que significa ser velho.
32. Sendo a aposentadoria algo que remete você a um pensamento de idade avançada.
33. Sendo uma condição da aposentadoria você ter um determinado tempo de vida e trabalho que somados ao seu tempo de vida normal dá uma idade bastante significativa.
34. Sendo a aposentadoria bastante associada à velhice pelos nossos costumes, pelos nossos hábitos, pelos nossos passados.
35. Associando aposentadoria à velhice.
36. Considerando que a gente tem que trabalhar uma vida inteira para conseguir se aposentar, geralmente quando o cara se aposenta é porque está velho.
37. Tirando as pessoas que começaram a trabalhar muito cedo e que acabam se aposentando com cinqüenta e poucos anos, o que não é velhice, quem se aposenta está velho.
38. Achando que a velhice pode atrapalhar o futuro cor de rosa que imagina para a aposentadoria.
39. Achando que a velhice atrapalha a vida de todo mundo, seja ele um aposentado ou um cara que viveu de renda a vida inteira.
40. Achando que o que atrapalha para qualquer um é a velhice e não a aposentadoria.
41. Não podendo hoje em dia um aposentado ser considerado tão idoso, pois ainda está bastante ativo fisicamente.
42. Não achando que hoje aposentadoria seja sinônimo de velhice.
43. Não associando aposentadoria à velhice.
44. Não associando aposentadoria à idade, nem à velhice.
45. Associando, com certeza, aposentadoria à velhice.
46. Demorando a aposentadoria muito tempo para chegar, ninguém se aposenta tão jovem.
47. Associando-se aposentadoria ao pouco tempo de vida que resta para a pessoa.
48. Continuando no mercado de trabalho, você não tem tanto essa sensação de que resta pouco tempo de vida, após a aposentadoria.
49. Saindo do mercado de trabalho, vem a sensação de que terá pouco tempo para viver e com o dinheiro curto também. –
50. Não imaginando para o seu caso que, ao parar de trabalhar, terá pouco tempo de vida.

Sobre a Maturidade

51. Aprendendo com a idade que você já não pode mais fazer atividade física como fazia.
52. Começando a cair na introspecção desnecessária, excessiva (quando não se pode mais fazer as coisas que podia).
53. Achando que o mais difícil é não se render à preguiça.
54. Havendo a tendência você ir caindo cada vez mais e se tornando cada vez mais preguiçoso.
55. Não sabendo o que é envelhecer, o envelhecimento acontece de uma maneira mais acentuada.
56. Achando que, no seu caso, a velhice ainda não aconteceu de forma acentuada.
57. Tornando-se, no seu caso, a velhice mais sensível a partir dos 50 anos de idade.

58. Achando que a velhice fica mais sensível, como consequência de uma degradação provocada pela saúde.
59. Achando que, quando se imagina essas coisas antes (ficar repetitivo, doente), não se dá crédito para elas.)
60. Sendo um desafio arrumar o que fazer dentro dessa realidade, completamente diferente da que se tem, que é a de produzir.
61. Tendo já sido mais intransigente e inflexível.
62. Amadurecendo e aprendendo com o tempo.
63. Sendo a vida feita de tentativa e erro: você vive, adquire bens, erra e acerta.
64. Achando que a maturidade afeta a vida das pessoas.
65. Achando que as pessoas têm reações que não teriam, caso tivessem um pouco mais de maturidade.
66. Achando que a maturidade é a experiência, o provar.
67. Achando que as pessoas não sabem aproveitar as oportunidades por falta de experiência, por imaturidade, por ingenuidade.
68. Sendo então a maturidade uma decorrência da sua vida, do que se viveu.
69. Achando engraçado não estar com o sentimento de nostalgia.
70. Sabendo que cumpriu o seu papel, não sentindo nostalgia por causa disso.
71. Não tendo tido quem a orientasse, conhecendo o que conhece hoje, teria feito tudo diferente.
72. Tendo aos 23 anos uma série de restrições porque estava começando a vida, começando a se estruturar enquanto pessoa.
73. Já tendo, emocionalmente, na idade da aposentadoria, toda estrutura de vida.
74. Já sabendo na idade da aposentadoria quem você é, o que você quer, o que deu certo e o que não deu certo.
75. Associando aposentadoria à maturidade.
76. Chegando na aposentadoria, a pessoa já viveu alguns anos que deram experiência de vida para ajustar o que não foi bem feito e tentar melhorar.
77. Chegando na aposentadoria, você já tem experiência de vida para passar por várias situações e melhorar.
78. Sendo Maturidade você ficar feliz com você mesmo, mesmo sozinho.
79. Sendo Maturidade você sentar diante de uma televisão e ver o filme que você quer, a programação que você quer, desligar e dormir, desligar e tomar um sorvete, desligar e ir caminhar na praia.
80. Sendo Maturidade você fazer o que você tem vontade.
81. Sendo Maturidade você ter construído amigos que você possa pegar o telefone e ligar, conversar e chorar ou sorrir.
82. Sendo Maturidade você poder dividir com outras pessoas as suas experiências.
83. Achando que a experiência é muito boa para lidar com situações diferentes.
84. Achando que a experiência conta muito para lidar com os clientes.

Velhice e envelhecer

1. Achando que não poder mais fazer as coisas é o caminho da depressão.
2. Achando que a gente não sabe o que é envelhecer.
3. Não sabendo o que é envelhecer, as pessoas vão vivendo sempre com aquela realidade que é presente.
4. Descendo uma escada e sentindo o músculo dobrar sem querer, caso não venha mantendo os músculos ativos.
5. Sendo repetitivo ou esquecido fica parecendo um defeito quando se é mais jovem.
6. Achando que ser repetitivo ou esquecido é normal quando se é mais velho.
7. Achando que envelhecer é perder gradativamente o seu potencial.
8. Achando que envelhecer é perder, contra a sua vontade, a capacidade para fazer alguma coisa.
9. Achando que envelhecer é não poder mais jogar uma partida de tênis.
10. Achando que envelhecer é não poder mais correr.
11. Achando que envelhecer é não poder mais ir para a academia e ir ficando todo mole, flácido.
12. Achando que envelhecer é ver os músculos perdendo o tônus e não ter controle sobre isso.
13. Achando que envelhecer é não poder mais fazer coisas que você queria, por alguns motivos que se sobrepõem à sua vontade.
14. Sendo a velhice ameaçadora porque não a conhecemos.
15. Desprezando adquirir novos conhecimentos, quando se envelhece.
16. Ficando conservador quando se envelhece.
17. Achando que os grupos de amizade também diminuem porque as pessoas morrem.
18. Sendo os velhos mais fechados e menos brincalhões porque a mente vai ficando mais preguiçosa.
19. Estando mudando o conceito de velho.
20. Não tendo certeza se é bom as pessoas ficarem menos velhas devido à maior expectativa de vida.
21. Faltando o vigor físico para fazer certas coisas depois de um certo ponto.
22. Não sendo bom ficar velho só por ficar velho, só para ficar vivo.
23. Não tendo amigos perto dos 60, com restrições que impedem a sua movimentação.
24. Achando que os amigos de sua faixa etária acabam abruptamente: por motivo de saúde ou por um desgaste interior.
25. Acreditando que a vida tem fases: a pessoa amadurece e ao final encerra um ciclo.

26. Ficando mais velho, você vai selecionando e qualificando mais.
27. Tendo mais pessoas jovens fazendo partos por causa do pique.
28. Pensando a velhice de 2 formas: com e sem saúde.
29. Não importando a profissão que você teve, com uma velhice sem saúde.
30. Não tendo saúde na velhice, não importa quem você foi, mesmo um Diplomata.
31. Tendo saúde, o velho mantém essa capacidade intelectual.
32. Tendo saúde, o velho tenta transformar a velhice em coisas boas para ele e para as e pessoas que o rodeiam.
33. Tendo o seu pai 90 anos, é altamente lúcido e desenvolve as suas atividades intelectuais.
34. Tendo as pessoas na velhice uma limitação física, como andar de bengala.
35. Já estando muito velha para voltar a estudar.
36. Sendo o significado de velho não estar com uma idade avançada, o que é um sentido pejorativo, mas não conseguir mais estar em plena atividade.
37. Sendo o velho pejorativo uma pessoa que não presta para mais nada, que só pode mesmo usufruir, não pode contribuir.
38. Não dependendo o fato de ser velho de uma idade específica, mas de cada um, da condição de cada um de ter ou não capacidade de fazer alguma coisa.
39. Sendo a velhice deixar de ter a capacidade de desenvolver alguma coisa.
40. Não sendo a velhice ter a idade avançada.
41. Sendo velhice igual a idade avançada a definição do dicionário.
42. Achando que a velhice atrapalha tanto o pobre como o rico.
43. Achando que a velhice atrapalha na medida em que limita, apesar de hoje ser tão menos limitadora do que já foi no passado.
44. Sendo uma boa perspectiva o caráter menos limitador da velhice.
45. Sendo a velhice mais um componente, mais uma etapa de vida em que você vai agregando experiência.
46. Tendo as pessoas numa determinada idade medo do futuro.
47. Observando que hoje as pessoas estão envelhecendo a partir dos oitenta anos.
48. Achando que envelhecer significa ficar mais desanimado para fazer as coisas.
49. Vendendo hoje pessoas com 70 anos que têm energia e alegria, como a sua mãe.
50. Tendo tido uma infância bem legal, porque tem uma família muito legal.
51. Achando que as pessoas mais velhas nesse mercado de Administração, de Vendas não são tão valorizadas quanto as pessoas mais jovens.
52. Tendo a certeza de que a experiência também não conta muito.

Sendo a velhice ou a maturidade, no seu caso...

1. Começando a tomar consciência do que seria o envelhecimento, a partir dos 50 anos.
2. Não de imaginando perto da velhice antes dos 50 anos.
3. Não conseguindo se imaginar como um velho que não escuta.
4. Não conseguindo se imaginar como um velho que não entende.
5. Não conseguindo se imaginar como um cara que cai a toa.
6. Não conseguindo se imaginar tendo um joelho que dobra sem você esperar.
7. Já sentindo alguma dessas coisas a partir dos 50 anos.
8. Nunca imaginando essas coisas (ficar esquecido ou repetitivo) pra si mesmo.
9. Descobrimo tais coisas à medida que elas vão acontecendo.
10. Não sendo fácil entender histórias que não vivenciamos.
11. Perdendo uma noite de sono trabalhando, você já não recupera mais depois de uma certa idade.
12. Tendo um trabalho pesado no ambulatório, o que fica tudo certo se fisicamente você está jovem.
13. Estando mais velha, está mais na parte de ensino, de pesquisa.
14. Estando mais velha, só entra no centro cirúrgico de vez em quando, quando que entrar, quando é um caso interessa.
15. Vendendo muita gente jovem na maternidade fazendo partos, o que achou engraçado.
16. Formando-se aos 23 anos, decidiu que quando estivesse velha, o que imaginava que seria aos 50 anos, não faria mais obstetrícia.
17. Não querendo ficar igual a esse cara que fazia as coisas erradas e não enxergava.
18. Estando com 52 anos, achava que já estaria velhinha com essa idade.
19. Tendo realmente parado aos 50 anos (de fazer partos), como planejou.
20. Achando que a especialização agora pode ser de uma maneira mais madura.
21. Tendo já uma vivência de 30 anos, acha que não precisa mais fazer nada oficialmente.
22. Não precisando mais de um papel, fazendo porque quer.
23. Não sendo o seu pai Médico, mas pretende ficar como ele na velhice.
24. Sendo uma velhinha com saúde, pretende, ler e fazer coisas dentro da sua capacidade física.

25. Tentando na velhice que a sua lucidez permita não ser uma pessoa chata, que impõe a sua opinião só porque é mais velha.
26. Mirando-se no meu pai, que é incapaz de impor.
27. Achando que as pessoas não têm que falar a frase: “na minha época...”.
28. Não sabendo se é bom o cara com sessenta e poucos anos ter três empregos, como pode vir a ser o seu caso.
29. Achando que as pessoas têm, com a idade, que descomplicar a vida, manter o que interessa, o que dá prazer.
30. Priorizando hoje, no trabalho, a qualidade. Fazendo hoje o seu horário, não tendo mais nenhum chefe.
31. Pretendendo passar a velhice em Ipanema, passeando na praia e na Lagoa de bicicleta.
32. Vendo o passar do tempo com muito pesar.
33. Entristecendo com o envelhecimento.
34. Estando com 43 anos, acha que isso pode significar a metade da sua vida, o que a entristece e preocupa.
35. Tendo uma preocupação diferente com o envelhecimento do que tem com coisas reais, do dia a dia.
36. Estando a vida passando muito rápido, queria que passasse mais devagar, o que vê com pesar.
37. Não deixando de fazer nada em função da sua idade.
38. Tendo hoje alguns medos que não tinha, o que está ligado a possíveis acidentes.
39. Ponderando hoje algumas situações, principalmente em viagens, porque hoje tem mais medo da dor do que tinha no passado.
40. Ponderando a decisão de passar por algumas situações mais radicais porque hoje tem mais preocupação com a dor, o que nunca questionaria no passado.
41. Não sabendo se a maior preocupação com acidentes que tem hoje tem a ver com a idade.
42. Tendo ficado mais cautelosa depois de um acidente em que quebrou o dedo no areal em Genipabu.
43. Não sendo uma pessoa medrosa, mas tendo hoje mais cautela em algumas situações.
44. Não tendo problema para ficar velho e não enxergando isso ainda.
45. Tendo 47 anos de idade, está com saúde, esperando estar daqui pra frente também com saúde.
46. Estando ainda longe dos 70, chegando agora aos cinquenta, ainda tem uns vinte e cinco anos pela frente, então está bom demais.
47. Podendo, na Maturidade, ajudar o próximo, fazer alguma coisa em prol de outras pessoas.
48. Sabendo que com o envelhecimento, os anos vão passando e o futuro próximo é descansar.
49. Sentindo que, quando vai a uma reunião, a grande maioria das pessoas são mais novas do que ela.
50. Sendo a mais velha nos grupos em que está.
51. Mesmo sendo informada e estando com as antenas sempre ligadas, sente que está ficando muito mais velha do que as outras pessoas no mercado.
52. Olhando-se no espelho, não se vê velha.
53. Sendo diferente da maioria das pessoas: não se vê velha, sendo alegre.
54. Não tendo chegado ao ponto de se sentir velha, o que não sabe quando acontecerá.
55. Não tendo envelhecido completamente, conversa com as meninas do trabalho sem problemas.

Família: PLANOS PARA O FUTURO

Sonhos, objetivos, desafios

1. Tendo, ao longo da vida, alguns anseios.
2. Não conseguindo chegar lá em todos os anseios.
3. Achando que a gente sempre imagina tantas coisas.
4. Tendo o dia normal com alguns objetivos porque isso sempre tem que ter.
5. Achando muito difícil apontar os desafios para o futuro.
6. Sendo o desafio compatibilizar o ócio com as atividades.
7. Sendo um desafio deixar as atividades e assumir o ócio, sem parar completamente.
8. Estando sempre desafiado para sempre fazer alguma coisa.
9. Acalentando sonhos ao longo dos anos com a mulher.
10. Colocando como meta hoje as oportunidades para estar com a família, de conhecer algum lugar.
11. Colocando como meta o curtir agora, o pagar para viver.
12. Tendo como prioridade na vida tentar ter um retorno daquilo que, junto com a mulher, lutou e ralou pra conseguir.
13. Merecendo a contrapartida da vida depois de ter ralado muito.
14. Sendo curtir a vida o seu projeto, já que já tem uma casa e um carro e que não é ambicioso.
15. Tendo como desafio poder conquistar alguma coisa que você não pôde ao longo do tempo.
16. Achando que o verdadeiro desafio é encarar uma doença, o que não é o seu caso.
17. Achando que você compartilha metas com a pessoa com quem você compartilha os mesmos desejos, experiências e sentimentos.
18. Achando que a vontade de fazer as coisas vai surgindo naturalmente.
19. Tendo feito propostas que tiveram início, meio e fim.

20. Tendo o costume de fazer planos e sempre conseguindo chegar lá.
21. Conseguindo terminar as coisas, tudo custoso, nada de graça, sempre sozinha.
22. Sempre conseguindo terminar as coisas, graças a Deus.
23. Tendo sempre um sonho.
24. Estando sempre a cumprir alguma coisa.
25. Sendo um sinal de que você está viva ter um sonho.
26. Achando que a gente tem que ter sempre um sonho a realizar.
27. Tendo realizado todos a que se propôs.
28. Tendo que ter um motivador.
29. Tendo tido sempre sonhos realizáveis na Medicina, que é o que gosta de fazer.
30. Sendo o que dá vontade de viver os sonhos, propostas e propósitos.
31. Achando que se você não tem sonhos, propostas e propósitos não tem o que guardar.
32. Sendo a prioridade vida ter saúde, envelhecer com saúde.
33. Não tendo mais muitos projetos para si mesma porque estando no fim de carreira o que se quer mais é ver quem depende de você também estar encaminhado.
34. Tendo como projeto seu ver se consegue fazer alguma coisa para a transição para a aposentadoria, pra que não fique sem fazer nada.
35. Achando que tudo na vida vem em forma de objetivos.
36. Achando que cada um sempre tem que querer mais alguma coisa, mesmo que não seja do lado profissional.
37. Achando que você tem que estar sempre em movimento.
38. Achando que o movimento é que traz o resultado.
39. Estando ocupado, você se mantém ligado nas coisas que acontecem ao seu entorno.
40. Conseguindo viver bem com a sua personalidade, sem me preocupar com o futuro.
41. Não tendo meta de mudança, mas não se fechando às oportunidades.
42. Sendo a maior prioridade de sua vida ter prazer.
43. Procurando tem o máximo de prazer possível em sua vida.
44. Sendo a motivação parte de todo um contexto que reflete na sua vida.
45. Sendo as prioridades da sua vida continuar trabalhando, usufruindo e aproveitando esse momento de trabalho.
46. Sendo a pessoa sem objetivo e sem meta, uma pessoa sem rumo que não sabe o que vai fazer do futuro.
47. Achando que uma pessoa possa estar sem trabalho, mas estar usufruindo a vida, curtindo, viajando, aproveitando os momentos, de uma forma que consiga manter um mínimo padrão exigido.
48. Não tendo mais o que esperar da vida, se os filhos estão com saúde.
49. Programando-se para o futuro, sonhando, realizando.
50. Achando que quem não sonha, não realiza.
51. Sendo o sonho a coisa mais maravilhosa, pois você não paga por ele, ele não tem limites.
52. Achando que, no sonho, não tem nada que te segure.
53. Sendo possível imaginar mil coisas no sonho, dentro do que é possível realizar.
54. Sendo sua prioridade de vida estar viva para curtir tudo que tem na cabeça.
55. Sendo sua prioridade de vida continuar sonhando, planejando.
56. Tendo almejado tudo que realizou.
57. Não tendo perspectivas de conquistar muitas coisas, porque já construiu muito.
58. Sonhando, primeiro, bastante acordada.
59. Mentalizando primeiro e vendo as possibilidades., começa a correr atrás daquilo, aonde que vai conquistar aquilo, de que forma.
60. Passando o sonho a fazer tão parte da sua vida, que passa a não ser mais sonho, mas uma coisa ainda não realizada, uma meta.
61. Sendo essa uma fórmula para você conseguir atingir uma meta: primeiro você tem que sonhar, depois você tem que desejar e depois você tem que começar a realizar o que é necessário para você atingir.
62. Atingindo a sua meta, você tem que aproveitar, curtir, valorizar, porque senão a coisa perde o valor.
63. Sonhando em ir conquistando as coisas aos poucos.
64. Sendo importante sonhar, porque a gente sonha e procura construir aquele sonho, corre atrás, é isso que a gente faz o tempo todo.
65. Sendo a primeira prioridade da vida hoje ver o filho, que estuda Medicina, formado.

Fazendo planos concretos, tendo aspirações

1. Sendo a sua aspiração de vida, ter alguma atividade.
2. Sendo a sua aspiração de vida, ter um retiro, um canto para fazer reflexões e interpretações de leituras.
3. Sendo a sua aspiração de vida, aumentar a atividade cultural.
4. Pensando em ter uma atividade artística qualquer, como tocar algum instrumento.
5. Achando que a atividade artística permite abrir alguns caminhos que dão satisfação, pois alivia a ansiedade.

6. Fazendo só o planejamento de ter uma liberdade maior para curtir um pouquinho mais.
7. Já tendo planejado alguns lugares para os quais gostaria de viajar.
8. Achando que os relacionamentos podem continuar depois da aposentadoria.
9. Tendo como prioridade na vida ver os filhos criados.
10. Tendo como prioridade na vida ver os filhos fazendo faculdade, se formando.
11. Tendo como prioridade na vida ver os filhos conseguindo um bom emprego.
12. Tendo como prioridade na vida ver os filhos tocando a sua vida, vivendo com saúde.
13. Tendo como prioridade na vida curtir com a mulher.
14. Colocando como meta a vontade de viajar mais, de conhecer novos lugares, quando der, quando puder, quando tiver oportunidade.
15. Achando que as metas que tem colocado tem sido supridas.
16. Achando que vem conquistando as coisas ao longo do tempo.
17. Tendo tido como meta fazer uma viagem para o exterior com a família esse ano, o que foi conseguido.
18. Surgindo naturalmente a vontade de estudar, trabalhar, viajar ou adquirir alguma coisa.
19. Tentando uma renda adicional e trabalhando para que as coisas aconteçam, como a compra de um apartamento maior, por exemplo.
20. Apertando o cinto para fazer uma viagem ao exterior, comprar um carro novo ou fazer um curso qualquer.
21. Achando que as metas decorrem das necessidades e das ambições em função da vida.
22. Tendo conseguido atingir as metas que vem estabelecendo com a mulher.
23. Acreditando que suas metas não são muito ambiciosas, mas satisfatórias para si e para a mulher.
24. Planejando sempre tudo em sua vida.
25. Planejando para comprar o apartamento.
26. Planejando para comprar o consultório.
27. Planejando para fazer o Mestrado.
28. Resolvendo fazer Mestrado, resolveu fazer um Doutorado.
29. Não querendo fazer pós-doc, o que não vai acrescentar nada financeiramente e vai dar muito trabalho.
30. Querendo voltar no ano que vem a Milão para conhecer o maior centro de Oncologia da Europa.
31. Querendo usar o dinheiro de 6 meses de consultório para passear e conhecer outros hospitais, tudo dentro da profissão mesmo.
32. Querendo usar o dinheiro que ganha com a profissão para ter mais tempo para estudar.
33. Sendo prioridade de vida pessoal ver as filhas já encaminhadas com uma posição mais definida na vida.
34. Tendo investido muito no crescimento das filhas.
35. Pensando em mandar as filhas para estudar no exterior, o que é algo que requer o apoio do dinheiro.
36. Estando sempre buscando coisas mais fáceis de alcançar.
37. Alcançando um plano, você busca outros.
38. Fazendo um plano muito longo, você desanima quando tem uma dificuldade.
39. Achando que é possível alcançar os planos longos, mas que as pessoas desanimam com as dificuldades.
40. Realizando um plano a cada período, você consegue realizar mais planos.
41. Achando que você tem que fazer várias coisas ao mesmo tempo.
42. Achando que é importante fazer várias coisas ao mesmo tempo porque isso é que te mantém ocupado, com a mente trabalhando.
43. Tendo tido um dia chato no trabalho, procura ter prazer em algum momento, seja com a pessoa que gosta, em um chopp com os amigos, fazendo um dos programinhas de lazer de que gosta.
44. Tendo filhos, é necessário se planejar mais para não deixar outras pessoas desassistidas.
45. Sendo a prioridade vida conseguir trazer um bem-estar para a família.
46. Fazendo com que seu trabalho leve a uma vida mais agradável e feliz com a família.
47. Gostando de ter uma vida mais ou menos administrada.
48. Já tendo construído o que imaginava.
49. Costumando fazer planos.
50. Realizando tudo o que antes sonhou.
51. Tendo então uma meta, continua a correr atrás do que quer.
52. Correndo atrás do que quer, vai concluindo as possibilidades que, uma hora, se realizam.
53. Preparando-se agora e fazendo planos para a aposentadoria, que deve acontecer em um futuro próximo, daqui a uns três, quatro anos.
54. Já tendo mudado de apartamento várias vezes, mudará novamente para ficar mais perto da praia.
55. Sendo Medicina uma Faculdade cara, depois que ele se formar, a prioridade é coloca-lo no mercado de trabalho, ajudando no que for possível.
56. Ajudando depois a filha a também entrar para a Faculdade.
57. Sendo os 2 filhos a sua prioridade número 1.

Não fazendo planos

1. Não tendo pensado em planejamentos por uma mudança filosófica de vida.
2. Não planejando porque, de uma forma ou de outra, as coisas se ajustam.
3. Acreditando que as coisas vão se moldando, sem a necessidade de planos.
4. Acreditando que qualquer tipo de planejamento passa a ser uma coisa muito ansiosa, muito desnecessária.
5. Seguindo uma nova filosofia que diz que todas as coisas vão mais ou menos se acomodando.
6. Não tendo, a partir dessa filosofia, que ficar incrementando tanta coisa no seu dia a dia.
7. Não precisando ter esses objetivos muitos excedentes.
8. Não fazendo nenhum tipo de planejamento para o futuro.
9. Não planejando nada mas cultivando a ideia de dispor de mais tempo para fazer esse planejamento.
10. Não tendo uma meta definida, mas conquistando as coisas ao longo do tempo.
11. Não costumando fazer muitos planos.
12. Tendo uma personalidade que a faz mudar de ideia com facilidade, sem um planejamento muito fixo.
13. Não costumando fazer muitos planos para o futuro.
14. Esperando nunca ser na vida uma pessoa sem meta e sem rumo, o que considera uma pessoa perdida.

Prazos para os planos acontecerem

1. Tendo como objetivo, até bem pouco tempo, só o dia seguinte de trabalho.
2. Conseguindo atingir as metas de médio e curto prazo que tem colocado.
3. Achando que as metas decorrem das circunstâncias da vida.
4. Acreditando que as suas metas hoje são de médio prazo.
5. Não gostando de colocar coisas muito distantes de si.
6. Achando que cada um interpreta seus prazos à sua maneira.
7. Tendo feito uma viagem para o exterior há sete anos, acha que demorou para fazer outra novamente.
8. Colocando metas na frente de outras anteriores, em função das circunstâncias.
9. Sendo os seus planos curtos e imediatos.
10. Não tendo planos de longo prazo.
11. Não pensando em longo prazo porque acha que a gente está sempre buscando uma coisa melhor.
12. Mantendo-se vivo porque vive de uma forma em que pensa em cada dia de uma vez.
13. Buscando preencher todos os dias, todas as ansiedades daquele dia e no dia seguinte novamente.
14. Não costumando fazer planos de curto prazo, mas de médio e longo prazos.
15. Não fazendo planos de curto prazo porque sua vontade muda com muita facilidade.
16. Não tendo como fazer um plano de longo prazo porque daqui a algum tempo seu desejo pode ser absolutamente diferente do que é hoje.
17. Não fazendo planos de muito curto prazo.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)